



Universidade Estadual do Ceará

Germana Fontoura Holanda Hortêncio

UM ESTUDO DESCRITIVO DO PAPEL DOS
INTÉRPRETES DE LIBRAS NO ÂMBITO
ORGANIZACIONAL DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Fortaleza – Ceará

2005

Universidade Estadual do Ceará
Germana Fontoura Holanda Hortêncio

UM ESTUDO DESCRITIVO DO PAPEL DOS
INTÉRPRETES DE LIBRAS NO ÂMBITO
ORGANIZACIONAL DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Lingüística Aplicada. Área de Concentração: Tradução e Ensino/ Aprendizagem de L1 e L2.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Lúcia de Araújo Santiago

Fortaleza – Ceará
2005

Universidade Estadual do Ceará
Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada

Título do Trabalho: Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová

Autora: Germana Fontoura Holanda Hortêncio

Defesa em: 9/9/2005

Conceito obtido: Satisfatório

Nota obtida: 10,0 (com louvor)

Banca Examinadora

Vera Lúcia de Araújo Santiago, Prof^a. Dr^a.
Orientadora

Ana Célia Clementino Moura, Prof^a, Dr^a

1^a Examinadora

Laura Tey Iwakami, Prof^a, Dr^a

2^a Examinadora

À Elza Fontoura de Holanda, minha
mãe.

Agradecimentos

Sou extremamente grata a Jeová, o Dador de “toda boa dádiva e de todo presente perfeito” (Tiago 1:17), por conceder-me forças, para realizar e concluir este trabalho.

Sou muito grata ao meu marido, Paulo Hortêncio de Medeiros Neto, pelo apoio moral e técnico, sem o qual não teria conseguido ultrapassar os diversos obstáculos que me sobrevieram ao longo desses dois anos e meio.

Agradeço de coração à minha orientadora, Vera Lúcia de Araújo Santiago, pela dedicação e profissionalismo com que me tem assistido desde a graduação.

Agradeço aos intérpretes das duas congregações fortalezenses de LIBRAS das Testemunhas de Jeová – congregação José Bonifácio e congregação Conjunto Ceará - pela boa vontade com que se disponibilizaram para as filmagens e para a entrevista.

Agradeço aos membros surdos dessas congregações pela maneira paciente e alegre com que me ajudaram a conhecer um pouco mais a sua língua.

Desejo agradecer, também, à Associação Torre de Vigia das Testemunhas de Jeová pelas excelentes vídeotraduções em LIBRAS, as quais me ajudaram a apreciar ainda mais a riqueza e expressividade dessa língua.

RESUMO

O objetivo desse estudo é fornecer uma visão geral da atual situação da interpretação em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) em Fortaleza e descrever como tem sido realizada no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. As respostas às seguintes perguntas de pesquisa forneceram os subsídios para que esse objetivo pudesse ser atingido: 1. Qual o perfil dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza? 2. Quais as estratégias de interpretação dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová? 3. Qual o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová, e que treinamento recebem para exercer esse papel? Os instrumentos de pesquisa foram um questionário, filmagens e uma entrevista. O questionário sobre a identificação e experiência de trabalho dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza forneceu-nos os dados que nos possibilitaram traçar o perfil da classe, proporcionando-nos, assim, uma visão geral da situação da interpretação em LIBRAS nesta cidade. As filmagens tornaram possível a identificação e descrição das estratégias de interpretação de que fazem uso os intérpretes que atuam entre as Testemunhas de Jeová. A entrevista com o coordenador dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová de Fortaleza informou-nos sobre o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito daquela Organização, e sobre o treinamento recebido para o exercício desse papel. A análise do *corpus*, baseada no modelo adaptado dos Estudos Descritivos de Tradução (Toury, 1995) de Novais (2002), permitiu-nos chegar a importantes conclusões a respeito de como a interpretação em LIBRAS tem sido praticada no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. Concluimos que, ao contrário da tendência prevalecente alguns anos atrás, os intérpretes abandonaram o uso do português sinalizado em favor do uso da LIBRAS. A estratégia de naturalização, isto é, a tradução com a estrutura da língua de chegada, a LIBRAS, foi recorrente entre os intérpretes filmados.

Palavras-chave: LIBRAS, interpretação, intérprete de LIBRAS

ABSTRACT

The aim of this study is to provide a general view on the present situation of LIBRAS (Brazilian Sign Language) interpreting in Fortaleza, and to describe how this activity has been performed in the scope of the Organization of Jehovah's Witnesses. The data to the accomplishment of this aim was provided by the answers to the following questions: 1. What is the profile of the LIBRAS interpreters of Fortaleza? 2. What are the interpreting strategies of the LIBRAS interpreters of Jehovah's Witnesses? What is the role of LIBRAS interpreters in the scope of the Organization of Jehovah's Witnesses, and what training do they receive to perform their role? The research instruments were: a questionnaire, filming and an interview. The questionnaire on the identification and work experience of the LIBRAS interpreters of Fortaleza provided the data which enables us to write the profile of the class, and, at the same time, to furnish a general view on LIBRAS interpreting in this city. The filming provided the data for the identification and description of interpreting strategies employed by the LIBRAS interpreters of Jehovah's Witnesses. The interview with the coordinator of the LIBRAS interpreters of Jehovah's Witnesses in Fortaleza answered the question on the role of LIBRAS interpreters in the scope of that Organization, and the training they receive to perform their role. The analysis of this *corpus*, based on Novais' model (2002), an adaptation of the Descriptive Translation Studies' model, drew important conclusions on how LIBRAS interpreting has been performed in the scope of Jehovah's Witnesses in Fortaleza. Contrary to the behaviour prevailing in the past, the interpreters abandoned the use of Signaled Portuguese. The strategy of naturalization, that is, the translation with the structure of the target language, LIBRAS, was recurrent among the filmed interpreters.

Key words: LIBRAS, interpreting, LIBRAS interpreter

Sumário

Lista de Figuras	9
Introdução	10
1 Língua Brasileira de Sinais	14
1.1 Abordagens na Educação dos Surdos	19
1.1.1 Oralismo	20
1.1.2 Comunicação Total	22
1.1.3 Bilingüismo	24
1.2 A Estrutura da LIBRAS	25
2 A interpretação para os surdos	34
2.1 A interpretação	34
2.2 A pesquisa em interpretação	39
2.3 A interpretação em língua de sinais	41
2.4 A formação do intérprete de língua de sinais	44
3 A interpretação em LIBRAS em Fortaleza	49
3.1 Metodologia da pesquisa	49
3.1.1 Contexto da pesquisa	49
3.1.2 Sujeitos da pesquisa	51
3.1.3 Instrumentos de pesquisa	52
3.1.3.1 O Questionário	52
3.1.3.2 As filmagens	52
3.1.3.3 A entrevista	53
3.1.3.4 Procedimentos	53
3.2 Análise do perfil dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza	55
3.2.1 Análise dos questionários – O perfil dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza	56
3.2.2 Análise das filmagens – as estratégias de interpretação dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová	70
3.2.2.1 Omissão	72
3.2.2.2 Simplificação	77
3.2.2.3 Repetição	79
3.2.2.4 Uso de recursos visuais	80
3.2.2.5 Uso de perguntas retóricas para destacar idéias importantes, para prender a atenção e para estimular o raciocínio	82
3.2.2.6 Padronização	84
3.2.3 Análise da entrevista – O papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová	86
3.2.3.1 A entrevista	86
3.2.3.2 Discussão da entrevista	88
Considerações finais	91
Bibliografia	95
Anexos	100
Anexo I	101
Anexo II	102
Anexo III	103

Lista de Figuras

Figura 1. Alfabeto dactilológico	14
Figura 2. PREOCUPAD@	26
Figura 3. AVIÃO	27
Figura 4. 46 Configurações de mão da LIBRAS – Classificadores	29
Figura 5. Sentença afirmativa: Expressão facial neutra	31
Figura 6. Sentença interrogativa	31
Figura 7. Sentença interrogativa com pronome interrogativo	32
Figura 8. Intérprete de LIBRAS atuando em um congresso das Testemunhas de Jeová	60
Figura 9. Vídeo-tradução em LIBRAS de um dos cânticos do cancionero “Cantemos Louvores a Jeová”	80

Introdução

Por quase três décadas, a interpretação para os surdos foi desempenhada, em Fortaleza, por voluntários sem qualquer treinamento. Somente em 2002, após o reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em nível federal, a atividade de interpretação em LIBRAS, um dos tipos de interpretação para os surdos, passou a ser vista como atividade profissional, reconhecendo-se a necessidade de treinamento especializado para exercê-la. Porém, o reconhecimento oficial da profissão de intérprete de LIBRAS, em nível federal, estadual e municipal, na maior parte dos municípios e estados brasileiros, ainda está por acontecer. Esse é o caso do Ceará, de Fortaleza e dos demais municípios do estado.

Ao longo desses anos, a divulgação dos resultados de pesquisas interdisciplinares sobre surdez e sobre as línguas de sinais, realizadas no Brasil e em outros países, tem contribuído para a modificação gradual da visão de surdo compartilhada pela sociedade ouvinte em geral. Esses estudos têm classificado os surdos em duas categorias: os portadores de surdez patológica, normalmente adquirida em idade adulta; e aqueles cuja surdez é um traço fisiológico distintivo, não implicando, necessariamente, em deficiência neurológica ou mental; antes, caracterizando-os como integrantes de minorias lingüístico-culturais; este é o caso da maioria dos surdos congênitos.

O fato de integrarem um grupo lingüístico-cultural distinto da maioria lingüística do seu país de origem, equipara-os a imigrantes estrangeiros. Porém, o fato de não disporem do meio de recepção da língua oral, a audição, coloca-os em desvantagem em relação aos imigrantes, via de regra, ouvintes, com respeito ao aprendizado e desenvolvimento da fluência nessa língua. Essa situação *sui generis* justifica a necessidade da mediação dos intérpretes de línguas de sinais em um número infinito de contextos e situações do cotidiano dessas pessoas.

No caso específico dos surdos brasileiros, cuja língua materna de sinais é a LIBRAS, os intérpretes que os assistem são chamados de “Intérpretes de LIBRAS”. No Brasil, existem pelo menos duas situações em que a lei confere ao surdo o direito a intérprete de LIBRAS: nos depoimentos e julgamentos de surdos (área penal)¹; e no processo de inclusão de educandos surdos nas classes de ensino regular (área educacional). Nesse último caso, a referência à mediação desses intérpretes está implícita nos “serviços de apoio especializado” que a LDB² nº 9.394, de 20.12.96, Capítulo V, Art. 58, § 1º assegura que “haverá, quando necessário, [...] na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial”.

As concepções de ensino aos surdos também têm sofrido constantes modificações, à medida que os resultados de pesquisas interdisciplinares sobre surdez e educação de surdos têm recebido crescente divulgação. Devido a isso, atualmente, tem-se noção do mecanismo de aprendizado visual do surdo e reconhece-se sua condição bilíngüe-bicultural.

Contudo, o surdo é bilíngüe-bicultural no sentido de que convive diariamente com duas línguas e culturas: sua língua materna de sinais/ cultura surda e língua oral/ cultura ouvinte. No entanto, devido ao bloqueio auditivo, seu domínio da língua oral nunca poderá se equiparar ao domínio da sua língua materna de sinais, ainda que faça uso da leitura labial, visto que, essa técnica o habilita, quando muito, a perceber apenas os aspectos articulatórios da fonologia da língua. Daí sua enorme necessidade da mediação do intérprete de língua de sinais, ou de LIBRAS, em se tratando dos surdos brasileiros.

Em Fortaleza, onde se estima existirem 7.000 surdos, e o processo de inclusão sócio-educacional tem recebido ampla publicidade nos últimos meses, cresce a conscientização da necessidade e da demanda desses serviços. Em vista da recente conscientização da complexidade da atividade de interpretação LIBRAS/português entre os surdos, entre os próprios intérpretes e, também, entre as instituições que fazem uso dos serviços desses profissionais, é crescente a

¹ Código do Processo Penal Art. 192, parágrafo único.

² LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

preocupação com a qualidade dos serviços de interpretação oferecidos na cidade, independente de serem voluntários ou remunerados. Todavia, ainda não existem cursos universitários de interpretação em LIBRAS/ português na cidade.

Então, em vista de todos esses fatos, esta pesquisa visou conhecer a situação em que se encontra a interpretação do português para a LIBRAS, a chamada “interpretação em LIBRAS”, aqui em Fortaleza, para, por fim, focalizar a atenção na forma como está sendo praticada no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. Foram investigados os seguintes aspectos gerais relativos à situação da atividade de interpretação em LIBRAS nesta cidade: o perfil dos intérpretes que atuam em Fortaleza, incluindo, suas áreas de atuação, formação, condições de trabalho, dificuldades enfrentadas no exercício da profissão, e o tipo de treinamento recebido. Com respeito aos aspectos mais profundos da atividade, os que dizem respeito às estratégias de interpretação e ao papel dos intérpretes de LIBRAS, foram focalizadas as estratégias de interpretação e o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová.

Esta pesquisa baseou-se no modelo de Novais (2002), o qual é uma adaptação do modelo dos Estudos Descritivos de Tradução de Toury (1995). O objetivo dos Estudos Descritivos é chegar às normas que regem o processo tradutório, por meio da identificação das limitações impostas aos tradutores de uma comunidade. O *corpus* de Toury, de extensão considerável, compunha-se de traduções escritas. No caso de Novais (2002), o *corpus* de sua pesquisa constituiu-se de gravações de falas de intérpretes de tribunal durante audiências nos fóruns de Fortaleza, CE e de Boa Vista, RR.

Dada a diferença entre a extensão e a natureza do seu *corpus* e o de Toury, e, a fim de adotar o modelo dos Estudos Descritivos, foi necessário que Novais fizesse uma adaptação desse modelo. Por conseguinte, o objetivo da pesquisa de Novais passou a ser identificar estratégias ao invés de normas. No caso dessa pesquisa, cujo *corpus* é de natureza e extensão similares ao de Novais, foi utilizado seu modelo, porém com uma diferença: Novais utilizou gravações em áudio, a fim de reunir o *corpus*; já essa pesquisa fez uso de filmagens, dada a natureza visual-espacial da LIBRAS.

Os instrumentos da pesquisa foram: um questionário, filmagens e uma entrevista. O questionário exerceu a dupla função de suprir-nos com os dados que nos habilitariam a traçar o perfil dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza e a descrever, em linhas gerais, a atual situação da interpretação em LIBRAS nesta cidade. As filmagens objetivaram a identificação e descrição das estratégias de interpretação dos intérpretes de LIBRAS que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. A entrevista desempenhou a função de obter a resposta à pergunta sobre o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito da referida Organização, e o treinamento recebido para o desempenho desse papel .

Os quinze intérpretes que responderam ao questionário atuam em diferentes instituições religiosas, filantrópicas e educacionais de Fortaleza. Os oito intérpretes, filmados em pleno exercício da atividade de interpretação, têm como área de atuação o âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. O intérprete que foi entrevistado coordenou a atividade de interpretação português/LIBRAS entre as Testemunhas de Jeová de Fortaleza, no período de 2002 a 2004.

À partir dos dados nos questionários, foi possível identificar as áreas de atuação dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza, e, assim, selecionar os sujeitos das filmagens. A análise das filmagens, visando a identificação das estratégias de interpretação dos intérpretes que atuam entre as Testemunhas de Jeová, possibilitou conhecer um pouco a dinâmica da interpretação português-LIBRAS. Quanto à entrevista, esta desempenhou a função de fornecer-nos uma noção do papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová e do treinamento recebido para exercer esse papel.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro trata da LIBRAS. O segundo aborda a interpretação em LIBRAS. O terceiro contém a descrição da pesquisa e a discussão dos resultados obtidos.

1. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), assim como sugere o próprio nome, não é universal, mas a língua de sinais oficial do Brasil. Cada país possui sua própria língua de sinais oficial, variedades dessa língua e línguas de sinais não oficiais. Há registro da existência de, pelo menos, uma língua de sinais não-oficial aqui no Brasil, a língua de sinais da tribo Urubu-Kaapor do Maranhão (Goldfeld, 2001).

O costume de usar as mãos para soletrar palavras já era praticado na Antiguidade pelos egípcios, romanos, gregos e hebreus. Durante a Idade Média, monges beneditinos espanhóis, na tentativa de preservar seu voto de silêncio, inventaram um alfabeto dactilológico, ou manual, de uma só mão, a fim de se comunicarem entre si. Com o passar do tempo, baseados nesse alfabeto, surgiram, por toda a Europa, vários alfabetos dactilológicos de uma só mão e o alfabeto dactilológico de duas mãos, da Inglaterra. Mais tarde, por volta do século XVI, ouvintes, educadores de surdos, passaram a adotar estes alfabetos no seu ensino (Desperta! 1961).

O abade francês L'Épée, educador de surdos do século dezoito, combinou, no seu ensino, o alfabeto dactilológico dos monges beneditinos, sinais que aprendeu com os surdos nas ruas de Paris e língua francesa. Esse método de ensino, denominado "Método Combinado", deu origem à Língua Francesa de Sinais (Goldfeld, 2001). Mais tarde, esta língua migrou para a América do Norte, "onde foi ampliada, codificada e sistematizada", fornecendo, assim, a base para a estruturação das línguas de sinais, inclusive da LIBRAS (Desperta! 1961, p. 22, 23).

A difusão do alfabeto dactilológico de uma só mão entre os ouvintes gerou a pressuposição de que esse alfabeto é a própria língua de sinais, que há uma única língua de sinais e que essa língua é universal. No entanto, o alfabeto dactilológico é apenas um suplemento das línguas de sinais, cuja função é a soletração de palavras das línguas orais, tais como, nomes próprios, siglas,

empréstimos, etc. O alfabeto dactilológico usado atualmente no Brasil é um conjunto de 27 formatos, ou configurações diferentes de uma das mãos, cada configuração correspondendo a uma letra do alfabeto do português escrito, incluindo o “Ç”.

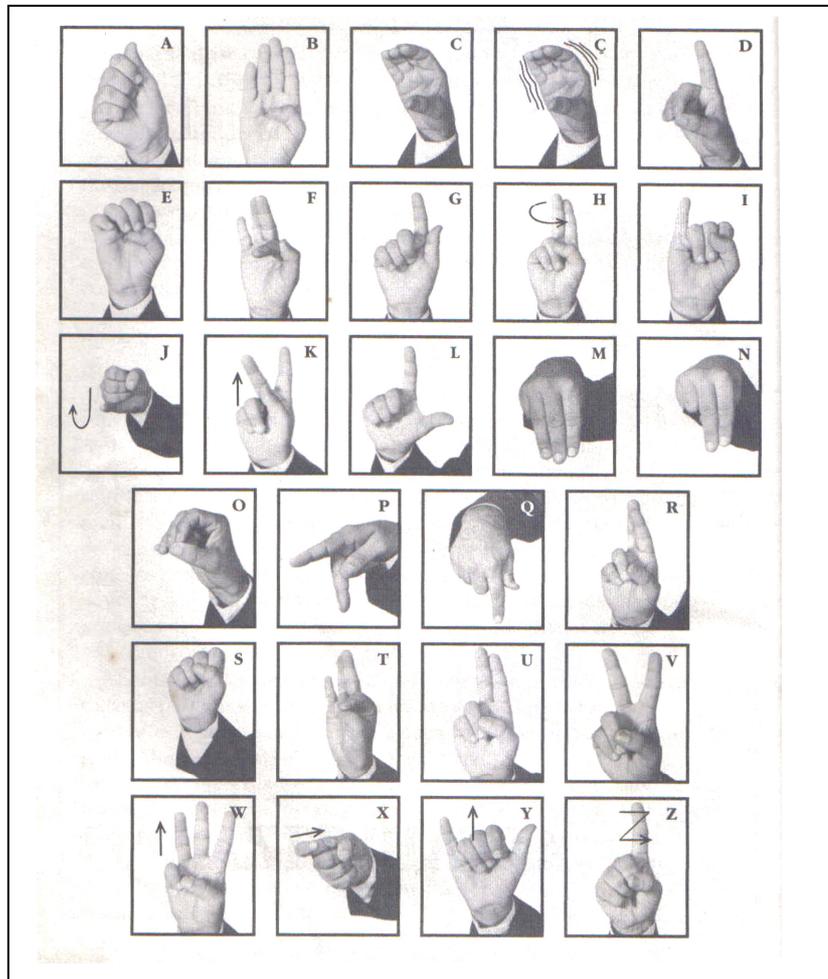


Figura 1 – alfabeto dactilológico

Crédito dessa figura: ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Linguagem de sinais.** Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. 1992. 8.

É comum aos ouvintes pressupor que as línguas de sinais sejam versões sinalizadas das línguas orais; por exemplo, muitos acreditam que a LIBRAS é a versão sinalizada do português; que a Língua Japonesa de Sinais é a versão sinalizada do japonês; que a Língua Americana de Sinais é a versão sinalizada do inglês; e assim por diante. No entanto, embora haja semelhanças ou aspectos comum entre as línguas de sinais, e entre as línguas de sinais e as orais, os chamados “universais lingüísticos”, as línguas de sinais são autônomas, possuindo peculiaridades que as distinguem umas das outras e das línguas orais. (INES, 2002) Na seção 1.2, serão discutidas com mais profundidade as peculiaridades da

LIBRAS, bem como as similaridades e diferenças entre a estrutura dessa língua e a do português.

O canal ou meio em que ocorre a emissão e recepção das línguas de sinais é o visual-espacial, em oposição ao oral-auditivo das línguas orais. A sinalização se dá no espaço entre os sinalizadores. Por isso, a fim de que os sinalizadores possam ver com nitidez a face, as mãos, os braços, enfim, todo o corpo um do outro, visto que, a forma de expressão visual-espacial das línguas de sinais exige o uso de todo o corpo do sinalizador, é imprescindível que o espaço de sinalização seja mantido desobstruído. Uma das maneiras de fazer isso é por evitar transitar ou interpor obstáculos entre os sinalizadores. Nas conferências e interpretações em língua de sinais para grandes assistências, faz-se necessária a ampliação da imagem do sinalizador por meio de projetores e telões, a fim de que os que ocupam os últimos assentos possam tirar proveito da conferência ou da interpretação.

Na década de sessenta, Stokoe, lingüista americano, realizou os primeiros estudos lingüísticos sobre as línguas de sinais, tomando como base a Língua Americana de Sinais, a *American Sign Language* (ASL). O resultado de suas pesquisas foi publicado na obra de sua autoria, intitulada *Sign Language Structure* (1960). Ele concluiu que a ASL está estruturada em níveis semelhantes aos das línguas orais, chegando a identificar os níveis sublexical e sintático dessas línguas. (Stokoe, 1960³, apud Pereira, 2002)

No nível sublexical ou morfológico, William Stokoe identificou três dos cinco parâmetros ou componentes dos sinais: configuração das mãos, localização ou ponto de articulação e movimento. Os cinco parâmetros serão definidos e exemplificados mais adiante, na seção 1.2. No nível sintático-semântico, ele percebeu que os sinais podiam ser combinados para formar sentenças coerentes.

A história da origem e evolução de cada língua de sinais está ligada a história da educação da comunidade surda sinalizadora nativa dessa língua. No

³ STOKOE, W. *Sign Language Structure*. Silver Springs, Maryland: Linstok Press, 1960.

Brasil, não foi senão no ano de 1856, com a chegada do conde Ernest Huet - surdo francês, educador de surdos - a convite de D. Pedro II, que teve início a história da educação dos surdos brasileiros e a história da LIBRAS. Huet trouxe consigo o alfabeto dactilológico francês e alguns sinais. Da combinação dos sinais e do alfabeto dactilológico trazidos por ele, com os sinais utilizados por surdos de diversas localidades brasileiras, originou-se a LIBRAS. (revista da FENEIS, ano III, nº 25)

No ano seguinte à chegada de Huet ao Brasil, 1857, é fundado, no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Em 1873, Flausino José da Gama, um dos alunos do antigo Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, faz a iconografia dos sinais. Porém, em 1880, educadores reunidos no Congresso Mundial de Educadores de Surdos, realizado em Milão, decidiram-se pela proibição do uso de sinais na educação dos surdos e pela adoção do Oralismo Puro⁴ (Revista da FENEIS, ano III, nº 25).

A decisão de abolir os sinais na educação dos surdos baseava-se na concepção de língua, detida, ainda hoje, pela maioria dos lingüistas, como sendo, exclusivamente, a língua oral. À luz dessa concepção, os sinais são meras “mímicas”, sem qualquer valor lingüístico, que precisam ser evitados, a todo custo, a fim de que o aprendizado da língua oral, por parte do surdo, não seja estorvado.

Em 1911, a direção do INES estabeleceu que todas as disciplinas do currículo da instituição seriam ministradas em língua portuguesa. Apesar disso, a língua de sinais continuou a ser usada em sala de aula até 1957, quando foi proibida oficialmente pela diretora Ana Rímola de Faria Doria, assessorada pela professora Alpia Couto. Todavia, os surdos continuaram a utilizá-la nos pátios e corredores da escola. (Reis, 1992⁵, apud Goldfeld, 2001).

⁴ O “Oralismo Puro” é uma abordagem educacional para os surdos que será o objeto da seção 1.1.1.

⁵ REIS, V.P.F. A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias. Dissertação de Mestrado. UFES, 1992.

No final da década de setenta, a professora Ivete Vasconcelos visitou a Universidade Gallaudet⁶, nos EUA, onde teve contato com as idéias da então recém formada abordagem educacional para surdos: a Comunicação Total. Quando retornou ao Brasil, trouxe consigo as idéias dessa abordagem. Em meados da década de 90, as pesquisas da professora lingüista, Lucinda Ferreira de Brito, introduziram, no país, noções de Bilingüismo – a abordagem educacional para surdos posterior à Comunicação Total (Goldfeld, 2001). Essas duas abordagens educacionais, bem como o Oralismo, serão discutidas à frente nas seções 1.1.1, 1.1.2., 1.1.3.

No período inicial de suas pesquisas, a professora Lucinda, seguindo o padrão internacional de denominação e abreviação das línguas de sinais, sugeriu a denominação “Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros” (LSCB) para a atual Língua Brasileira de Sinais. Embora essa denominação tenha sido substituída, por volta de 1994, pela atual denominação, criada pelos próprios surdos, cumpriu o propósito de diferenciar a língua de sinais das capitais brasileiras da língua de sinais da tribo Urubu-Kaapor do Maranhão, a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB) (Goldfeld, 2001).

A denominação, proposta pela professora Lucinda, também evidenciava o reconhecimento da natureza lingüística da chamada “comunicação gestual dos surdos”, a qual, na época, era conhecida como “linguagem de sinais”. No entanto, ainda se passariam quase duas décadas até o reconhecimento oficial da LIBRAS, em nível federal, através da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Contudo, o reconhecimento em nível estadual e municipal ainda não foi obtido na maior parte dos estados e municípios brasileiros.

Desde a década de oitenta, tem havido divulgação sempre crescente dessa língua de sinais através de cursos para ouvintes e para surdos, oferecidos por entidades governamentais e não governamentais, e através da mídia. E, conforme previsto no próprio texto da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Anexo I), a

⁶ Primeira universidade nacional para surdos, fundada em 1864. Recebeu o nome de “Gallaudet” em homenagem a Thomas Hopkins Gallaudet, professor americano que, em 1817, fundou a primeira escola permanente para surdos nos EUA (Goldfeld, 2001).

LIBRAS será “incluída nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia, e de Magistério, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais”.

1.1. Abordagens na Educação dos Surdos

Por muitos séculos, o surdo foi marginalizado, o mesmo tendo acontecido com sua educação. Até o século XV, não lhe era nem mesmo permitido exercer os direitos básicos de casar-se, possuir e herdar bens e de freqüentar escolas. De fato, o surdo era considerado inapto para o aprendizado, por isso, até aquele século, não havia escolas especializadas na educação de surdos.

No entanto, nem todos compartilhavam desse ponto de vista; graças a isso, no final do século XV, começaram a surgir na Europa, na Itália e na Espanha, os primeiros educadores de surdos. Na Itália, Giralamo Cardamo tentou ensinar surdos utilizando sinais e linguagem escrita. Na Espanha, Pedro Ponce de Leon, monge beneditino, utilizava sinais, treinamento da voz e leitura labial no ensino que ministrava aos surdos (INES, 2003).

Do século XVI em diante, surgiram outros professores que se dedicaram à educação de surdos; dentre eles destacaram-se: Ivan Pablo Bonet, na Espanha; Abbé Charles Michel de l'Épée, na França; Samuel Heinicke e Moritz Hill, ambos na Alemanha; Alexandre Gran Bell (inventor do telefone e do audiômetro), nos EUA e Canadá; e Ovide Decroly, na Bélgica; Thomas Hopkins Gallaudet, nos EUA. Contudo, esses educadores divergiam extremamente quanto ao método mais apropriado à educação de surdos (INES, 2003).

Alguns professores, Samuel Heinicke, Moritz Hill e Alexandre Gran Bell, por exemplo, proibiam o uso da língua de sinais e defendiam o uso exclusivo da língua falada. Essa concepção de ensino foi denominada “Método Oral Puro”. Outros defendiam o uso do “Método Combinado” do abade l'Épée, que consistia na combinação dos sinais conhecidos pelos alunos, com o alfabeto dactilológico e o ensino da fala. E foi essa divergência entre os educadores de surdos, aliada às pesquisas científicas sobre surdez, línguas de sinais, e educação de surdos que deu

origem às três abordagens educacionais para surdos: Oralismo, Comunicação Total e Bilingüismo (INES, 2003).

1.1.1. Oralismo

O Oralismo é a abordagem clínico-educacional para surdos, cujas bases foram lançadas no Congresso Mundial de Professores de Surdos, em Milão, na Itália, em 1880, e que ganhou força com os avanços nos campos científico e tecnológico, tais como, a invenção do audiômetro e das próteses e órteses auditivas.

Sob a ótica do Oralismo, a surdez é uma deficiência que precisa ser minimizada, a fim de que o surdo tenha condições de aprender a língua oral de seu país, e, assim, integrar-se à sociedade ouvinte. A fim de atingir esse objetivo, emprega a tecnologia, aliada ao trabalho conjunto de diversas especialidades médicas e terapêuticas, tais como, a otorrinolaringologia, a neurologia, a psicologia e a fonoaudiologia. A noção oralista de linguagem restringe-se à língua oral. As línguas de sinais são consideradas como meros gestos ou mímicas, sem qualquer valor lingüístico, os quais precisam ser evitados, a bem do aprendizado da língua oral por parte do surdo (Goldfeld, 2001).

O diagnóstico da surdez, incluindo as causas e o grau de comprometimento auditivo, e o aproveitamento dos resíduos auditivos (caso existam) por meio de aparelho e/ou implante coclear⁷ são preliminares ao treinamento oral-auditivo, visando o ensino/aprendizado da língua oral.

O processo de ensino/aprendizado da língua oral, em consonância com os moldes oralistas, é lento, exigindo que o surdo visite o consultório de fonoaudiologia 3 vezes por semana, durante um período que pode variar de 8 a 12 anos (Goldfeld, 2001). As técnicas empregadas por esses profissionais para habilitar o surdo a falar e a compreender a fala dos outros têm sido basicamente as seguintes: 1. estímulos auditivos; 2. leitura labial; 3. percepção tátil das vibrações

⁷ Cóclea ou caracol é a parte anterior do labirinto, ou orelha interna (FERREIRA, Aurélio B.H. ed. 1ª, 1975). A otorrinolaringologia, na tentativa de restabelecer a audição de pessoas surdas, tem realizado um tipo de cirurgia que consiste em implantar um caracol ou cóclea artificial na orelha interna do paciente.

das cordas vocais dos falantes por meio do toque em suas gargantas, e da articulação mandibular por meio do toque em suas mandíbulas e no ponto de articulação de ambas.

O emprego dessas técnicas tem habilitado os surdos a perceber, no máximo, os aspectos articulatórios da fonologia da língua (Lacerda, Montelatto, 2000). Quanto aos aspectos sonoros, tais como, a distinção entre fonemas consonantais surdos e sonoros; a monitoração de sua própria fala, a elaboração e percepção de “sutilezas através da entonação, volume de voz, e hesitação”; estes extrapolam o alcance das técnicas (Rocha-Coutinho⁸, 1986 apud Goldfeld, 2001, p.41). Por exemplo, a leitura labial, segundo os próprios surdos, é uma técnica difícilíssima de ser dominada, e, além disso, muito limitada, pois, habilita-os a perceber apenas cerca de 30% do que é falado, o restante sendo preenchido com a adivinhação. (Delanghe, 1997)

A meta oralista de eliminar ou minimizar os impedimentos do surdo à aquisição de uma língua oral como língua materna conta com sérios obstáculos à concretização. Segundo Lacerda e Montelatto (2000), levando-se em consideração que a maioria dos surdos tem diagnóstico da surdez e adaptação de prótese auditiva tardios, sua audição residual nunca será suficiente para habilitá-los a adquirir a língua oral em condições normais. Esse é o caso da maioria dos surdos brasileiros, cuja situação financeira, extremamente precária, dificulta, ou, até mesmo, impossibilita o acesso aos serviços médicos e fonoaudiológicos necessários ao diagnóstico precoce da surdez e à adaptação de prótese ou órtese auditiva, procedimentos preliminares ao treinamento oral-auditivo.

O aprendizado artificial e assistido da língua oral não tem dado conta do desenvolvimento da fluência nessa língua. Esse tipo de aprendizado é chamado de “artificial” porque ocorre no consultório de fonoaudiologia, e não, em situações reais de interação. A ênfase no aspecto articulatório da língua faz com que o surdo seja levado a repetir mecanicamente seqüências frasais, cujos significados, quase sempre, ignoram (Goldfeld, 2001).

⁸ ROCHA-COUTINHO, M.L. Algumas considerações a respeito do uso da língua de sinais pelos deficientes auditivos. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 8. Campinas, 1986.

Embora existam casos de surdos que se tornaram fluentes na língua oral por meio desse tipo de treinamento, estes constituem uma minoria, e, geralmente, procedem de classes economicamente privilegiadas. A maioria dos surdos submetidos a esse processo de aprendizado desenvolve fala pouco inteligível; sente dificuldade em expressar-se, tanto na língua oral como na escrita, devido ao vocabulário muito reduzido e à falta de compreensão da estrutura sintática e semântica da língua.

1.1.2. Comunicação Total

Constatou-se, após quase cem anos de Oralismo Puro, que os surdos foram subeducados, e que nunca abandonaram o uso dos sinais. Então, em 1971, por ocasião do Congresso Mundial de Surdos, em Paris, a língua de sinais passou a ser novamente valorizada. Naquele congresso, foram trazidos à tona os resultados das pesquisas realizadas nos EUA sobre a Comunicação Total, a abordagem educacional recém surgida, que permitia o uso dos sinais na educação dos surdos (Kozlowski, 2000).

Essa abordagem educacional baseia-se na Teoria da Comunicação, que pressupõe a existência de um emissor, uma mensagem, um receptor ou alvo da mensagem e um código. A teoria considera irrelevante a natureza do código, ou seja, não é exigido que seja uma língua; é imprescindível, apenas, que seja comum a emissor e receptor, ou do conhecimento de ambos (Lacerda, Montelatto, 2000).

Para alguns autores, a Comunicação Total consiste no uso simultâneo de língua oral e sinais, ou melhor, da língua oral e do morfema lexical dos sinais pertencentes às línguas de sinais, denominado “configuração da(s) mão(s)”. Para outros, consiste no emprego conjunto de formas lingüísticas e extralingüísticas de comunicação, tais como, língua oral, língua escrita, sinais, mímica, dactilologia, etc. (Kozlowski, 2000).

A vertente da Comunicação Total que consiste em falar e sinalizar simultaneamente é chamada de “Bimodalismo” ou “prática bimodal”. No caso do Brasil, a prática bimodal consiste no uso simultâneo do português oral e do

parâmetro dos sinais da LIBRAS denominado “configuração da(s) mão(s)”, ou formatos das mãos. Os sinais de pontuação, tais como, vírgulas, ponto final e ponto de interrogação, às vezes, são desenhados no ar. Preposições e outras classes de palavras de que a língua não dispõe são inseridas na sinalização por meio da dactilologia, ou do alfabeto manual. Mais adiante, na seção 1.2., será explicado o significado de “parâmetros dos sinais”.

Dada a impossibilidade de se usar simultaneamente duas línguas de estruturas e meios distintos, sem que, pelo menos, uma delas sofra a perda da identidade, a prática bimodal resultou no desenvolvimento das chamadas “línguas sinalizadas”. Essas línguas são consideradas artificiais, visto que, diferente das línguas de sinais, não surgem naturalmente, mas são resultantes da combinação proposital do léxico e da estrutura da língua oral com o parâmetro “configuração da(s) mão(s)”, das línguas de sinais. Também, são chamadas de “pidgins⁹”. Aqui no Brasil, o pidgin resultante da combinação de léxico e estrutura do português falado com o morfema lexical, ou o parâmetro “configuração da(s) mão(s) da LIBRAS, é chamado “português sinalizado”. A seção 1.2. contrastará o português sinalizado com a LIBRAS.

A meta da Comunicação Total é integrar o surdo à sociedade ouvinte, e, especialmente, à sua família, por meio da comunicação. Porém, os instrumentos de comunicação desenvolvidos para esse fim, os códigos resultantes da mistura de recursos lingüísticos e extralingüísticos e o uso simultâneo de língua falada e sinais, não foram eficazes em atingir essa meta. A causa disso é que esses códigos, por serem arbitrários, muitas vezes, não podem ser compreendidos por ouvintes que não costumam conviver com os surdos que os empregam, e por surdos de diferentes comunidades.

O surdo, por sua vez, também enfrenta dificuldades em apreender significados quando ouvintes se comunicam com ele por meio do bimodalismo. Sua

⁹ Pidgins são línguas originadas no Período Colonial, que se desenvolveram do contato entre as línguas dos colonizadores europeus e as línguas dos povos nativos das colônias. Os pidgins caracterizam-se por terem em sua estrutura parte da estrutura sintática e do vocabulário de duas línguas (Ann, 2001, p.33 - 60). Os pidgins continuaram a se desenvolver ao longo da História; e com o advento das línguas de sinais, passaram a surgir pidgins resultantes do contato entre línguas orais e línguas de sinais. Um exemplo disso é o Português Sinalizado, mistura de português com LIBRAS.

visão é sobrecarregada, porque precisa ler os lábios do seu interlocutor, a fim de perceber palavras, e, ao mesmo tempo, olhar para os formatos variados, ou configurações que suas mãos assumem, à medida que pronuncia as palavras.

Além disso, a combinação de língua oral com língua de sinais, advogada pela Comunicação Total, impede o surdo de perceber a distinção entre a estrutura sintática da língua oral e a da sua própria língua de sinais. Conseqüentemente, o aprendizado da leitura e da escrita da língua oral é prejudicado. Por esse motivo, a maioria dos surdos brasileiros não consegue ler, nem mesmo textos breves e simples, na língua portuguesa; e, ao escreverem, transportam para essa língua a estrutura sintática da LIBRAS.

1.1.3. Bilingüismo

No final da década de 70, surgiu, baseado em concepções sociológicas, filosóficas e políticas, a “Proposta Bilíngüe de Educação do Surdo” (Kozlowski, 2000, p. 84). Essa proposta, ou abordagem, baseia-se no reconhecimento de que o surdo vive numa condição bilíngüe-bicultural, ou seja, convive diariamente com duas línguas e duas culturas: língua oral e cultura ouvinte de seu país, língua de sinais e cultura surda de seu país.

O Bilingüismo, como abordagem educacional, baseia-se no reconhecimento do fato de que as crianças surdas são interlocutoras naturais de uma língua adaptada à sua capacidade de expressão. Por isso, propõe que a língua de sinais oficial do país de origem da criança surda lhes seja ensinada como primeira língua ou língua materna. Reconhece também o fato de que a língua oral oficial do seu país não deve ser ignorada por ela, por isso, propõe que lhe seja ensinada como segunda língua.

Porém, os defensores dessa abordagem divergem quanto a se deve ser ensinada ao surdo a modalidade oral ou escrita dessa língua ou se ambas. Os educadores divergem, ainda, quanto ao momento de ministrar o ensino, ou seja, se o ensino da língua oral deve ser simultâneo ao ensino da língua de sinais - “Modelo

Simultâneo”, ou se após a aquisição dessa língua - “Modelo Sucessivo” (Kozlowsky, 2000, p. 91).

O Bilingüismo foi implementado pela primeira vez, em 1979, em Paris, quando Danielle Bouvet iniciou sua primeira classe bilíngüe, em que a Língua de Sinais Francesa foi ensinada como língua materna dos surdos, e o Francês como segunda língua. O relato de sua experiência como educadora bilingüista de surdos é o tema do livro de sua autoria, publicado em 1982¹⁰ (Kozlowski, 2000). Em 1980 e em 1984, a Suécia e a Noruega, respectivamente, a exemplo da França, instituíram a educação bilíngüe em suas escolas. Aqui no Brasil, o Bilingüismo ainda está em fase de implementação.

1.2. A Estrutura da LIBRAS

Visto que a LIBRAS é uma língua visual-espacial, os recursos mais eficazes de reprodução e difusão da língua são os que fazem uso de imagens tridimensionais, tais como, fitas de vídeo, DVD, monitor de computador, câmeras web e televisão. Outro meio de registrar a língua, embora não tão eficaz, é o sistema de escrita das línguas de sinais: o *Sign Writing*. No entanto, devido à sua complexidade, e por exigir um período de estudo para ser aprendido, raramente é usado.

Além dos recursos tecnológicos e da *Sign Writing*, pesquisadores de línguas de sinais, brasileiros e estrangeiros, criaram um terceiro sistema de reprodução e difusão dessas línguas: os sistemas simplificados de transcrição que fazem uso dos sistemas de escrita das línguas orais para representar as línguas de sinais. Alguns aspectos do sistema de transcrição da LIBRAS são o uso de palavras do português em caixa alta para representar os sinais, separação das letras das palavras por meio de hífen para indicar a soletração dactilológica e uso do carácter “@” para indicar a ausência das flexões de gênero (masculino/ feminino) e de número (singular/ plural) nos substantivos, adjetivos e pronomes. Esse sistema de

¹⁰ BOUVET, D. *La parole de l'enfant*. Paris: Le Fil Rouge, Puf., 1989.

transcrição será utilizado neste trabalho para fins de exemplificação dos aspectos gramaticais da língua e nas transcrições que aparecem no Anexo III.

De acordo com o que já foi dito anteriormente, as línguas de sinais, assim como as línguas orais, estão estruturadas nos seguintes níveis: sublexical, lexical, sintático, semântico e pragmático. No nível sublexical, morfológico e quirológico¹¹ (análogo ao fonológico), estão os cinco parâmetros dos sinais: 1. ponto de articulação, 2. configuração das mãos, 3. movimento, 4. orientação do movimento ou da(s) palma(s) da(s) mão(s), 5. expressão facial-corporal (INES, 2003).

O “ponto de articulação” é o espaço entre os sinalizadores, onde as mãos, assumindo configurações ou formatos variados, movimentam-se, tocando, ou não, partes do corpo do sinalizador. Quando uma ou as duas mãos não tocam partes do corpo do sinalizador, diz-se que o ponto de articulação é o espaço neutro. Quando uma ou ambas tocam uma parte, ou partes do corpo do sinalizador (*e.g.* o nariz, a testa, os ombros, o abdômen, etc.), diz-se que o ponto de articulação é a parte do corpo tocada (INES, 2003).

As “configurações da(s) mão(s)” são os diferentes formatos que a mão ou as mãos assumem a cada sinal articulado. Existem cerca de 46 configurações das mãos em LIBRAS, entre as quais estão as letras do alfabeto dactilológico e os números. Essas configurações de mão(s) funcionam como morfemas lexicais e como morfemas gramaticais ou “classificadores”, os quais serão explicados mais adiante nesta seção (INES, 2001).

O parâmetro “movimento” refere-se à parte do sinal que diz respeito à movimentação de uma, ou de ambas as mãos configuradas, no espaço de sinalização. A trajetória de uma, ou de ambas as mãos, pode assumir diversos formatos, tais como, o de linha reta vertical, de linha reta horizontal, de linha sinuosa, de linha diagonal, de semicírculo, etc. Porém, nem todos os sinais têm movimento.

¹¹ Quir(o) – do grego *cheir*, *cheiros* = mão (FERREIRA, Aurélio B. H. ed. 1ª, 1975). O nível quirológico é análogo ao nível fonológico das línguas orais.

O movimento também tem uma orientação ou direção, isto é, inicia-se em um ponto do espaço de sinalização e termina em outro. A “orientação”, ou seja, a direção do movimento do sinal, o quarto parâmetro dos sinais, pode ser: da esquerda para a direita, de cima para baixo, de baixo para cima, etc. A direção, ou a orientação das palmas das mãos, também pode variar ora para baixo, ora para cima, ora para os lados, ora para frente, ora para trás, ou para o sinalizador, ora uma para a outra, etc. A inversão da direção do sinal pode indicar idéia oposta, por exemplo: QUERER e QUERER-NÃO.

O parâmetro “expressão facial-corporal” é o morfema lexical que confere expressividade ao sinal. Quando os sinalizadores falham em acompanhar os demais parâmetros com a expressão facial e o movimento corporal condizentes com o sentido do sinal, pode ocorrer desde uma mudança no sentido do sinal, a um sinal estranho à língua. Por exemplo: no sinal PREOCUPAD@, a mão esquerda e a direita, ambas configuradas em “X” (do alfabeto dactilológico), palmas voltadas uma para a outra, descrevem pequenos semicírculos ao lado das respectivas têmporas. Caso a expressão facial do sinalizador expresse alegria ao sinalizar PREOCUPAD@, visto que não há na língua outro sinal que difira de PREOCUPAD@ apenas pela expressão facial alegre, o resultado seria um sinal estranho à língua.

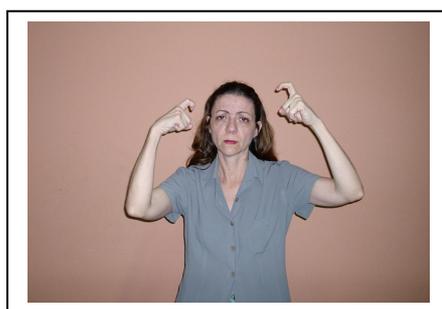


Figura 2 - PREOCUPAD@

Para tornar mais compreensível o significado dos parâmetros, tomemos como exemplo o sinal AVIÃO. O ponto de articulação deste sinal é o espaço neutro, à altura do rosto do sinalizador. A mão direita ou a esquerda, no caso dos canhotos, configura-se em “Y” (do alfabeto dactilológico). O movimento é linear-diagonal ascendente. No caso dos destros, a orientação do movimento é da direita, ao lado do rosto do sinalizador, para a esquerda, parando em frente ao seu rosto, um pouco

acima da sua cabeça. No caso dos canhotos, o movimento, articulado no mesmo ponto, começa à esquerda e termina à direita

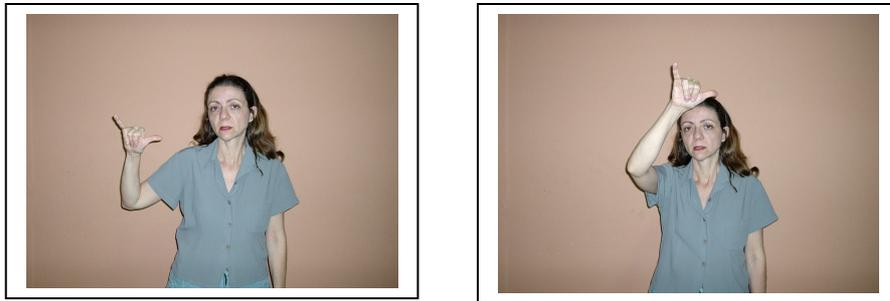


Figura 3 – AVIÃO

No nível lexical, os parâmetros se combinam para formar o sinal, a unidade lexical das línguas de sinais. As classes gramaticais da LIBRAS são as mesmas do português e de outras línguas orais: substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes (pessoais, interrogativos, possessivos, demonstrativos e indefinidos), numerais, verbos, conjunções, interjeições, com exceção dos artigos, das preposições e dos verbos de ligação.

Os gêneros do substantivo da LIBRAS diferem dos gêneros do substantivo do português, no sentido de que não coincidem com o sexo do referente, são eles: PESSOA, ANIMAL e COISA. Porém, quando se trata de PESSOA e de ANIMAL, é possível explicitar-lhes o sexo pela adjunção dos sinais HOMEM ou MULHER.

Os adjetivos da LIBRAS são neutros, no sentido de que não sofrem flexão de gênero. Porém, assim como os da língua portuguesa, têm graus, sendo possível diferenciá-los segundo o grau pelo uso de mecanismos, tais como, variações na expressão facial, o uso das duas mãos nos adjetivos sinalizados com uma só mão no grau normal, alargamento e duplicação do movimento e uso do sinal de comparação.

No grau superlativo, é comum usarem-se as duas mãos para sinalizar os adjetivos que, no grau normal, são sinalizados com uma só mão. Por exemplo, “BONIT@” é sinalizado com uma só mão no grau normal, mas “LIND@”, é sinalizado

com as duas mãos e expressão facial de admiração. No grau comparativo é usado o sinal de comparação entre os seres ou idéias comparadas.

Os pronomes pessoais classificam-se em: singular e plural. O plural subdivide-se em: DUAL, TRIAL, QUATRIAL, GRUPO E TOD@. As pessoas do singular são: 1ps (1ª. pessoa do singular) ou EU, 2ps (2ª. pessoa do singular) ou VOCÊ, 3ps (3ª pessoa do singular) ou EL@ - HOMEM (ele) e EL@ - MULHER (ela). A fim de sinalizar o pronome de primeira pessoa, o sinalizador toca seu peito ou com a ponta do dedo indicador de uma das mãos, ou com o dedo médio da mão configurada em “P” (do alfabeto dactilológico). No pronome pessoal de segunda pessoa, o sinalizador aponta o indicador para frente na direção de seu interlocutor. No pronome pessoal de terceira pessoa, o sinalizador aponta e olha para sua direita ou esquerda e acrescenta o sinal HOMEM, quando se referir a pessoa do sexo masculino ou a animal-macho, e o sinal MULHER, quando a referência for a pessoa do sexo feminino ou à fêmea, no caso do animal.

Sob DUAL, TRIAL e QUATRIAL estão respectivamente: NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4; VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4; EL@-2, EL@3, EL@-4. Em NÓS-2, a mão do sinalizador configurada em “V” (do alfabeto dactilológico) balança da direita para a esquerda, ora apontando o dedo médio para ele, ora o indicador para o outro integrante da dupla. Nos pronomes NÓS-3 e NÓS-4, uma das mãos configurada em “3” e em “4” (números dactilológicos), respectivamente, em posição vertical, dedos voltados para cima e palma voltada para frente, descreve um semicírculo começando com a lateral do indicador tocando o ombro do sinalizador e girando na direção das outras duas ou três pessoas. Os pronomes de 2ª e 3ª pessoa em DUAL, TRIAL E QUATRIAL são sinalizados da mesma forma que os de 2ª e 3ª pessoa do singular, apenas com uma diferença: ao invés de se usar um só dedo, usa-se dois, três e quatro dedos, respectivamente.

O sistema verbal de LIBRAS não está organizado em tempos e modos, assim como o sistema verbal da língua portuguesa, por conseguinte, as formas verbais não incorporam flexões de tempo e de modo. A noção do tempo da ação verbal é fornecida pela adjunção de advérbios de tempo ao verbo. Porém, alguns

verbos permitem a incorporação de flexões de gênero e de número mediante o uso dos marcadores de concordância verbal da LIBRAS: os classificadores (INES, 2003).

Os classificadores são diferentes formatos de mão que, incorporadas ao verbo, imitam características do sujeito ou do objeto da ação verbal, tais como, formato, uso, tamanho, etc., exercendo, assim, a função de marcadores da concordância de gênero (ANIMAL, COISA, PESSOA) e de número. Por exemplo, a configuração da mão do verbo ANDAR, quando a ação é praticada por uma PESSOA, difere da configuração da mão, quando o sujeito dessa ação é um ANIMAL; difere, ainda, da configuração das mãos quando o sujeito é uma multidão.

No caso da ação de ANDAR praticada por PESSOA, a mão configura-se em “V” (do alfabeto dactilológico) invertido, dedos esticados, movimentando-se alternadamente, para imitar o andar de uma pessoa. Quando o sujeito da mesma ação é um ANIMAL, a mão configura-se em “V” invertido, dedos curvados, simulando um animal quadrúpede andando. E quando o sujeito é uma multidão ou muitas PESSOA@, as duas mãos configuram-se em concha, as palmas voltam-se para baixo e os dedos mexem-se alternadamente.

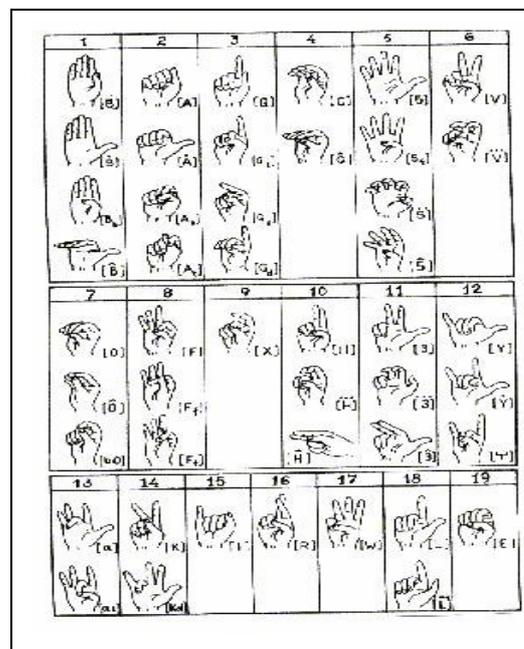


Figura 4 - 46 configurações de mão da LIBRAS – classificadores

Embora não incorporem flexões de tempo e modo, as formas verbais de LIBRAS incorporam aspectos da ação verbal, classificados em: pontual, durativo e iterativo ou repetitivo. O aspecto pontual refere-se a uma ação que foi iniciada e consumada antes do momento do seu relato. O aspecto durativo refere-se ao prolongamento de uma ação; por exemplo: “OLHAR DEMORADAMENTE”. Já o aspecto iterativo ou repetitivo diz respeito a uma ação que se repete ou que se repetiu no passado; por exemplo: ANO PASSADO EL@ MULHER VIAJAR VIAJAR VIAJAR VIAJAR SÃO PAULO. A fim de dar a idéia de repetição da ação de “viajar a São Paulo muitas vezes”, repete-se o sinal “VIAJAR” algumas vezes, podendo-se também, especificar a quantidade de vezes que a ação foi realizada.

A chamada “sintaxe espacial” da LIBRAS caracteriza-se, segundo Quadros, Karnopp (2004), pela flexibilidade na estrutura das sentenças; ocorrendo variações da estrutura básica SVO (sujeito-verbo-objeto), ou seja, SOV (sujeito-objeto-verbo) e OSV (objeto-sujeito-verbo) ou TC (Tópico-Comentário). Entretanto, a LIBRAS parece privilegiar a última estrutura, ou seja, a sentença cujo tópico, ou o assunto de que trata, ocupa a primeira posição, sendo seguido pelo comentário, ou o que se diz a respeito do assunto (INES, 2001). Estes são alguns exemplos de sentenças com as três estruturas especificadas: 1. SVO : EL@ MULHER TER FILH@ 2; 2. SOV: EL@ MULHER FILH@ 2 TER; 3. TC: FILH@ 2 EL@ MULHER TER.

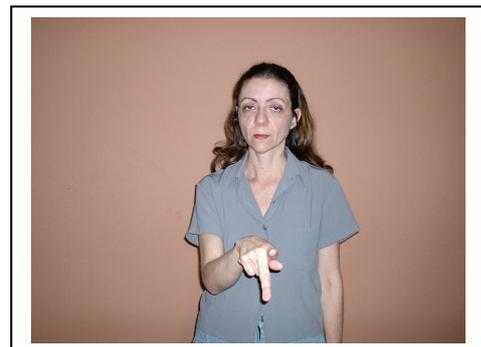
Devido à flexibilidade na estrutura das sentenças da LIBRAS, e ao fato de existirem estruturas comuns à LIBRAS e ao português, alguns pressupõe que a LIBRAS seja uma espécie de português sinalizado. Porém, ainda que as estruturas das sentenças das línguas se assemelhem, há uma nítida diferença entre as sintaxes das línguas: a LIBRAS caracteriza-se pela forma concisa de expressar idéias, ao passo que o português faz uso de uma quantidade maior de itens lexicais, alguns pertencentes a classes gramaticais inexistentes na LIBRAS. Essa característica da sintaxe do português faz com que as sentenças nessa língua sejam, quase sempre, mais extensas do que as da LIBRAS. As línguas também divergem quanto à posição dos pronomes (*e.g.* O QUÊ?, QUEM?) e dos advérbios interrogativos (*e.g.* ONDE?, POR QUE?) nas sentenças interrogativas: na LIBRAS ocupam, sempre, a última posição, ou o final da sentença; ao passo que no

português, ocupam, com mais freqüência, o início da sentença, podendo ocupar, também, o final da sentença.

No português falado, é a entonação que indica se uma frase está na forma afirmativa, na negativa, na interrogativa, na exclamativa ou na imperativa. Na LIBRAS, esta distinção é feita por meio da expressão facial que acompanha a frase inteira ou, apenas, certos sinais. Por exemplo, na forma afirmativa, a expressão facial é neutra; na interrogativa que faz uso dos pronomes interrogativos “QUÊ?”, “QUEM?”, “QUANTO@?”, “QUANTO?” e dos advérbios interrogativos “COMO?”, “QUANDO?”, “POR QUÊ?”, “ONDE”?, as sobrancelhas franzem-se, e a cabeça inclina-se um pouco para traz; na exclamativa, as sobrancelhas são levantadas, a cabeça movimenta-se para cima e para baixo, a boca fica fechada, e o lábio inferior é comprimido para baixo (INES, 2003).



EU



PROFESSOR@

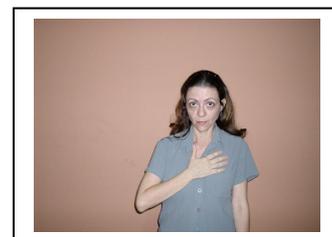
Figura 5 - Sentença afirmativa: EU PROFESSOR@. - Expressão facial neutra



CARNE



VOCÊ



GOSTAR ?

Figura 6 - Sentença interrogativa



Figura 7 - Sentença interrogativa com pronome interrogativo.

No nível semântico-pragmático, em se tratando de sinais polissêmicos, o contexto determina a nuance de significado em questão. A LIBRAS também dispõe de recursos que permitem ao sinalizador variar o registro, ou o nível de linguagem, a fim de adaptar seu discurso ao grau de familiaridade entre ele e seu interlocutor, à ocasião, ao ambiente, ao tema e ao tom que lhe deseja conferir. Dispõe, ainda, de dispositivos que tornam possível enfatizar idéias, marcar tópicos, expressar idéias abstratas, realizar atos de fala, tais como, ordenar, pedir, prestar esclarecimento, anunciar, incentivar, repreender, prometer, etc.

Assim como acontece com o português, a LIBRAS também está sujeita ao fenômeno da variação em todos os níveis, porém, observa-se que o fenômeno tem ocorrido de forma mais nítida nos níveis sublexical e lexical da língua. Os fatores que desencadeiam as variações nesta língua são os mesmos que desencadeiam as variações nas línguas orais: região, classe social, grau de instrução, faixa etária, etc.

Em suma, a LIBRAS é uma língua tão natural e tão complexa quanto às línguas orais, dispondo de recursos expressivos suficientes para permitir aos seus usuários expressar-se sobre qualquer assunto, em qualquer situação, domínio do conhecimento e esfera de atividade. Mais importante, ainda: é uma língua adaptada à capacidade de expressão dos surdos.

Agora que já temos conhecimento de como funciona a LIBRAS, veremos como acontece a interpretação nesta língua.

2. A Interpretação para Surdos

2.1. A Interpretação

A interpretação é a variedade da tradução que consiste em mediar a comunicação entre pessoas de diferentes grupos lingüísticos, em tempo real, ou seja, no momento em que ocorre a interação verbal ou verbal e em sinais. Já a tradução, propriamente dita, lida com as variedades escritas das línguas orais. A terminologia empregada tanto na interpretação como na tradução são similares. Por exemplo, ambas utilizam o termo “texto de partida”, para se referir ao texto traduzido e “língua de partida”, ou “língua fonte”, para se referir à língua desse texto. A língua para a qual o texto de partida é traduzido é chamada “língua de chegada”, ou “língua alvo”. A tradução, ou a versão do texto de partida, é chamada “texto de chegada”.

A tradução difere ainda da interpretação, no sentido de que o tradutor não traduz em tempo real, antes, realiza seu trabalho no isolamento de seu lar ou escritório, fora da vista do autor do texto de partida e do público receptor da sua tradução. O trabalho exercido sob tais circunstâncias permite ao profissional fazer pesquisas sobre temas e palavras; revisar e refazer sua produção textual quantas vezes achar necessário, embora os prazos estipulados para a conclusão de cada trabalho sejam bastante reduzidos.

Gile (1998, p. 45) chama de “Esforços” os processos mentais que operam simultaneamente no momento em que o intérprete realiza seu trabalho, e descreve-os da seguinte maneira: a) ouvir e entender a mensagem na língua de partida, b) reproduzir esta mensagem na língua de chegada, c) arquivar e acessar informações na memória de curto prazo. Então, em vista do esforço mental demandado para manter altos níveis de concentração por horas a fio, em ambientes não propícios isso (em meio a grandes assistências, tendo a consciência de estar sendo observado, ouvindo ruídos de diversas naturezas, etc.), especialistas consideram a interpretação “a variedade mais complexa da tradução” (Scholjoldager, 1995, p. 233).

A interpretação é uma atividade tão antiga quanto a própria história da humanidade. Há registro da atuação de intérpretes até mesmo na Antiguidade. Por exemplo, as seguintes palavras do livro bíblico de Gênesis 42:23 atestam a existência de intérpretes na corte dos Faraós do Egito: “Quanto a eles, não sabiam que José estava escutando, porque havia um intérprete entre eles” (*Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, Watch Tower Bible and Tract Society, revisão de 1986).

No entanto, não foi senão no século XX que emergiram as formas especializadas e os tipos de interpretação, junto com a conscientização da necessidade de profissionalização dos intérpretes (Gile, 1998). As formas especializadas de interpretação, denominadas de acordo com a área de atuação do intérprete, são: interpretação de conferência, interpretação de tribunal ou legal, e interpretação de comunidade, também chamada de interpretação de diálogo e de ligação. Aos tipos de interpretação aplicam-se os seguintes termos: interpretação consecutiva, simultânea, sussurrada (conhecida como *chuchotage*, em francês e como *whispered interpreting*, em inglês) e à vista do texto (ou *sight translation*, em inglês).

A gênese da interpretação de conferência remonta aos dias da 1ª Guerra Mundial. Naquela época, o francês era a língua das reuniões diplomáticas internacionais. Porém, foi necessário recorrer à interpretação, visto que os negociadores britânicos e americanos dos altos escalões não entendiam aquela língua. Desde então, a interpretação de conferência tem sido amplamente utilizada, não somente em conferências e em fóruns internacionais, mas, também, em programas de rádio e de TV, em cursos e palestras, durante visitas de Estado; o que faz com que o termo “interpretação de conferência” seja impróprio (Gile, 1998).

A interpretação de tribunal, ou interpretação legal, estreou no cenário mundial por ocasião do famoso julgamento de Nuremberg, entre novembro de 1945 e outubro de 1946, em Nuremberg, na Alemanha; e, entre junho de 1946 e novembro de 1948, em Tóquio, no Japão. Atualmente, a Lei de muitos países outorga ao estrangeiro, imigrante ou turista, que cometer delito passível de julgamento pela lei desses países, o direito de acompanhar os procedimentos do

seu julgamento na sua própria língua materna, por meio da interpretação, caso não domine a língua oficial do país. Essa provisão legal é extensiva aos surdos, visto que a Lei equipara-os a estrangeiros, no sentido de que, normalmente, não dominam a língua oral oficial do seu país de origem (Gamal, 1998).

A interpretação de comunidade é a forma especializada de interpretação que acontece no setor público-administrativo, ou seja, em departamentos de polícia, departamentos de migração, centros de convivência social, hospitais, consultórios médicos, escolas, etc. Sua função é promover a comunicação entre funcionários públicos e o povo em geral. Muitas vezes se faz referência a essa área de atuação como interpretação de diálogo, de ligação ou de serviço público.

No passado, a interpretação de comunidade era exercida por voluntários bilíngües, sem treino, normalmente, amigos e parentes dos que necessitavam desse tipo de mediação. Com o passar do tempo, desenvolveu-se como profissão em resposta à migração internacional e ramificou-se em áreas especializadas distintas, tais como, interpretação médica, interpretação educacional e interpretação legal, que inclui a interpretação de tribunal (Wadensjö, 1998).

A interpretação denominada “consecutiva” é aquela em que o intérprete escuta a fala na língua de partida (ou *source language*, em inglês), ou vê a sinalização na língua de partida (caso seja uma língua de sinais), tomando notas ou não, por alguns minutos; então, o emissor da fala, ou da sinalização de partida, pausa, a fim de permitir que o intérprete varta para a língua de chegada (ou *target language*, em inglês) o conteúdo da fala ou da sinalização de partida. Então, o emissor da fala ou da sinalização de partida faz uma retomada, continuando a falar ou a sinalizar por mais alguns minutos; pausa novamente, a fim de que o intérprete produza sua versão deste segmento. Esse processo de pausas e retomadas, tanto do autor da fala ou da sinalização de partida, como do intérprete, continua até o fim da interação. A interpretação consecutiva é indicada para a mediação de diálogos.

Em contraste com a interpretação consecutiva, a interpretação simultânea, entre línguas orais, exige o uso de equipamento eletrônico. Esse equipamento consiste em uma cabina de interpretação, equipada com fones de

ouvido, microfone e alto-falantes; conectada ao sistema difusor da fala de partida e a fones de ouvido nas poltronas do auditório, ou sala, onde se encontra a assistência receptora da interpretação. Ao fazer uso dessa técnica, o intérprete procede da seguinte maneira: senta-se no interior da cabina, ouve a fala de partida, por meio dos fones de ouvido, interpretando-a, ao microfone, para a língua de chegada. Sua versão da fala de partida é ouvida por meio dos fones de ouvido conectados às poltronas da sala ou do auditório onde se encontra o público receptor da interpretação. Além do uso da cabina de interpretação, essa variedade de interpretação difere da consecutiva pelo fluxo contínuo da fala ou da sinalização de partida e da fala ou da sinalização do intérprete, ou seja, pela ausência de pausas e retomadas a intervalos regulares.

A interpretação sussurrada (*whispered interpreting* ou *chuchotage*) é a técnica de interpretação que atende uma pessoa por vez. Realiza-se da seguinte maneira: o intérprete senta-se no auditório, ou na sala em que se realiza uma conferência, uma aula ou um fórum, ao lado da pessoa que necessita dos seus serviços e cochicha, ao seu ouvido, a versão da fala de partida, na língua que a pessoa entende. Esta técnica de interpretação também é usada na mediação de diálogos entre chefes de Estado.

A interpretação à vista do texto, ou *sight-translation*, é a técnica que faz uso da modalidade escrita da língua de partida e da modalidade oral da língua de chegada ou de uma língua de sinais como língua de chegada. O intérprete lê em silêncio o texto de partida, vertendo-o simultaneamente quer para a modalidade oral da língua de chegada quer para uma língua de sinais. Sua versão deve soar como uma leitura fluente de um texto na língua de chegada; por isso, um dos requisitos para a utilização eficaz desse tipo de interpretação é que o intérprete seja leitor proficiente na língua de partida. Um dos usos da interpretação à vista do texto é a interpretação da peça processual de acusação que cientifica estrangeiros dos motivos de estarem sendo julgados pela lei do país no qual são imigrantes ou turistas.

Há alguns anos atrás, enxergava-se apenas a dimensão bilíngüe da interpretação, não se tinha noção da sua dimensão bicultural. Atualmente,

reconhece-se que o intérprete traduz não somente entre línguas, mas, também, entre culturas; por esse motivo, a noção de interpretação como atividade bilíngüe-bicultural tornou-se praticamente incontestável (Humphrey, 1997). Assim sendo, o exercício competente da interpretação tem como requisito primário a fluência nas línguas de trabalho, agregada à familiaridade com as culturas dos usuários nativos destas línguas.

Além do conhecimento lingüístico-cultural; são necessários, ao intérprete, o conhecimento dos temas, das terminologias e dos procedimentos peculiares às suas áreas de atuação, o conhecimento de retórica, de técnicas de interpretação e uma certa medida de capacidade de improvisação (Seleskovitch, Lederer, 1993).

Visando garantir a qualidade da interpretação e evitar embaraços para o profissional, as autoras recomendam, ainda, que palestrantes e contratantes dos serviços de interpretação disponibilizem, com antecedência mínima de 24 horas, os esboços dos temas que serão tratados, a fim de que o intérprete possa preparar-se antecipadamente.

Além de todas estas medidas, para garantir a qualidade da interpretação, é importante que o intérprete contate previamente o palestrante, cuja fala, ou sinalização, irá interpretar. Desta forma, poderá familiarizar-se com seu sotaque, com o ritmo de sua fala ou sinalização e fazer perguntas, objetivando a compreensão de suas idéias, a fim de traduzi-las com maior grau de exatidão.

Todavia, nem todas as áreas de atuação permitem ao intérprete ter acesso, com antecedência, à documentação na língua de partida, bem como contatar previamente os participantes do evento em que atuará. Por exemplo, em se tratando da interpretação na área penal, o contato do intérprete com as autoridades judiciárias, com o réu, e o acesso à documentação relativa ao processo penal são restritos ao momento das audiências, dada a natureza sigilosa dos procedimentos da área (Seleskovitch, Lederer, 1993).

2.2. A Pesquisa em Interpretação

Os Estudos da Interpretação (*Interpreting Studies*), uma das vertentes dos Estudos da Tradução, estreou no cenário mundial, na década de cinquenta, com um punhado de pesquisadores. Na década seguinte, foram feitas algumas tentativas de estudos experimentais (Gile, 1995). No entanto, em meados da década de oitenta, a posição de dominância da escola de pensamento representada por Danica Seleskovitch, na *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs*, em Paris, passou a ser desafiada à medida que pesquisadores de diferentes locais trabalhavam com abordagens e paradigmas diferenciados dos defendidos por esta escola (Pöchhacker, 1995). Atualmente, a pesquisa em interpretação conta com vários trabalhos sobre aspectos variados do objeto de estudo, sendo eles: o lingüístico, o cognitivo e o discursivo (Novais, 2002).

O estudo de Pöchhacker (1995) a respeito do perfil dos pesquisadores no campo da interpretação revelou que 92% são filiados a renomados centros acadêmicos de pesquisa em Tradução e Interpretação; entre os quais encontram-se o *National Resource Center for Translation and Interpretation* (NRCTI), em Georgetow, a *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs* (ESIT) e o *Institut Supérieure d'Interprétation et de Traduction* (ISIT), ambas em Paris, a *Scuola Superiore di Lingue Moderne per Interpreti e Traduttori* (SSLM), em Trieste, e o *Department of Translator and Interpreter Training* (*Department of T&I*), da Universidade de Viena, na Áustria.

O fato de Fortaleza não possuir centros acadêmicos especializados na pesquisa em interpretação não tem dissuadido os pesquisadores locais de empreenderem estudos sobre temas ligados à interpretação. O estudo de Novais (2002) sobre os intérpretes de tribunal, fundamentado nos Estudos Descritivos de Tradução (Toury, 1995), é um exemplo disto. As estratégias de interpretação de que lançaram mão os sujeitos de sua pesquisa, nove intérpretes de tribunal, na mediação de interrogatórios de estrangeiros, acusados de delitos contra a Lei brasileira, realizados nos fóruns de Fortaleza, CE e Boa Vista, RR, foram o objeto de seu estudo.

Os Estudos Descritivos da Tradução não têm por objetivo julgar o produto do processo tradutório, a tradução propriamente dita, antes visa entender e explicar o processo tradutório. Na visão de Toury, o autor desta teoria, o texto de partida contém conjuntos de propriedades, significados e possibilidades. Cada tradutor privilegiará certas propriedades em detrimento de outras. Fatores histórico-culturais, além de idiossincráticos, influenciam as escolhas lingüísticas ou as tomadas de decisão por parte dos tradutores. A idéia de tradução “correta”, e, conseqüentemente, de “incorreta”, é alheia à teoria.

O *corpus* da pesquisa de Toury compunha-se de traduções de obras literárias estrangeiras para o hebraico escrito, produzidas por diferentes tradutores em um período de quinze anos. O *corpus* de Novais, em contrapartida, compunha-se de falas de juízes, de réus, de escrivões e de suas respectivas interpretações. A momentaneidade e fluidez da palavra falada, em contraste com a permanência da palavra escrita, é fator que impossibilita a elaboração de diversas interpretações da mesma fala em momentos diferentes, daí a enorme disparidade entre a extensão do *corpus* de Toury e a extensão do *corpus* de Novais. Portanto, vindo por esse lado, uma pesquisa em interpretação jamais poderia ser analisada por meio dos Estudos Descritivos. Entretanto, o trabalho de Novais mostrou que este modelo teórico é adequado para este tipo de pesquisa desde que seja feita uma adaptação.

Um dos objetivos de Toury ao empreender estudo de traduções literárias foi identificar as decisões feitas pelos tradutores durante o processo de tradução, a fim de descobrir o sistema de normas que governavam a tradução naquela comunidade específica de tradutores. A adaptação feita por Novais consistiu em identificar, com base nas decisões recorrentes entre os intérpretes, não um sistema de normas, mas as estratégias de interpretação características dos profissionais que exercem a interpretação de tribunal. À semelhança da pesquisa de Novais, esta pesquisa teve como finalidade identificar, nomear e descrever as estratégias de que os intérpretes lançam mão ao desempenharem suas funções; porém, os sujeitos da pesquisa foram os intérpretes de LIBRAS que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová em Fortaleza.

O modelo para análise de traduções escritas de Toury baseia-se nas limitações compartilhadas pelos tradutores de uma certa comunidade, influenciadas pelos elementos envolvidos na tradução: cliente, público receptor, cultura de chegada, processo histórico, idiossincrasias dos tradutores, etc. No caso de Novais, os fatores que influíram na tomada de decisão dos intérpretes foram: a atmosfera solene das audiências no ambiente forense, a pessoa do juiz, os sotaques diferentes dos estrangeiros, seus próprios conceitos de tradução e do papel do intérprete de tribunal, o temor de contribuir para o agravamento da situação do acusado, etc. No caso desta pesquisa, alguns dos fatores que limitaram as decisões dos intérpretes de LIBRAS foram: a fluidez das falas de partida; o nível de escolaridade, o grau de domínio da LIBRAS e o desenvolvimento cognitivo dos surdos que compunham o público receptor daqueles intérpretes. Os efeitos resultantes da ação destes fatores sobre o processo tradutório serão discutidos na análise das estratégias dos intérpretes de LIBRAS que atuam no âmbito da Organização conhecida como “Testemunhas de Jeová”.

2.3. A interpretação em língua de sinais

“Interpretação em língua de sinais”, este é o termo pelo qual ficou conhecida a interpretação que lida com uma língua oral e uma de sinais. Porém, este termo não é adequado, porque transmite a idéia errônea de que a interpretação entre as duas línguas é unidirecional, ou seja, da língua oral para a língua de sinais, quando, na verdade, é bidirecional, podendo partir, também, da língua de sinais para a língua oral. Contudo, visto que a língua de sinais tem sido mais freqüentemente a língua de chegada, ou a língua receptora da interpretação, é possível que a denominação baseie-se neste fato.

Outro termo que tem sido usado amplamente para fazer referência a este tipo de interpretação é “interpretação para os surdos”. Este termo tampouco define com exatidão a especificidade deste tipo de interpretação, porque tanto surdos como ouvintes necessitam da mediação do chamado “intérprete para os surdos” em um número infinito de situações de interação entre surdos e ouvintes. Por exemplo, na Suécia, onde os serviços de interpretação em língua de sinais são custeados pelos

condados, é comum serem requisitados por médicos e por outros profissionais que prestam serviços a surdos (Nilsson, 1997). Então, já que a necessidade deste tipo de interpretação não é exclusividade do surdo, é possível que a denominação “interpretação para os surdos” baseie-se no fato de que existe em função do surdo.

Os termos “interpretação em língua de sinais” e “interpretação para os surdos” tampouco são intercambiáveis, visto que a “interpretação em língua de sinais” é apenas uma das variedades da interpretação para os surdos. A interpretação que faz uso desta língua é indicada para o surdo congênito e para aquele que perdeu a audição em tenra idade, antes da aquisição da língua oral, e que é fluente em uma língua de sinais.

Além das línguas de sinais, outros sistemas de comunicação foram criados, visando beneficiar os surdos que não tiveram oportunidade de aprender uma língua de sinais e aos surdo-cegos. Por exemplo, alguns surdos comunicam-se por meio da língua escrita ou de escrita codificada; os surdo-cegos utilizam sistemas de comunicação do tipo gestual-táctil; os surdos que não dominam nem sequer uma dessas formas de comunicação comunicam-se por mímicas.

A fim de diferenciar os portadores de surdez patológica dos surdos integrantes de minorias lingüístico-culturais, alguns intérpretes e pesquisadores têm aplicado o termo “ensurdecidos” aos primeiros. Estas pessoas diferem dos surdos integrantes de minorias lingüístico-culturais, via de regra, surdos congênitos, pelo fato de que o comprometimento auditivo total ou parcial, se dá, normalmente, após a aquisição de uma língua oral como língua materna e da assimilação dos valores da cultura ouvinte.

Visando atender aos ensurdecidos, foram criados cursos para transliteradores nos EUA (Isham, 1998). Diferente dos intérpretes de línguas de sinais, estes intérpretes para os surdos fazem uso de línguas sinalizadas. No caso específico dos EUA, os transliteradores fazem uso do Inglês Sinalizado, ao passo que os intérpretes fazem uso da Língua Americana de Sinais (ASL). A provisão de transliteradores para atender aos ensurdecidos baseia-se na premissa de que é mais fácil para os falantes nativos de línguas orais aprender uma língua sinalizada

do que aprender uma língua de sinais, visto que as línguas sinalizadas adotam a estrutura das línguas orais, ao passo que as línguas de sinais têm estrutura própria.

Embora a História registre a existência do costume de se comunicar com as mãos entre povos da Antigüidade e da Idade Média, não há registro histórico da interpretação em língua de sinais anterior ao século XX. Este tipo de interpretação parece ter tido início neste século, ou, pelo menos, apenas neste século recebeu publicidade. Por exemplo, em um trecho do filme “A Sociedade do Novo Mundo em Ação” (Associação Torre de Vigia, 1996), exibido pela primeira vez em 3 de abril de 1954, nos EUA, é possível ver um intérprete de ASL atuando em um congresso das Testemunhas de Jeová naquele país.

Na Suécia, datam de 1947, “a primeira menção do direito dos surdos a intérpretes”, e a legislação relativa ao direito do surdo a intérprete em julgamentos nos tribunais daquele país (Nilsson, 1997, p. 552). No entanto, não foi senão em 1968, que o Parlamento Sueco disponibilizou verba para o custeio, em base experimental, dos serviços de interpretação para os surdos.

As formas especializadas, bem como os tipos de interpretação em língua de sinais são os mesmos que os das línguas orais. Porém, com respeito à interpretação simultânea, não há o uso de cabina, visto que o intérprete de línguas de sinais precisa ser visto por seu público. Em vista disso, quando interpreta para grandes assistências, é preciso que sua imagem seja ampliada, a fim de que os ocupantes dos últimos assentos possam ver confortavelmente suas mãos, tronco e face. Este efeito pode ser obtido por meio da filmagem e edição da imagem do intérprete em telões.

Com respeito à *sight translation*, o método empregado por alguns intérpretes de línguas de sinais difere do empregado pelos intérpretes de línguas orais. Esse método assemelha-se à interpretação simultânea. Os intérpretes procedem da seguinte maneira: um intérprete lê em voz alta o texto escrito; o outro interpreta simultaneamente.

A interpretação entre língua de sinais e língua oral, à semelhança da interpretação entre línguas orais, é uma atividade bilíngüe-bicultural. É também uma atividade desafiadora, não somente pela diferença entre as línguas e as culturas (língua oral/cultura ouvinte x língua de sinais/cultura surda), mas também pela diferença entre os meios das línguas (oral-auditivo x visual-espacial). Em vista disso, faz-se necessário que o intérprete adapte sua forma de expressão não só à língua de sinais, mas, também, ao meio visual-espacial e à cultura da comunidade surda que assiste.

A interpretação em línguas de sinais é o meio adequado de possibilitar a participação do surdo na vida social e cultural da comunidade ouvinte, já que a leitura labial e a página impressa têm-se mostrado ineficazes neste sentido, conforme discutido anteriormente. O motivo disto reside no fato de que as línguas de sinais são adaptadas à capacidade de expressão e de percepção de mundo do surdo. Vários surdos têm expressado seu reconhecimento do fato de que necessitam deste tipo de interpretação em diversas situações do seu dia-a-dia. Por exemplo, Delanghe (1997), surdo francês e renomado professor de língua francesa de sinais da *École Supérieure de Interpretacion et Traducion* (ESIT), de Paris, concluiu, de sua própria experiência, que o intérprete de língua de sinais exerce um papel vital na elevação do status do surdo. Segundo ele, a interpretação em língua de sinais deve acompanhar o surdo por todo seu itinerário escolar, universitário e profissional.

2.4. A formação do intérprete de língua de sinais

Os primeiros intérpretes para os surdos foram seus parentes e amigos. Essas pessoas exerciam a atividade de interpretação voluntariamente e sem treinamento. Com o passar do tempo, à medida que os surdos foram adentrando áreas variadas de atividade e conhecimento, sua necessidade de comunicação foi aumentando em complexidade. Sentiu-se, com isso, a necessidade de treinar mais pessoas para servir na posição de intérpretes para os surdos em diversos setores da sociedade. Por isso, atualmente, existem cursos de nível técnico e acadêmico para a formação de intérpretes de línguas de sinais em muitos países. Aqui no Brasil, este ano, foi criado, na Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, um curso de

quatro anos e meio, direcionado à formação de intérpretes de LIBRAS. Entretanto, ainda não existem cursos assim em Fortaleza.

Em muitos países ao redor do mundo, a partir da década de 90, foram criados cursos técnicos e universitários para a formação de intérpretes de línguas de sinais. Na Alemanha, por exemplo, por volta dos anos 80, aflorou, entre os próprios surdos, a consciência de que a atividade de interpretação entre o alemão e a Língua Alemã de Sinais, devido à sua enorme complexidade, não poderia mais ser exercida à base de talentos vagos. O reconhecimento da necessidade de fornecer qualificação factual e técnica aos intérpretes de língua de sinais da Alemanha impulsionou intérpretes, conferencistas surdos e lingüistas, daquele país, a elaborar, num esforço conjunto, o primeiro curso de estudos universitários, visando o fornecimento de um “Diploma em Interpretação em Língua de Sinais” (Schulz, 1997, p. 548). O curso foi implantado no inverno de 1993/1994, no Centro para a Língua Alemã de Sinais e Comunicação do Surdo.

O currículo do curso divide-se em oito seções. Os títulos das seções e os conteúdos abrangidos por cada seção são os seguintes (Schulz, 1997. p. 548, 549):

1. *Language Competence* (Competência Lingüística): Esta área tem a função de prover os requisitos lingüísticos básicos para o trabalho de interpretação em alemão, em língua alemã de sinais e em sistemas de comunicação visual-táctil, uma vez que os alunos precisam adquirir um nível elevado de competência lingüística e familiaridade com a cultura e estrutura social da comunidade sinalizadora nativa da língua de sinais com que trabalham. Numa relação contrastiva com a língua alemã de sinais, o alemão falado foi incluído como a segunda língua de referência.

2. *Theory of Interpreting* (Teoria da Interpretação): destina-se ao estudo da ética profissional, do desenvolvimento histórico da interpretação em língua de sinais como profissão na Alemanha e em contextos internacionais; focaliza os elementos individuais do processo de interpretação e a evolução dos estudos da tradução até os dias atuais.

3. *Interpreting Techniques* (Técnicas de Interpretação): inclui o treinamento da memória bem como uma introdução à teoria e à prática da interpretação consecutiva e técnicas de anotação, objetivando a preparação para a interpretação face-a-face de diálogos, a interpretação de conferências e em fóruns. A seção também abrange os seguintes aspectos: introdução à interpretação simultânea; treinamento em interpretação à vista do texto ou *sight translation*, em interpretação por telefone e atividades específicas de interpretação em equipe.

4. *Rhetoric* (Retórica): com base nos fundamentos lingüísticos básicos da produção textual, é provido conhecimento acerca de técnicas específicas relacionadas às várias práticas da língua falada e da língua de sinais nos países falantes do alemão, bem como do sistema de comunicação visual-

táctil usado nesta área geográfica. São consideradas, ainda, as formas específicas de expressão de vários grupos etários e sociais, bem como de usuários de dialetos.

5. *Sociology and History of the Sign Language Community* (Sociologia e História da Comunidade Sinalizadora Nativa da Língua de Sinais): focaliza a situação social da comunidade usuária da língua de sinais [neste caso, a Língua Alemã de Sinais], como minoria lingüística, dando a devida consideração à história e ao desenvolvimento da comunidade surda internacional.

6. *Linguistics* (Lingüística): Lida com a descrição da Língua Alemã de Sinais e do alemão falado. A tradução, notação científica e transcrição da língua de sinais, incluindo a introdução a relevantes programas software de computação, como parte da capacitação em lingüística, constitui parte essencial desta seção.

7. *Subjet Areas* (Áreas de Conhecimento Especializado): introdução técnica a várias áreas de conhecimento especializado e de disciplinas científicas, tais como, medicina, psicologia, direito, ciência da computação, educação, lingüística, esportes, teologia, turismo e teatro. Fornece importante embasamento conteúdo-orientado, visando a interpretação apropriada às diferentes áreas especializadas. Inclui, particularmente, o ensino da terminologia relacionada a cada área especializada e o vocabulário de sinais requerido para termos técnicos.

8. *Administrative Procedures* (Precedimentos Administrativos): O objetivo desta seção é prover informação básica a respeito de procedimentos administrativos. Lida não somente com os contextos administrativos de autoridades governamentais específicas, mas, também, com questões de gerenciamento de negócios relacionadas à regulamentação de impostos, seguros, contratos, etc. Esse conhecimento não funciona apenas como pré-requisito para as atuações nesses campos, mas, também, como assistência prática aos intérpretes que usualmente trabalham em base *freelance*. (Esta é uma tradução de minha autoria do texto de Schulz, em inglês)

Cada disciplina, ou seção desse programa, contribui, de alguma forma, para a formação do intérprete de língua de sinais. Por exemplo, a seção “Teoria da Interpretação” fornece ao intérprete um histórico do desenvolvimento da profissão de intérprete de língua de sinais no mundo, e, caso fizesse parte de um curso ministrado aqui no Brasil, forneceria também o histórico específico do desenvolvimento da profissão de intérprete de LIBRAS. Além disso, o intérprete seria ajudado a ampliar seu conceito de interpretação e a desvencilhar-se de mitos com respeito ao que é próprio/ impróprio, correto/ incorreto, em termos de tradução.

A seção intitulada “Técnicas de Interpretação” oferece treinamento prático nas modalidades de interpretação e nas diferentes áreas de atuação. O aspecto do treinamento prático que diz respeito ao treinamento da memória, incluindo o treinamento de técnicas de auxílio à memória, é um dos pontos altos desta seção,

visto que o intérprete depende inteiramente da memória auditiva (caso a língua de partida seja oral) e da memória visual (caso a língua de partida seja uma língua de sinais) para armazenar e recordar os trechos da fala de partida que irá traduzir. Também faz parte desta seção, o treinamento para o trabalho em equipe, o qual possibilita o necessário revezamento, no caso de interpretações que demandam esforço mental e físico estrênuos, por se estenderem por horas a fio. Este é o caso da interpretação simultânea de conferências em congressos.

O estudo da Retórica é importante para habilitar o intérprete a identificar o registro e o tom do texto de partida e a reproduzi-los de uma forma aceitável à língua e à cultura de chegada. Além disso, nesta seção, o intérprete adquire conhecimento das variedades lingüísticas de diferentes grupos etários e sociais, e do sistema gestual-táctil utilizado na comunicação com os cego-surdos do seu país. Esse conhecimento é necessário, porque, seja qual for a comunidade surda que o intérprete assiste, a diversidade sempre existirá, e ele precisará estar preparado para lidar com ela.

No Brasil, só aqui em Fortaleza, onde a população de surdos é estimada em 7.000, essa diversidade é notória. Existem surdos, que não conhecem a LIBRAS, e que se comunicam por mímicas. Outros combinam a mímica com a escrita. Há também os surdo-cegos que utilizam um sistema de comunicação gestual-táctil, uma combinação de código braile, de sinais da LIBRAS e de alfabeto dactilológico. Mesmo entre os surdos que fazem uso da LIBRAS, há níveis variados de domínio da língua e variedades lingüísticas, determinadas pelo nível de instrução, bairro, região do país, idade, classe social, etc.

O conhecimento da “Sociologia e da História da Comunidade Sinalizadora Nativa da Língua de Sinais” é necessário ao intérprete de língua de sinais, pois, estudos interdisciplinares recentes concluíram que a interpretação envolve o transporte de significados não só entre línguas diferentes, mas, também, entre culturas diferentes (Humphrey, 1997). Então, por estar familiarizado não só com a estrutura da língua de sinais com que trabalha, mas também com a cultura dos sinalizadores nativos dessa língua, ao traduzir da língua oral para a língua de sinais,

o intérprete terá condições de produzir versões compatíveis com a estrutura da língua e com as peculiaridades da cultura surda receptora da sua tradução.

A “Lingüística” contribui para a formação do intérprete de língua de sinais por fornecer a descrição de suas línguas de trabalho, habilitando-o a perceber com clareza a distinção entre ambas. Esse conhecimento é especialmente útil, quando a interpretação parte da língua oral para a língua de sinais, porque conscientizará o intérprete da necessidade de exercer controle sobre a tendência de permitir que a estrutura da língua oral, que normalmente é sua língua materna, o meio oral-auditivo e a cultura ouvinte influenciem sua produção textual na língua de sinais. Quanto mais forte for essa influência, mais estranha e incompreensível, aos sinalizadores nativos, será a mensagem veiculada.

O campo de atuação do intérprete de LIBRAS, bem como dos intérpretes das outras línguas de sinais, é tão vasto quanto o campo de atuação dos intérpretes de línguas orais, compreendendo diversas áreas de conhecimento especializado, além da Educação e Religião. Cada área, por sua vez, possui objeto de estudo, terminologias e jargão próprios. O intérprete precisa conhecer a terminologia bilíngüe e o jargão das áreas de conhecimento especializado em que atua, e ter um certo grau de domínio dos assuntos que são objetos de estudo dessas áreas. A seção “Áreas de Conhecimento Especializado” do curso de intérpretes alemão/ Língua Alemã de Sinais ministra formação nesse aspecto.

A seção “Procedimentos Administrativos” lida com o aspecto burocrático da profissão de intérprete de língua de sinais, ou seja, conscientiza os intérpretes dos direitos e deveres que a Lei do seu país lhes outorga, além de prepará-los para atuar na área legal. De fato, não somente os intérpretes, mas todos os profissionais, independente da área de atuação, deveriam ser cientificados da legislação que regulamenta sua profissão.

Após a conclusão desses dois capítulos teóricos sobre a LIBRAS e a interpretação em língua de sinais, vamos discutir, a seguir, como se realiza a interpretação em LIBRAS em Fortaleza.

3. A Interpretação em LIBRAS em Fortaleza

3.1. Metodologia da Pesquisa

Conforme o mencionado na seção 2.2., esta pesquisa baseou-se no modelo teórico de Novais (2002), uma adaptação do modelo dos Estudos Descritivos da Tradução, de Toury (1995), cujo objetivo é descrever o processo tradutório, e não, julgar o produto desse processo: a tradução, propriamente dita. Pormenores do modelo de Toury, do modelo de Novais e do modelo derivado de ambos, adotado por esta pesquisa, constam da seção 2.2.

A seguir, serão especificados os elementos da pesquisa, a saber: o contexto, os sujeitos e os instrumentos de pesquisa junto com as respectivas funções. Constam, ainda, deste capítulo, a apresentação, a análise e a interpretação dos dados obtidos por meio dos instrumentos de pesquisa.

3.1.1. O Contexto da pesquisa

A pesquisa teve como contexto os seguintes locais e eventos: 1. o curso de capacitação de intérpretes para atuação na área educacional, ministrado na sede do programa de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento a Pessoas Surdas (CAS), à Av. Rui Barbosa, 1970, no período de 11 de setembro a 16 de dezembro de 2004; 2. o congresso das Testemunhas de Jeová, realizado no Salão de Assembléias das Testemunhas de Jeová, situado no município de Eusébio, nas datas 23 e 24 de outubro de 2004; 3. reuniões semanais realizadas no Salão do Reino (denominação atribuída aos locais de reuniões semanais das Testemunhas de Jeová), situado à rua Jaime Benévolo, 875.

O curso supracitado foi ministrado pela parceria SETE (Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo), CAS e FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), e contou com a participação de trinta intérpretes de português/LIBRAS. Cada intérprete recebeu uma cópia do questionário; o primeiro instrumento de coleta de dados desta pesquisa. A descrição do questionário e a

especificação da sua função serão tratadas na seção 3.1.3.1. A análise dos dados dos questionários será o objeto da seção 3.2.

As assembléias (ou congressos) de circuito são séries de eventos anuais, que se realizam em diversas cidades dos 235 países onde existem congregações das Testemunhas de Jeová. Milhares de pessoas afluem a cada um desses eventos. A série de Assembléias de Circuito de 2004 teve como tema ‘Seja guiado pela “sabedoria de cima” (tema baseado na Bíblia, em Tiago 3:17). Uma das Assembléias dessa série realizou-se no Salão de Assembléias das Testemunhas de Jeová, no município de Eusébio, nos dias 23 e 24 de outubro de 2004. Compareceram ao evento cerca de 1500 pessoas, dentre as quais 40 surdos.

Visando o acesso dos surdos às informações difundidas naquele evento, toda a programação da Assembléia, constando de conferências bíblicas, entrevistas, demonstrações de como aplicar princípios bíblicos na vida diária, orações e cânticos, foi interpretada simultaneamente do português para a LIBRAS. As filmagens das atuações dos intérpretes, o segundo instrumento de coleta de dados dessa pesquisa, foram realizadas durante esse evento. A seção 3.1.3.2. especificará a função das filmagens. Já a seção 3.2.2. analisa os dados obtidos por meio desse instrumento de pesquisa.

Além das séries de assembléias que ocorrem três vezes ao ano e que reúnem grande número de participantes, as Testemunhas de Jeová costumam reunir-se semanalmente em grupos menores, ou congregações, em seus Salões do Reino. E quando a maioria dos membros de uma congregação é composta de imigrantes que não dominam a língua nativa do país, ou de surdos, as reuniões dessa congregação são realizadas na língua nativa dos imigrantes ou na língua de sinais oficial do país.

No Brasil, existem congregações de língua estrangeira e um número considerável de congregações em LIBRAS. Aqui em Fortaleza, já existem duas congregações cujas reuniões são em LIBRAS: uma no Conjunto Ceará e outra no bairro José Bonifácio. Os intérpretes filmados e o coordenador dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová de Fortaleza, o sujeito da entrevista, o terceiro

instrumento de pesquisa, foram contatados no Salão do Reino situado no bairro José Bonifácio. A descrição do formato da entrevista, junto com a especificação de sua função encontram-se na seção 3.1.3.3. A análise dos dados consta da seção 3.2.3., e a discussão, da seção 3.2.3.1.

3.1.2. Os Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa dividiram-se em: a) intérpretes que responderam ao questionário, b) intérpretes cujas atuações foram filmadas, c) intérprete entrevistado.

Os intérpretes que responderam ao questionário totalizaram quinze. Desse total, quatro são Testemunhas de Jeová, quatro estão filiados à Pastoral do Surdo, da Igreja Católica, quatro estão filiados a diferentes ramos do Protestantismo e três são intérpretes educacionais, ou intérpretes que atuam em escolas especiais, em escolas e universidades de ensino inclusivo. Alguns desses intérpretes também prestam serviço voluntário à FENEIS e à ASCE (Associação de Surdos do Ceará).

Os sujeitos das filmagens foram oito intérpretes que fazem parte das congregações em LIBRAS das Testemunhas de Jeová em Fortaleza e que atuaram no congresso intitulado: “Seja guiado pela sabedoria de cima”, nos dias 23 e 24 de outubro de 2004, no Eusébio. Dois dos oito intérpretes atuaram em conferências, um por conferência; cada conferência durando, em média, trinta minutos. Quatro dos oito intérpretes atuaram na interpretação de uma entrevista, da seguinte maneira: um interpretou o entrevistador e cada um dos três restantes interpretou um entrevistado. Um intérprete traduziu as palavras introdutórias do programa da manhã do segundo dia do congresso, e o outro, as palavras introdutórias do programa da tarde.

O sujeito da entrevista foi o intérprete designado pela Associação Torre de Vigia (entidade jurídica representativa das Testemunhas de Jeová no Brasil) para coordenar, por dois anos, a atividade de interpretação em LIBRAS nas reuniões e demais eventos promovidos, em Fortaleza, pela entidade.

3.1.3. Instrumentos de pesquisa

Os três instrumentos de pesquisa foram: um questionário, filmagens e uma entrevista. A descrição dos instrumentos de pesquisa, junto com as respectivas funções, será objeto das próximas três seções.

3.1.3.1. O Questionário

O questionário dividiu-se em duas partes. A primeira versou sobre a identificação e formação dos intérpretes: sexo, faixa etária, formação profissional, e aprendizado da LIBRAS. A segunda parte tratou da experiência profissional dos intérpretes: tempo de trabalho, remuneração, atividade profissional principal ou secundária, frequência com que atua, áreas de atuação e dificuldades enfrentadas no exercício da profissão.

O questionário teve como função fornecer-nos os dados para que o perfil dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza pudesse ser traçado, proporcionando-nos, assim, uma visão geral da situação da interpretação em LIBRAS em Fortaleza.

3.1.3.2. As Filmagens

As filmagens tiveram a função de documentar a atividade dos intérpretes de LIBRAS que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová, a fim de que pudesse ser respondida a segunda pergunta de pesquisa, a saber: Quais as estratégias de interpretação dos intérpretes de LIBRAS que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová? A escolha desse instrumento de pesquisa deveu-se ao fato de adequar-se ao meio visual-espacial e à tridimensionalidade da LIBRAS.

O equipamento de filmagem constou de uma filmadora Sony handycam, modelo CCD-TRV e de uma fita de vídeo Hi8 MP de duas horas de duração. O conteúdo dessa fita de vídeo foi transferido para uma fita VHS. As imagens da fita VHS, editadas com o uso de um videocassete e um aparelho de TV, possibilitaram a transcrição das falas de partida e de suas interpretações, visando a análise.

3.1.3.3. A Entrevista

A entrevista foi gravada em fita cassete, no formato de conferência, e teve como roteiro as seguintes perguntas: 1. Qual o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová? 2. Em que consiste o treinamento ministrado aos intérpretes? 3. Qual a sistemática de trabalho da equipe? A entrevista teve como função obter a resposta à terceira pergunta de pesquisa, a saber: Qual o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová, e que treinamento têm recebido para exercer seu papel?

3.1.2. Procedimentos

A pesquisa, cujos resultados serão apresentados neste trabalho, deu continuidade, de certa forma, ao estudo sobre a interpretação em Fortaleza, desenvolvido durante a graduação em Letras da UECE. Os resultados dessa pesquisa foram apresentados no trabalho de término de curso, intitulado: “O perfil dos intérpretes de Fortaleza e o mercado local da interpretação” (Hortêncio, 2001).

O instrumento utilizado na coleta de dados da pesquisa de graduação foi um questionário constituído por perguntas abertas e fechadas, versando sobre a identificação, a formação e a experiência profissional dos intérpretes. Os sujeitos da pesquisa foram dez intérpretes que atuavam em Fortaleza e que trabalhavam com os seguintes pares de línguas: português/ inglês, português/ espanhol, português/ francês, português/ alemão e português/ LIBRAS.

A pesquisa que realizamos em cumprimento de uma das exigências curriculares do Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada (CMLA) da UECE, porém, focalizou, especificamente, os intérpretes conhecidos como “intérpretes de LIBRAS”, ou seja, os que têm o português e a LIBRAS como línguas de trabalho. A princípio, pretendia-se que um questionário similar ao questionário utilizado na pesquisa de graduação fosse o único instrumento de coleta de dados da pesquisa.

Todavia, após a qualificação do projeto, foi percebida a necessidade de aprofundar o estudo do tema da interpretação em LIBRAS em Fortaleza, a fim de

que pudesse incluir aspectos relacionados à prática da interpretação em si. Então, visto que o questionário foi projetado para coletar apenas dados relativos aos aspectos gerais da interpretação em LIBRAS aqui na cidade, houve a necessidade de acrescentar ao questionário mais dois instrumentos de pesquisa: as filmagens e a entrevista, a fim de que os dados relativos a aspectos mais profundos, ou seja, as estratégias de interpretação e o papel dos intérpretes de LIBRAS em um âmbito específico de atuação, pudessem ser obtidos.

O passo inicial da pesquisa foi localizar os intérpretes de LIBRAS que atuam na cidade. Fomos informados, por meio de uma intérprete, que, no período de 9 de setembro a 16 de dezembro de 2004, estaria sendo realizado, na sede do CAS, o curso de capacitação de intérpretes de LIBRAS, direcionado para a atuação no setor educacional. Soubemos que trinta intérpretes far-se-iam presentes ao curso. Dirigimo-nos, então, à sede do CAS e distribuímos cópias do questionário com os trinta intérpretes ali presentes; contudo, apenas quinze questionários retornaram preenchidos.

Embora limitado quanto ao tipo de dados que nos habilitou a obter, o questionário possibilitou-nos ter uma noção dos aspectos gerais da interpretação na cidade, entre os quais, as áreas de concentração desses profissionais, ou seja, as áreas em que atuam com mais frequência. Essa informação, por sua vez, possibilitou-nos selecionar os sujeitos das fases da pesquisa que dizem respeito às estratégias de interpretação e ao papel dos intérpretes de LIBRAS em um âmbito específico.

Percebemos, através das respostas ao questionário, que os intérpretes de LIBRAS atuam, quase que exclusivamente, no setor educacional, ou seja, em escolas e universidades de ensino inclusivo e em escolas especiais; e no setor religioso, que abrange as atividades de diversas denominações religiosas. Com base nessas informações, devido à adequação às necessidades da pesquisa e à disponibilidade em cooperar, foram selecionados os sujeitos das filmagens e da entrevista, a saber, os intérpretes que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová.

A base teórica para a elaboração e descrição dessa pesquisa foi obtida por meio de leituras sobre a interpretação em LIBRAS e assuntos relacionados (história da educação dos surdos, gramática da LIBRAS, surdez, etc.); participação em cursos de LIBRAS, freqüência às reuniões semanais em LIBRAS, promovidas pelas Testemunhas de Jeová; e estudo de vídeotraduções em LIBRAS.

As etapas da pesquisa, desde a coleta de dados à defesa da dissertação, ocorreram na seguinte ordem cronológica:

- semana de 24 a 30 de setembro de 2004 – distribuição dos questionários com os 30 intérpretes presentes ao curso para de capacitação de intérpretes, visando a atuação no setor educacional.
- semana de 8 a 14 de outubro de 2004 – quinze questionários retornam preenchidos; início da análise qualiquantitativa dos dados nos questionários
- 23 e 24 de outubro de 2004 – realização das filmagens das atuações dos intérpretes
- 25 de outubro de 2004 – início da análise das filmagens
- novembro e dezembro de 2004 – iniciada a transcrição das filmagens para identificação, nomeação e descrição das estratégias de interpretação dos intérpretes de LIBRAS que atuaram no congresso das Testemunhas de Jeová, nos dias 23 e 24 de outubro de 2004.
- janeiro de 2005 – realizada a entrevista com o coordenador dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová em Fortaleza.
- fevereiro de 2005 – transcrição e análise da entrevista; início da escrita da dissertação.
- 9 de setembro de 2005 – defesa da dissertação.

3.2. Análise do perfil dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza

Esta seção fornecerá uma noção, ainda que aproximada, da situação da interpretação português/ LIBRAS em Fortaleza, com base no perfil dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza, que foi traçado a partir das respostas dos intérpretes ao questionário. A análise e a discussão dos resultados obtidos nessa fase da pesquisa serão apresentadas, juntamente com o instrumento de pesquisa, o questionário, da

4. Como se tornou intérprete?

Dez intérpretes responderam que se tornaram intérpretes por meio do convívio com os surdos. Um (1) intérprete respondeu que se tornou intérprete mediando a comunicação entre professor e educandos surdos em classes de ensino regular em que há a inclusão. Um (1) ingressou na atividade de interpretação mediando a comunicação entre o surdo e sua família. Dois tornaram-se intérpretes por meio de parentes surdos. Um (1) tem irmã surda e iniciou a atividade em uma instituição de assistência a diversos tipos de deficientes.

O intérprete de LIBRAS de Fortaleza, de acordo com as respostas acima, ingressa na atividade de interpretação gradual e informalmente, de forma voluntária. Normalmente, são os próprios surdos, seus familiares, ou, ainda, instituições de caráter religioso, filantrópico e educativo que requisitam o ouvinte que desenvolveu alguma fluência na LIBRAS a mediar a comunicação entre ouvintes e surdos em diversas situações de interação, tais como, em conversas no ambiente doméstico do surdo, em consultas médicas, em repartições públicas, em entrevistas de emprego, em salas de aulas, em ofícios religiosos, etc.

5. Aprendeu a LIBRAS por meio de curso ou pelo convívio com os membros da comunidade surda local?

Treze intérpretes responderam que aprenderam a LIBRAS por meio de convívio com os surdos; somente dois intérpretes afirmaram que aprenderam o idioma por meio de cursos.

Conforme se vê, a maior parte dos intérpretes não aprendeu a LIBRAS em curso, mas, por meio da interação com a comunidade surda local, na sua vizinhança, em locais públicos, tais como, praças e locais de reunião das diferentes religiões existentes na cidade. Na verdade, antes da década de 90, não havia quaisquer desses cursos aqui em Fortaleza, porque, até aquela década, imperava a abordagem oralista de ensino, terminantemente oposta ao uso da LIBRAS na comunicação com os surdos, conforme explanado anteriormente.

No entanto, mesmo após a lei que oficializou a LIBRAS, a oferta de cursos do idioma, em Fortaleza, ainda é insuficiente para atender à demanda. Atualmente, existem dois tipos de cursos de LIBRAS na cidade: os particulares, que são oferecidos pela FENEIS; e os gratuitos, oferecidos pelo CAS.

Os cursos do CAS dispõem de número reduzidos de vagas, visto que se destinam, prioritariamente, a professores e outros servidores públicos que trabalham no atendimento ao surdo. Já os cursos particulares, oferecidos pela FENEIS, tornam-se inviáveis para a maioria dos interessados, devido à precariedade da condição financeira dessas pessoas.

O programa desses cursos ainda é bastante elementar; constituindo-se, basicamente, do léxico da língua. Aspectos lingüísticos mais profundos, tais como, a descrição da língua, sua estrutura e uso, não são abordados. Espera-se que, no futuro próximo, com a evolução dos estudos interdisciplinares em torno das línguas de sinais, possam surgir metodologias eficazes em dar conta do ensino global da língua.

6. Onde e como obteve treinamento ou capacitação profissional para atuar como intérprete de LIBRAS ?

Um (1) intérprete respondeu que obteve treinamento por meio de seminários, congressos e dos cursos ministrados pela parceria SETE/FENEIS/CAS; quatro intérpretes afirmaram não ter recebido qualquer treinamento; um (1) intérprete foi treinado pela Associação Torre de Vigia (sociedade jurídica das Testemunhas de Jeová); quatro intérpretes responderam que obtiveram seu treinamento por meio da parceria SETE/FENEIS/CAS; três intérpretes foram treinados pela Pastoral do Surdo (católica) e FENEIS; um (1) intérprete foi treinado pela ASCE (Associação dos Surdos do Ceará); e um (1) respondeu que sua capacitação profissional foi obtida em cursos, porém, não forneceu detalhes quanto ao nível dos cursos, nem quanto às instituições que os ministraram.

Apenas quatro intérpretes afirmaram exercer a atividade de interpretação sem ter recebido qualquer treinamento. Os outros afirmaram que receberam

treinamento da parte de instituições filantrópicas, de instituições religiosas, ou ainda, da associação local de surdos.

O costume de treinar intérpretes de LIBRAS teve início, em Fortaleza, por volta de 2002, após a publicação da lei que oficializou a LIBRAS, quando a maioria dos intérpretes já havia ingressado na profissão. Antes disso, não se tinha idéia da natureza e da complexidade da atividade de interpretação entre língua oral e língua de sinais e nem da própria estrutura da LIBRAS. A primeira noção de língua de sinais difundida entre os ouvintes de Fortaleza foi o alfabeto dactilológico. Depois, a chamada “comunicação gestual dos surdos” passou a ser conhecida como “mímica”; e, na década de 90, como “linguagem de sinais”. Alguns ouvintes que se tornaram ágeis no manejo dessa “linguagem mímica” autonomaram-se, ou foram nomeados por outros ouvintes e pelos próprios surdos, “intérpretes”.

Os primeiros intérpretes para os surdos de Fortaleza, os intérpretes para os surdos da década de 70, foram, na maior parte, pessoas de suas próprias famílias. Essas pessoas faziam uso de uma linguagem mímica doméstica. Então, visto que não tinham qualquer noção teórica de tradução/ interpretação, sua visão de interpretação foi sendo influenciada, ao longo dos anos, pelas concepções do senso comum e pelas abordagens educacionais para surdos.

Somente a partir da década de 90 é que os sinais, ou o léxico da LIBRAS, passaram a ser divulgados na cidade. Naquela época, como estava em voga a prática bimodal, ou o uso simultâneo de língua oral e sinais, os intérpretes, porque não tinham qualquer noção de Lingüística, passaram a combinar, intuitivamente, os sinais da LIBRAS com a língua portuguesa falada. No entanto, atualmente, depois da oficialização da LIBRAS e da chegada à cidade das idéias do Bilingüismo, os intérpretes estão procurando ajustar sua sinalização à verdadeira estrutura da LIBRAS. Alguns já conseguiram abandonar por completo o uso do português sinalizado, ao passo que outros estão se desvencilhando, aos poucos, dessa língua.

Numa tentativa de exercer certa medida de controle sobre o exercício da atividade de interpretação em LIBRAS nesta capital, a filial regional da FENEIS realizou, no primeiro semestre de 2004, o primeiro curso de reciclagem de

intérpretes de LIBRAS, com carga horária de 60 horas. No segundo semestre do mesmo ano, a FENEIS, em parceria com a SETE e o CAS, ministrou outro curso para intérpretes de LIBRAS; dessa feita, objetivando a capacitação para o trabalho em escolas e universidades de ensino inclusivo e em escolas especiais. Esse curso teve duração de 162 horas.

No entanto, não é da competência dessas instituições fornecer treinamento que abranja toda a esfera de atuação do intérprete de LIBRAS/português, e conferir-lhes diploma que legitime o exercício da profissão. Compete ao sistema educacional, legitimamente autorizado, fazer isso. Por isso, os cursos de interpretação em LIBRAS/ português, promovidos na cidade, visam, apenas, preencher provisória e parcialmente a lacuna decorrente da carência de cursos técnicos e de graduação nessa área.

Enquanto isso não acontece, os intérpretes de LIBRAS da cidade estão recorrendo aos meios que têm à sua disposição para obter conhecimento teórico e prático sobre a estrutura e uso da LIBRAS, e sobre a interpretação em si. Porém, visto que a formação desses profissionais não é ministrada por uma fonte comum, tal como um curso seqüencial ou de graduação, com parâmetros curriculares definidos por órgãos competentes, vinculados aos poderes públicos, alguns intérpretes fazem uso do português sinalizado, outros estão se adaptando à estrutura da LIBRAS, e outros parecem ter assimilado tanto a estrutura da LIBRAS como as peculiaridades da cultura surda.

Contudo, o conhecimento da LIBRAS e da cultura dos sinalizadores nativos dessa língua são apenas aspectos básicos da formação do intérprete de LIBRAS. De acordo com a seção 2.4. é necessário que Lingüística, Sociolingüística, Retórica, Teoria da Interpretação, entre outras disciplinas, constem do programa dos cursos para formação desses intérpretes. No entanto, os breves cursos de interpretação em LIBRAS promovidos na cidade não dispõem da infra-estrutura necessária para ministrar essas e outras disciplinas.

Parte II – Experiência Profissional

1. Há quanto tempo trabalha como intérprete?

Um total de onze intérpretes tem exercido a interpretação português/LIBRAS, ou a interpretação em LIBRAS, por um período de tempo inferior ou igual a seis anos, isto é, seis intérpretes têm atuado, respectivamente, por oito meses, por um ano, por um ano e seis meses, por três anos, por quatro anos e por cinco anos; três intérpretes já atuam por 2 anos e dois, por seis anos. Apenas quatro dos quinze intérpretes responderam que têm exercido a atividade de interpretação em LIBRAS por 12, 13, 26 e 30 anos, respectivamente.

Em vista disso, conclui-se que o exercício profissional da atividade de interpretação português/LIBRAS intensificou-se há cerca de seis anos atrás em Fortaleza. Essa talvez seja uma das causas do seu campo de atuação ainda não se ter expandido para além da Educação e da Religião.

2. É remunerado ou presta serviço voluntário?

Onze intérpretes responderam que prestam serviço voluntário; dois prestam serviço, tanto voluntário como remunerado; e dois prestam, apenas, serviço remunerado.

O fato de que, aqui em Fortaleza, a interpretação em LIBRAS teve início no âmbito da religião e de instituições filantrópicas, e embora tenha chegado ao setor educacional, sua área de maior incidência continue a ser os dois primeiros âmbitos, talvez explique, em parte, o caráter voluntário dos serviços prestados pela maioria dos intérpretes.

Talvez, outro fator que pode estar contribuindo para isso seja a idéia errônea, amplamente difundida, de que a interpretação é uma atividade relativamente simples. Acredita-se, até, que qualquer pessoa fluente em duas línguas possa, automaticamente, interpretar de uma língua para a outra, sem necessitar de qualquer treinamento formal. Veremos, por meio dessa análise sobre a

atuação dos intérpretes, que a tarefa do intérprete de LIBRAS não é tão simples quanto se imagina.

3. Caso preste serviço remunerado, qual o salário que recebe por hora de trabalho ou por cada trabalho realizado?

Embora o preço da hora/ aula de interpretação alistado na tabela emitida pela FENEIS seja de R\$ 12,00 a R\$ 20, 00, somente um (1) intérprete respondeu que recebe esse valor. Os outros três recebem R\$ 22,00, R\$ 26,00 e R\$ 52,00 por hora/ aula, respectivamente.

Esses valores são baixíssimos, se levarmos em consideração o esforço físico e mental despendido pelo profissional, a necessidade de preparação antecipada para cada atuação, a qual demanda tempo, esforço e, em alguns casos, despesas com a compra de livros e outros materiais de pesquisa. E, além disso, esses valores estão muito defasados em relação aos cobrados pelos intérpretes de línguas orais de Fortaleza e de outras capitais brasileiras, os quais, em 2001, recebiam, no mínimo, R\$ 100,00 por hora de trabalho.

4. A interpretação em LIBRAS é sua principal atividade profissional?

Oito intérpretes responderam “não”, e sete responderam “sim”. As atividades profissionais primárias dos oito intérpretes que responderam “não” a essa pergunta são: jornalista, estudante, mecânico, atendente de consultório médico, vendedor de medicamentos, professora e funcionário de uma empresa privada.

A interpretação em LIBRAS não é a atividade profissional primária dos intérpretes, porque: 1º, os valores pagos por esse tipo de interpretação são baixíssimos; 2º, as atuações são, na maior parte, de caráter voluntário por ocorrerem, predominantemente, nos âmbitos de instituições religiosas e de instituições filantrópicas; 3º, a maioria dos surdos não dispõe dos recursos financeiros necessários ao custeio desses serviços, por pertencerem a famílias de

baixa renda; 4º, falta a boa vontade das autoridades públicas e privadas em assumir o ônus pela contratação desses profissionais.

Atualmente, são poucos os países em que é possível ganhar a vida como intérprete de língua de sinais. A Suécia, por exemplo, é um desses países. Desde 1976, os serviços de intérpretes empregados por tempo integral, por todo o país, têm sido financiados pelos conselhos dos condados como parte dos serviços públicos de saúde.

A lei daquele país outorga, tanto a surdos como a ouvintes, acesso gratuito aos serviços de interpretação, e especifica diversas situações que justificam a solicitação desse tipo de serviço. Porém, a mesma lei estabelece que os serviços de interpretação em língua de sinais não devem se restringir às situações alistadas no seu texto. A lei não limita nem mesmo o número de horas de interpretação a que cada pessoa tem direito (Nilsson, 1997).

5. Com que frequência atua como intérprete? (Ex.: uma vez por mês, diariamente, mensalmente, etc.)

Sete intérpretes responderam que atuam diariamente, seis atuam semanalmente, um (1) atua 4 dias por semana, e um (1) atua mensalmente.

O fato de a maior parte dos intérpretes atuar diariamente indica que há um vasto campo para a atividade de interpretação em LIBRAS nesta capital. De fato, estima-se que existam cerca de 7.000 surdos nesta cidade. Esse, em si, já é um dado significativo. Torna-se ainda mais significativo, se compararmos esse número com o total de surdos da Suécia: aproximadamente, de 8.000 a 12.000, segundo estimativa divulgada em 1997 (Nilsson, 1997); ou seja, em uma única cidade do Brasil, o número de surdos é superior, em proporções, ao número de surdos existentes em um país inteiro. Então, considerando-se que a presença do intérprete de LIBRAS é imprescindível em um número ilimitado de situações, os 7.000 surdos de Fortaleza constituem a vasta clientela em potencial desses intérpretes.

6. Em que áreas atua regularmente?

Os intérpretes atuam regularmente no âmbito religioso (Pastoral do Surdo da Igreja Católica, Igrejas Protestante e Testemunhas de Jeová), educacional (escolas e universidades de ensino inclusivo e escolas especializadas na educação de surdos) e filantrópico (FENEIS, APADA, ASCE e ONGS). Os quinze intérpretes acham-se distribuídos nessas áreas de atuação regular da seguinte maneira: nove intérpretes atuam no âmbito religioso; dois atuam no âmbito religioso e educacional; três atuam no âmbito educacional; um (1) atua nos âmbitos religioso, educacional e filantrópico. Alguns intérpretes atuam esporadicamente na área legal, que abrange tribunais, fóruns e delegacias de polícia.

A área de atuação regular dos intérpretes de LIBRAS de Fortaleza e o fato de servirem a uma minoria lingüístico-cultural são características do “intérprete de comunidade”, também chamado “intérprete para as minorias”, “intérprete de ligação” e, ainda, “intérprete de diálogo” (Wadensjö, 1998). Há algumas décadas, a interpretação de comunidade era desempenhada por voluntários sem qualquer treinamento. Tinha-se a idéia de que qualquer pessoa fluente em duas línguas seria capaz de interpretar de uma língua para a outra. Por isso, até mesmo crianças bilíngües eram convocadas para servir na qualidade de intérpretes, na ausência de adultos qualificados.

Todavia, cresce o número de países cuja legislação garante aos intérpretes de línguas de sinais uma formação especializada nas diversas áreas de atuação, incluindo a interpretação de comunidade. A Suécia, por exemplo, em 1969, abriu o primeiro curso de duas semanas para treinamento básico dos intérpretes de Língua Sueca de Sinais. Nos anos seguintes, o programa de treinamento passou a ser realizado em tempo integral durante dois anos. Em janeiro de 1996, teve início um projeto de quatro anos, objetivando ensinar língua de sinais, bem como interpretação, a um grupo seletivo de alunos.

A partir de 1991, a responsabilidade pelo treinamento dos intérpretes da Suécia, independente de suas línguas de trabalho e da área de atuação (interpretação de conferência e de comunidade), foi transferida do *Sweedish*

National Board of Education para o *Institute for Interpretation and Translation Studies* (IITS), na Universidade de Estocolmo (Nilsson, 1997). Aqui no Brasil, conforme o mencionado na seção 2.4, somente este ano, foi criado um curso universitário direcionado à formação de intérpretes de LIBRAS.

7. É membro de alguma associação de intérpretes no Brasil ou no exterior? Qual?

Nove intérpretes responderam que não pertencem a quaisquer associações de intérpretes, no Brasil ou no exterior. Seis responderam que pertencem às seguintes associações: Associação Torre de Vigia (associação jurídica das Testemunhas de Jeová), Associação Evangélica Nacional de Obreiros com Surdos (ASSENOS), Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), Associação de Surdos do Ceará (ASCE), Associação dos Surdos Evangélicos (ASC).

Quanto à filiação a associações de intérpretes dentro e fora do país, pode-se afirmar que os intérpretes de LIBRAS que participaram da pesquisa não estão filiados a quaisquer associações de intérpretes de LIBRAS, pois, as associações a que pertencem não são propriamente associações de intérpretes de LIBRAS, mas instituições que contam com os serviços desses e de outros profissionais.

Aqui no Nordeste, já existe uma associação de intérpretes de LIBRAS, a “Associação de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais”, fundada por ocasião do III Encontro Nordestino de Intérpretes de LIBRAS, realizado na Casa de Retiros Dolomiten Park, na Praia da Tabuba, nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 2002 (Revista da Feneis, ano V, n. 17, janeiro-março). No entanto, o quadro de membros da instituição restringe-se a apenas 18 intérpretes, procedentes dos nove estados da região Nordeste (Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Piauí e Maranhão), cada estado sendo representado por dois intérpretes.

8. Participa de congressos e eventos científicos na área da interpretação?

Oito intérpretes responderam que participam de congressos de intérpretes de LIBRAS; sete responderam que não.

É comum a participação dos intérpretes em encontros de intérpretes de LIBRAS e outros eventos relacionados ao seu campo de atuação, tais como, congressos de educação bilíngüe e de educação inclusiva. A partir da década de 90, tem sido registrado um número considerável de tais eventos em vários estados do país, bem como no exterior. Além do III Encontro Nordestino de Intérpretes de LIBRAS, Fortaleza foi sede do IV Seminário sobre Educação e Integração de Surdos, de 15 a 18 de março de 2004, no hotel Praia Centro (*O Povo*, 19/03/2004)

9. Que dificuldades enfrenta no exercício da profissão de intérprete?

As dificuldades alistadas pelos intérpretes, nas suas próprias palavras, foram as seguintes: “falta de cursos profissionalizantes de intérpretes”, “mudanças nos sinais”, “ausência de parceria com terapias no campo da fonoaudiologia e da psicologia”, “falta de valorização social”, “baixas remunerações”, “dúvidas sobre como interpretar e como ajudar o surdo com suas dificuldades”, “suporte de especialização em LIBRAS”, “falta de reconhecimento da profissão de intérprete de LIBRAS”, “não ouvir bem o palestrante”, “a rejeição dos intérpretes mais novos pelos mais antigos”, “pesquisas sobre assuntos”, “disponibilidade” e “tempo”.

Apesar da oferta de cursos de interpretação LIBRAS/português por parte da FENEIS e da parceria FENEIS/CAS/SETE, conforme já mencionado neste capítulo, os intérpretes continuam a queixar-se da inexistência de cursos profissionalizantes. Na verdade, eles demandam a criação de cursos de graduação reconhecidos oficialmente, que lhes forneçam uma formação abalizada, ou à altura da complexidade da tarefa de interpretar entre o português e a LIBRAS .

Acerca da “necessidade de formação do Intérprete de Língua de Sinais”, Pereira (Revista da FENEIS, ano III, n. 18, p. 27) especifica os requisitos básicos que o currículo de um curso destinado a esse fim precisa preencher; são eles:

”a. currículo que contemple igualmente as duas línguas, de sinais e oral. As duas direções da interpretação devem ser estudadas e treinadas: da língua de sinais para a língua oral e vice-versa.

- b. carga horária que permita um bom embasamento teórico e a prática intensiva, sistemática e supervisionada;
- c. inclusão obrigatória dos conteúdos mínimos: Língua de Sinais e Língua Oral, Lingüística Geral, Lingüística Aplicada à Língua de Sinais e ao Português, Ética Profissional, Técnicas de tradução-interpretação, Estudo sócio-histórico da comunidade e cultura surdas, Psicologia (aplicada ao intérprete), Estudos da Voz, Educação Física e Artes Dramáticas;
- d. Laboratório ou oficina de interpretação onde se colocarão em prática as técnicas aprendidas, treinamento para situações passíveis de ocorrer na vida profissional;
- e. Estágio supervisionado”.

Caso houvesse na cidade um curso profissionalizante de intérpretes de LIBRAS com currículo semelhante ao sugerido por Pereira, os intérpretes não sentiriam, por exemplo, “falta de um suporte de especialização em LIBRAS”, visto que uma das disciplinas do curso seria a LIBRAS. O curso seria, ainda, um meio de nivelar a classe dos intérpretes de LIBRAS da cidade, já que alguns não estão tendo acesso, nem mesmo, aos breves treinamentos promovidos na cidade pela parceria SETE/CAS/FENEIS.

Uma das dificuldades apontadas pelos intérpretes são “as freqüentes mudanças nos sinais”, ou no léxico da LIBRAS. Essas mudanças ocorrem, têm ocorrido não somente no nível lexical da língua e ao longo do tempo, mas, em todos os níveis da língua, sendo desencadeadas por fatores, tais como, região, idade, classes social, nível de escolaridade e outras circunstâncias relativas aos sinalizadores nativos dessa língua. Esse fenômeno, que é o objeto de estudo da Sociolingüística, foi denominado “variação”.

Embora o fenômeno da variação seja inerente não só a LIBRAS, mas a todas as línguas orais e de sinais, é causa de incômodo a sinalizadores/ falantes nativos e também a outros usuários de uma língua, uma vez que, exige constante atualização com as mudanças diacrônicas e sincrônicas da língua. A fim de manter-se a par dessas mudanças, é necessário que o usuário da língua, quer nativo ou não, mantenha-se em constante contato com outros usuários da língua e com a mídia. Contudo, se os intérpretes de LIBRAS tivessem acesso a um curso de formação, cujo currículo incluísse a Sociolingüística, encarariam com mais naturalidade as variações que ocorrem na LIBRAS.

Outra dificuldade mencionada pelos intérpretes é “a ausência de parceria com terapias no campo da psicologia e da fonoaudiologia”. Na verdade, a maioria dos intérpretes tem exercido seu trabalho desvinculado de outras especialidades profissionais, o que não é a maneira mais eficaz de assistir os surdos. Segundo especialistas (INES, 2003), é necessário que o trabalho de assistência ao surdo seja interdisciplinar, isto é, um trabalho desempenhado por uma equipe multidisciplinar, cujo rol de especialistas inclui o intérprete de LIBRAS. A família do surdo também precisa ser estimulada a cooperar com a equipe de multidisciplinar de profissionais. A falta desse tipo de trabalho tem sobrecarregado o intérprete, uma vez que, ao exercer seu trabalho, muitas vezes, tem se desviado de suas funções, a fim de preencher a lacuna deixada pela falta de uma ou mais especialidades.

“As dúvidas quanto a como interpretar” encontram justificativa no fato de que a tarefa de interpretar de uma língua para a outra é bastante complexa, requerendo a habilidade de lidar com questões de cunhos variados: lingüístico, cognitivo, ético, cultural e outros. Por exemplo, caso esteja interpretando do português para a LIBRAS, o intérprete precisa adaptar sua interpretação não só à estrutura e ao meio visual-espacial da LIBRAS, mas, também, à cultura surda, ao grau de desenvolvimento cognitivo e lingüístico específico de cada grupo ou indivíduo receptor de sua interpretação, ao contexto da atuação, etc. Na seção 3.2.2., sobre as estratégias de interpretação, discutiremos essa questão com mais detalhadamente.

Há também a necessidade de saber como traduzir os diferentes níveis de linguagem e a linguagem ou o jargão de cada área de conhecimento especializado. Adquirir essa versatilidade é especialmente difícil em vista do fato de que a LIBRAS, por ser uma língua jovem, tem um léxico mais reduzido do que o da língua portuguesa. Além disso, as fontes de pesquisa sobre a língua são escassas, sendo, basicamente, um dicionário trilingüe de dois volumes (Capovilla, 2001), o qual é praticamente inacessível à maioria dos intérpretes, dada a sua raridade e custo elevado; alguns livros impressos; gramáticas, livros e dicionários digitalizados disponíveis via Internet e as traduções em vídeo das publicações da Associação Torre de Vigia.

Ainda sobre o aspecto lingüístico, alguns sinais traduzem apenas um dos sentidos inclusos na polissemia de palavras da língua portuguesa, como é o caso do sinal “DOMÍNIO” que traduz a palavra “domínio”. Ao passo que a palavra domínio tem um sentido amplo que engloba a autoridade exercida por um governante, os limites de uma disciplina, a fluência em um idioma, entre outros; o sinal DOMÍNIO refere-se apenas à autoridade exercida por um governante. A polissemia das palavras é, portanto, apenas uma das dificuldades com que se confronta o intérprete ao traduzir do português para a LIBRAS.

O exercício da profissão de intérprete de LIBRAS requer que o profissional obedeça a normas éticas que podem variar de acordo com o contexto de atuação e com as peculiaridades do público receptor de sua interpretação. É necessário que desenvolva a sensibilidade para perceber quanto do texto de partida deve ser traduzido, e como, levando em consideração as peculiaridades de cada público receptor e dos contextos de atuação.

Conceitos estritos de interpretação, tais como, a idéia de que omitir a tradução de trechos da informação da fala de partida equivaleria a deturpá-la; e a idéia de que seria um desvio de sua função, caso o intérprete incluísse explicações em sua versão da fala de partida, tornam ainda mais difícil para o intérprete lidar com essas questões, visto que restringem sua liberdade de ação ainda mais. No entanto, independente do conceito de interpretação que o intérprete detenha, em vista de todas as situações com as quais o intérprete tem que lidar, não resta dúvida de que a atividade de interpretação é muito complexa para ser executada à base de improviso, sem preparação antecipada e sem treinamento.

Uma das maiores dificuldades que os intérpretes de LIBRAS enfrentam, no momento, é a falta de reconhecimento oficial de sua profissão. Essa questão tem integrado a pauta das discussões em encontros de intérpretes realizados em todo país. No II Encontro Carioca de Intérpretes, realizado nos dias 30 e 31 de maio de 2003, no auditório do INES, por exemplo, foi defendida a necessidade de se “investir na elaboração de um documento que lance as bases para a regulamentação da

profissão no Brasil”, objetivando “nortear o processo de legalização da profissão” (Revista da FENEIS, julho/ setembro, 2003, p. 17).

O Encontro tratou, também, da sindicalização dos profissionais, sendo sugerido que, após a legalização da profissão, os intérpretes sejam encaminhados ao Sindicato dos Tradutores (SINTRA). Embora já se tenham passado quase dois anos da realização desse evento, a legalização da profissão de intérprete de LIBRAS ainda não foi obtida. No entanto, ao contemplarem as conquistas passadas, uma das quais tendo sido o reconhecimento oficial, em nível federal, da LIBRAS, intérpretes e surdos sentem-se animados a prosseguir com a luta em prol da realização desse intento.

3.2.2. Análise das filmagens – As estratégias de interpretação dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová



Figura 8: Intérprete de LIBRAS atuando em um congresso das Testemunhas de Jeová

Um mito prevalente acerca da interpretação/ tradução é o de que basta ser fluente em duas línguas para ser capaz de interpretar de uma língua para a outra. Os que pensam assim acreditam que a interpretação/tradução é um mero exercício de transcodificação, ou de mudança do código lingüístico de uma mensagem mediante a substituição de cada palavra ou de cada sinal de uma língua, por uma palavra ou sinal de igual significado, pertencente à outra língua.

Todavia, interpretar/traduzir de uma língua para a outra é uma tarefa desafiadora, sobre o qual incidem variáveis de diversas naturezas. O desafio é ainda maior, quando estão envolvidas línguas e culturas tão diferentes quanto língua de sinais e língua oral, cultura surda e cultura ouvinte. A fim de lidar com desafios múltiplos e solucionar os problemas que surgem ao longo de cada interpretação/tradução, intérpretes de línguas orais, intérpretes de línguas de sinais, bem como tradutores, adotam estratégias. Pesquisadores e teóricos da tradução, por sua vez, têm identificado, nomeado e descrito algumas dessas estratégias.

Por exemplo, Novais (2002, p.171), citado anteriormente na seção 2.2., identificou, nomeou e descreveu sete estratégias de interpretação utilizadas pelos intérpretes de tribunal que foram os sujeitos de sua pesquisa, a saber: simplificação, omissão, síntese, discurso indireto, ratificação, explicitação e padronização. A semelhança entre as estratégias utilizadas pelos intérpretes desta pesquisa e as utilizadas pelos intérpretes da pesquisa de Novais, com exceção do discurso indireto, da ratificação e da explicitação, foi o motivo da adoção da nomenclatura sugerida por Novais para classificar as estratégias dos sujeitos desta pesquisa.

Foram identificadas, ainda, três estratégias que não constam da classificação do autor, são elas: repetição, uso de recursos visuais e uso de perguntas retóricas para destacar idéias importantes, para prender a atenção e para estimular o raciocínio. O significado de cada estratégia será explicitado à medida que os exemplos de ocorrência das estratégias forem especificados e analisados.

As transcrições das oito falas de partida, junto com as respectivas interpretações constam do Anexo III. Cada fala de partida foi identificada pelo símbolo "FP" (fala de partida), seguido por um numeral, por exemplo, FP1, FP2, e assim por diante. A interpretação de cada fala de partida será identificada pelo símbolo "I" seguido do número de identificação dessa fala de partida; por exemplo, I1, é a versão da FP1; I2, da FP2, e assim por diante. Nas transcrições das interpretações, foram inseridas, entre parênteses, explicações dos procedimentos adotados pelos intérpretes, a fim de auxiliar a compreensão dos leitores deste trabalho. As elipses do sujeito e do objeto foram indicadas pela explicitação dos termos elípticos entre colchetes.

Procederemos, agora, à análise das estratégias de interpretação de que lançaram mão os intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová durante suas atuações no congresso intitulado “Seja guiado pela ‘sabedoria de cima”, nos dias 23 e 24 de outubro de 2004. Em seguida, serão analisadas as estratégias de interpretação na seguinte seqüência: omissão; simplificação; repetição; uso de recursos visuais; uso de perguntas retóricas para destacar idéias importantes, para prender a atenção e para estimular o raciocínio e padronização.

3.2.2.1. Omissão

Ao compararmos as falas de partida em português com as respectivas interpretações em LIBRAS, percebemos que os textos das falas de partida são muito mais extensos do que os textos das respectivas versões em LIBRAS. Um exame mais detalhado revela que os intérpretes omitiram certos detalhes das falas de partida.

É possível que a recorrência dessa estratégia nas atuações de todos os intérpretes tenha sido motivada, principalmente, por dois fatores: 1º, a necessidade do intérprete de manter o intervalo de tempo entre o trecho da fala de partida que traduz e sua versão desse trecho o mais curto possível, a fim de impedir que o sentido do próximo trecho, cuja emissão se dá no momento em que verte o anterior, se esvaia antes de ser captado por ele; 2º, a necessidade de não sobrecarregar a visão do surdo com um número excessivo de itens lexicais e de idéias, a fim de evitar o bloqueio na assimilação e retenção de informações, visto que o aprendizado e a memória do surdo são visuais. Agora, veremos alguns exemplos do uso que os intérpretes fizeram dessa estratégia.

Na interpretação de um trecho sobre a passagem da Bíblia que trata da necessidade de iniciativa para se obter de Deus a sabedoria de cima, o palestrante (FP1) disse:

Trecho 1: “Cada um de nós só vai conseguir ter o entendimento, ter a compreensão, pois a palavra sabedoria, ela subentende ‘amplitude de conhecimento’, ‘profundeza de entendimento e compreensão’, e nós não vamos conseguir isso, a menos que façamos um estudo diligente, regular, da Bíblia Sagrada”.

O intérprete 1 (I1) omitiu a definição de sabedoria - “amplitude de conhecimento”, “profundez de entendimento e compreensão” - que aparece no trecho 1. Omitiu, também, a interpretação da leitura do texto da referência bíblica, a repetição das expressões “adquire sabedoria, e com tudo o que adquirires, adquire compreensão”, que visavam enfatizar a necessidade de iniciativa para obter de Deus a “sabedoria de cima” ou a sabedoria procedente de Deus. Ele traduziu o trecho 1 assim:

“JEOVÁ SABEDORIA DAR, ENSINAR, ENSINAR, ENSINAR...FÁCIL, JEOVÁ ENSINAR, ENSINAR, TODO@ FOLGAD@ PEDIR: JEOVÁ, ENSINAR ME, ENSINAR ME,...PRONTO? NÃO, ESFORÇO. JEOVÁ ENSINAR. EU ESFORÇAR APRENDER, IMPORTANTE”.

Baseado na noção de que “normalmente” [até mesmo] “os ouvintes conseguem captar apenas poucas idéias de um discurso” (Associação Torre de Vigia, 2001, p. 213), o intérprete limitou-se a traduzir apenas o que talvez tenha julgado ser a essência da mensagem, ou seja, que Deus está sempre disposto a ensinar os dispostos a aprender.

Na manhã do segundo dia do congresso, o presidente do programa daquele dia (FP2) lembrou o tema do primeiro dia do congresso, em seguida, fez uma pergunta de transição para criar expectativa da resposta, indicando que o programa daquela manhã responderia à pergunta. Ele disse:

Trecho 2. “O programa de ontem enfatizou a importância da sabedoria de cima em nossa vida. No entanto, o que precisamos fazer para obtê-la? A primeira parte do programa desta manhã responderá essa pergunta”.

O intérprete 2 (I2) traduziu o trecho acima da seguinte maneira: “ONTEM SÁBADO HONRAR A JEOVÁ CADA UM. SABEDORIA JEOVÁ PEDIR, COMO? EXPLICAR ENTENDER”. Observamos que o intérprete omitiu em sua tradução a recapitulação do tema do programa do primeiro dia de congresso, e a tradução da palavra “programa”. Foi, possivelmente, com o intuito de evitar o surgimento de mal entendidos devido à polissemia dessa palavra que o intérprete omitiu sua tradução .

Outra categoria de palavras das línguas orais de difícil compreensão para os surdos são os hiperônimos. Segundo Humphrey (1997), os significados das palavras dessa categoria são muito abstratos para os surdos; por isso, recomenda

que os hiperônimos sejam traduzidos para as línguas de sinais por uma lista de dois hipônimos. Para ilustrar esse ponto, tomemos, por exemplo, o hiperônimo “países orientais”. De acordo com a recomendação acima, esse hiperônimo poderia ser traduzido para a LIBRAS pelos hipônimos: JAPÃO – CORÉIA.

Outro palestrante (FP3), na introdução de seu tema, mencionou que a sabedoria é uma das várias qualidades de Deus, e que somos exortados a imitar a Deus nesse respeito, ou seja, sermos sábios também. Em seguida, lembrou que, no dia anterior, foram especificadas as facetas da sabedoria de cima, e, então, citou alguns exemplos dessas facetas. Ele disse:

Trecho 3: “Sabedoria é uma das várias qualidades do nosso Deus, Jeová. E nós somos exortados a copiar Jeová nessa qualidade também: adquirirmos sabedoria. Mas, como isso é possível? No dia de ontem, nós consideramos algumas facetas da sabedoria como sendo: razoável, pacífica... e assim, sucessivamente; como os irmãos anotaram e, possivelmente, lembraram ao voltar para suas casas”.

O intérprete 3 (I3) omitiu, desse trecho, a idéia de que a sabedoria é uma das qualidades de Deus, limitando-se, apenas, a dizer que a sabedoria é inerente a Deus, ou que faz parte de Deus, quando sinalizou: “JEOVÁ SINAL SABEDORIA” O intérprete não traduziu o trecho da fala do palestrante em que menciona um dos destaques do programa do dia anterior: a consideração das facetas da sabedoria de cima e os dois exemplos dessas facetas: “razoável” e “pacífica”. É possível que o termo “faceta”, pertencente ao português erudito, ainda não disponha de tradução na LIBRAS, ou, se a possuir, tanto a tradução como a idéia de desdobrar uma qualidade em outras, talvez sejam estranhas a surdos que, a bem dizer, recentemente, iniciaram o aprendizado dessa língua e o contato com conhecimentos profundos. Por isso, o intérprete deteve-se na tradução das idéias principais, desconsiderando os detalhes.

O intérprete omitiu, também, as palavras que indicavam a confiança do palestrante de que a assistência tivesse feito anotações sobre o programa do dia anterior, porque essa asserção aplicava-se, exclusivamente, aos ouvintes. Os surdos, devido à natureza visual-espacial de sua língua, não poderiam abaixar a

cabeça para anotar, porque, se assim o fizessem, perderiam o contato visual com o intérprete, e, conseqüentemente, importantes elos de informação.

O convite para os congressistas ouvintes entoarem o cântico número 88 (FP4) foi feito da seguinte maneira:

Trecho 4: “Os que puderem são convidados a se porem de pé, para cantarmos, juntos, o cântico de número 88, intitulado: ‘A Oração do Servo de Deus’, baseado em Tiago 3: 17; cântico de número 88”.

O intérprete 4 (I4) omitiu o número do cântico, porque esse dado seria necessário apenas aos ouvintes que iriam localizar no cancionário “Cantemos Louvores a Jeová” a letra do cântico a ser entoado; os surdos, no ínterim, imitariam o sinalizador da vídeo-tradução do cântico. O I4 omitiu, também, a soletração dactilológica da referência bíblica, já que aparecia na tela de TV, e a poesia da vídeo-tradução girava em torno da idéia dessa referência. Ele expressou o convite da seguinte maneira: “TODO@ IMITAR (aponta para título na TV) EM PÉ HONRAR JEOVÁ”.

As palavras introdutórias da entrevista proferidas pelo entrevistador (FP5) foram as seguintes:

Trecho 5: “Atualmente, cerca de 6.000.000 de estudos bíblicos são dirigidos pelos servos de Deus. Através de bons métodos de ensino é possível ajudar estes estudantes da Bíblia até a dedicação e o batismo bem como a se tornarem adequadamente habilitados para ensinar outros.”

O intérprete 5 (I5) omitiu a cifra (6.000.000) referente ao total de estudos bíblicos domiciliares dirigidos pelas Testemunhas de Jeová em toda a terra. Limitou-se a sinalizar: “AGORA TERRA PESSOA@ ENSINAR BÍBLIA ENSINAR CONGREGAÇÃO@ ENSINAR”. Transmitiu, assim, a idéia da dimensão mundial dessa obra, sem o uso da soletração dactilológica da cifra.

A fala da primeira entrevistada, representada na transcrição em Anexo por FP6, foi bastante extensa e entremeada de termos metafóricos do jargão organizacional das Testemunhas de Jeová. Um exemplo disso é sua declaração inicial:

Trecho 6: “Tenho percebido que, nestes últimos dias, Jeová tem-nos fornecido muito alimento no tempo apropriado, usando seu Escravo para

isso. E um desses alimentos são os Ministérios de julho e agosto, que vêm trazendo instruções em como a gente ter estudos progressivos, estudos que a gente pode se alegrar com eles.

A intérprete 6 (I6) omitiu o termo “Escravo”, empregado em sentido metafórico. Evitou também traduzir literalmente o termo “alimento”, empregado de forma figurada para referir-se à nutrição espiritual fornecida aos membros das Testemunhas de Jeová por meio de publicações explicativas da Bíblia. Sua versão contém a idéia de que Jeová Deus capacita pessoas para serem bons instrutores da Bíblia, por meio do periódico intitulado “Ministério do Reino” (publicação mensal da Associação Torre de Vigia), e que isso resulta em satisfação para elas. Ela expressou-se assim: “JEOVÁ AJUDAR MR MÊS JULHO/AGOSTO ENSINAR ALEGRAR BOM APRENDER BOM EXPLICAR”

A segunda entrevistada (FP7) fez uso de linguagem metafórica ao referir-se às etapas da obra de ensino bíblico realizada pelas Testemunhas de Jeová. A primeira etapa, a de contatar pela primeira vez uma pessoa e transmitir-lhe a mensagem bíblica, foi assemelhada ao plantio. A segunda etapa, a de continuar a transmitir conhecimento bíblico regularmente aos receptivos, foi comparada ao cultivo da plantinha que brotou da semente. A terceira etapa, ou a que diz respeito à dependência das culturas de condições atmosféricas favoráveis para prosperarem, ilustrou o papel essencial da bênção de Deus no êxito do ensino bíblico. Ela expressou-se assim:

Trecho 7: “Bem, a gente sabe que a gente pode plantar, a gente pode regar, mas é Jeová que faz crescer. Então, em primeiro lugar nós precisamos da ajuda dele para sermos bem sucedidos com os nossos estudantes. E, conforme já salientado, é fator essencial”.

A intérprete 7 (I7) omitiu as metáforas referentes às duas etapas iniciais da obra de ensino bíblico, e substituiu a metáfora referente à terceira etapa, ou a que diz respeito à bênção de Deus sobre o trabalho dos instrutores bíblicos (“Jeová que faz crescer”), por outra metáfora equivalente, a saber: “JEOVÁ AJUDAR ABENÇOAR MINHA MÃO NÃO! JEOVÁ ABENÇOAR”. Talvez sua decisão de omitir as duas metáforas iniciais se devesse ao intuito de destacar a idéia central daquele trecho da fala da entrevistada, tornando-se, assim, mais objetiva. Além disso, é

possível que os surdos ali presentes estivessem mais familiarizados com a metáfora que usou do que com a usada pela entrevistada.

Outro exemplo de omissão encontra-se na interpretação da fala do terceiro entrevistado (FP8). Respondendo à pergunta sobre a congregação das Testemunhas de Jeová de que procedia, esse entrevistado disse: “Eu faço parte da congregação Ellery, circuito CE-1, parte A”. O intérprete 8 (I8) omitiu, completamente, a soletração dactilológica do nome da congregação, a tradução da palavra “circuito”, a soletração dactilológica da sigla do estado do Ceará e o número que aparece logo depois. Possivelmente, considerou esses detalhes irrelevantes para os surdos ali presentes, visto que palavras, siglas e letras são vazias de significado para os surdos de um modo geral, ainda que soletradas por meio da dactilologia.

2.2.2. Simplificação

A simplificação de conteúdos é uma estratégia vital no caso da interpretação que tem como público receptor os surdos fortalezenses, de um modo geral, visto que tiveram o desenvolvimento lingüístico e cognitivo retardados pelos muitos anos de ensino oralista. Então, objetivando a assimilação de idéias complexas por parte daquela assistência, os intérpretes adaptaram sua forma de expressão ao nível de compreensão dos conteúdos veiculados, e ao nível de domínio da própria LIBRAS por parte daquele público receptor. Para isso, lançaram mão de linguagem simples, de termos conhecidos, de comparações e exemplificações com atividades e experiências corriqueiras àquela assistência. A seguir, começando com a interpretação da FP1, serão fornecidos exemplos do uso dessa estratégia por parte dos intérpretes.

O palestrante da FP1 fundamentou seu argumento de que é necessário despender esforço persistente na busca da sabedoria de cima com o trecho da Bíblia que compara tal esforço à busca de um tesouro escondido. Ele disse:

Trecho 8: “E indicando a importância do empenho, do esforço da nossa parte, o capítulo 2 de Provérbios, novamente, note algumas das expressões neste sentido, por exemplo, no capítulo 2, no versículo 2, só a primeira parte

diz assim: 'de modo a prestar atenção à sabedoria', no versículo 4 diz: 'se persistires em procurar isso como a prata, e continuares a buscar isso como a tesouros escondidos'... Então, veja aí expressões indicando o esforço necessário."

O I1 simplificou a interpretação da comparação por não traduzi-la literalmente. Em primeiro lugar, captou a idéia da comparação, ou seja, a idéia de que a busca de algo tão precioso quanto a "sabedoria de cima" exige esforço. Em seguida, serviu-se de atividades corriqueiras, tais como, trabalhar, divertir-se, estudar, para exemplificar uma possível aplicação prática da exortação bíblica, a saber: estar disposto a esforçar-se em encontrar tempo para o estudo diligente e regular da Bíblia em meio às diversas atividades do cotidiano, a fim de adquirir a "sabedoria de cima". O I1 expressou-se assim:

"SABEDORIA JEOVÁ PERTENCER CADA UM APRENDER...ELE DAR VOCÊ FOLGAD@ PEDIR PEDIR DAR DAR [sabedoria] ELE ENSINAR? NÃO! 1. ESFORÇO APRENDER IMPORTANTE 2. TEMPO DIVERSÃO, TRABALHO, ESTUDO ETC ETC ORGANIZAR IMPORTANTE...TEMPO BÍBLIA ESTUDAR IMPORTANTE...BÍBLIA ABRIR, FECHAR, GUARDAR. FITA VÍDEO ASSISTIR-NÃO. CAPACITAÇÃO SABEDORIA PODER? NÃO! TEMPO ORGANIZAR BÍBLIA ESTUDAR IMPORTANTE."

O I2 simplificou o anúncio do tema do segundo dia do congresso por reduzir o conteúdo da FP2, conforme transcrição no trecho 2, fazendo uso de uma pergunta, a fim de criar expectativa da resposta, sinalizando, em seguida, que a resposta seria fornecida no decorrer do programa daquele dia. Ele sinalizou: "SABEDORIA DELE (Deus) PEDIR COMO? AGORA EXPLICAR ENTENDER."

O palestrante da FP3 leu e comentou Provérbios 23: 23, e, em seguida, levantou uma questão acerca do significado de "comprar a sabedoria", respondendo no decorrer da palestra. Ele disse:

Trecho 9: "Compra a própria verdade, e não a vendas; sabedoria, disciplina e compreensão". Vamos tentar entender um pouco este texto. O proverbista menciona que é para nós comprarmos a verdade. Entre as facetas da verdade está a sabedoria, a disciplina e a compreensão. Mas a sabedoria é uma qualidade abstrata. Como nós podemos comprar a sabedoria? Bem, a palavra "comprar" significa "sacrificar ou renunciar a algo de valor por outra coisa de valor", ou seja, é como trocar. O nosso tempo é muito valioso e pode ser usado para adquirir sabedoria de Jeová e colocá-la em prática em nossa vida."

O I3 simplificou a fala de partida por não interpretar a leitura de Provérbios, nem esmiuçar o significado de "comprar". Para traduzir a idéia implícita no significado do verbo "comprar", optou por exemplificar com uma situação do

cotidiano dos surdos. Ele usou a seguinte encenação: um patrão escala um de seus funcionários para trabalhar aos domingos. Porém, ele já havia reservado esse dia para assistir reuniões bíblicas, visando a aquisição da sabedoria de cima. Ele resolve propor ao patrão a dispensa do expediente aos domingo e a compensação das horas de trabalho durante o restante da semana. Nesse caso, o funcionário escolheu investir algo de valor, seu tempo, na busca da sabedoria de cima, algo considerado por ele de valor inestimável. Dessa forma, o intérprete traduziu a idéia de “troca”, de “investimento”, implícita na palavra “comprar”, sem, contudo, traduzir literalmente essas palavras.

A situação usada para traduzir a idéia de comprar não foi apenas mencionada pelo intérprete, mas foi encenada por ele de acordo com as peculiaridades da narrativa da cultura surda, ou seja, à medida que narrava a ação, assumia o papel das personagens, movimentando-se de um lado para o outro, mudando a expressão facial e a direção do olhar, imitando os trejeitos de cada personagem, etc. Dessa forma, o intérprete tornou a explicação menos abstrata, e, portanto, mais compreensível ao surdo. O trecho a seguir é a transcrição da encenação que traduziu a idéia de “comprar”:

“SABEDORIA AGORA APLICAR COMO? EXEMPLO: TRABALHAR SEGUNDA TERÇA QUARTA QUINTA SÁBADO DOMINGO REUNIÃO IMPORTANTE HOMEM CHEFE MANDAR: “VOCÊ IR DOMINGO TRABALHAR” EU ADMIRAD@ ...REUNIÃO DOMINGO IGUAL EU, QUAL? TRABALHAR REUNIÃO QUAL? IDÉIA! COMO? SABEDORIA TRABALHAR REUNIÃO MAIS IMPORTANTE QUAL? EU SABEDORIA BÍBLIA AJUDAR REUNIÃO IR DIFERENTE REUNIÃO AQUI TER-NÃO DESPREZAR. HOMEM CHEFE EU PEDIR: “DOMINGO TRABALHAR PODER-NÃO REUNIÃO IR IMPORTANTE” CHEFE PEDIR CONVERSAR DISPENSAR TRABALHO IR BOM”.

3.2.2.3. Repetição

A repetição foi usada eficaz e profusamente pelos intérpretes para dar ênfase a idéias importantes e como recurso facilitador da compreensão e da memorização dessas idéias.

O I1 expressou duas vezes a idéia de que “a sabedoria de cima ou divina é superior à terrena”: 1ª vez: “SABEDORIA JEOVÁ SUPERIOR SABEDORIA MUNDO”; 2ª vez: “SABEDORIA JEOVÁ SUPREM@”.

O I3 repetiu três vezes a idéia de que é impossível que nos igualemos a Deus em sabedoria, não importa o que façamos. Utilizou, para isso, três perguntas retóricas: 1ª: “JEOVÁ SABEDORIA VOCÊ@ BÍBLIA ESTUDAR LER ENTENDER NÓS JEOVÁ NÓS IGUAL?” 2ª: “SABEDORIA JEOVÁ, VOCÊ@ IGUAL PODER?” 3ª: “EU VOCÊ IGUAL JEOVÁ?”

O I4 repetiu quatro vezes a idéia de que os membros da fraternidade mundial das Testemunhas de Jeová estão empenhados numa obra de ensino bíblico. 1ª: “BÍBLIA ENSINAR”; 2ª: “CONGREGAÇÃO@ ENSINAR”; 3ª: “PESSOA@ ENSINAR”; 4ª: “TODO@ CONGREGAÇÃO ENSINAR PRECISAR”.

A I6 repetiu quatro vezes a idéia expressa pela segunda entrevistada (FP6) de que se sentia feliz, gratificada, em participar da obra de transmitir conhecimento bíblico às pessoas através do programa de estudos bíblicos domiciliares promovido pelas Testemunhas de Jeová, a saber: 1ª vez: “ENSINAR ALEGRAR BOM”; 2ª “PRECISAR ENSINAR ALEGRAR BOM”; 3ª “JEOVÁ ABENÇOAR EU FELIZ”; 4ª “EU FELIZ EL@ MULHER-2 PROGREDIR”.

A I7 repetiu três vezes a idéia de que os que participam na obra mundial de ensino bíblico precisam buscar a bênção de Deus por meio da oração, se hão de ser bem sucedidos em ajudar os receptivos a harmonizarem suas vidas com os princípios bíblicos: 1ª vez: “JEOVÁ ABENÇOAR AJUDAR ESTUDANTE PROGREDIR ORAÇÃO IMPORTANTE”; 2ª “EU ORAR JÁ JEOVÁ AJUDAR”; 3ª “EU ENSINAR ORAR CONTINUAR”

3.2.2.4. O uso de recursos visuais

O uso de recursos visuais também fez parte das estratégias empregadas pelos intérpretes. Foram utilizados os seguintes recursos visuais: 1. dactilologia; 2. digitação, filmagem e edição de referências bíblicas na tela de TV; 3. vídeo-traduições de cânticos do cancionero “Cantemos Louvores a Jeová”.



Figura 9: Vídeo-tradução em LIBRAS de um dos cânticos do cancionário “Cantemos Louvores a Jeová”

A dactilologia foi usada para a soletração das referências bíblicas editadas na tela de TV, de palavras-chave dos títulos das conferências e para a soletração de alguns nomes próprios. Por exemplo, a referência bíblica “Tiago 3: 15” que aparece em letras garrafais na tela de TV durante a FP1 é soletrada dactilologicamente pelo I1, e aparece na transcrição (Anexo III) da seguinte maneira: T-I-A-G-O 3: 15. O nome “Paulo” também foi soletrado por meio da dactilologia e aparece na transcrição de I1 assim: P-A-U-L-O.

A soletração dactilológica de referências bíblicas e de nomes próprios visou dar o devido reconhecimento á fonte das instruções transmitidas nas conferências, a fim de evitar que os surdos atribuíssem aos intérpretes a autoria daqueles ensinamentos, uma vez que os surdos são norteados pelas impressões visuais.

As imagens na tela de TV foram utilizadas pelos intérpretes que atuaram na interpretação de conferências e pelos que interpretaram os anúncios introdutórios dos programas da manhã e da tarde do segundo dia de congresso, porém, não foram utilizadas pelos que interpretaram a entrevista. Por exemplo, o I2 apontou para a TV para mostrar o título da conferência lá estampado. O I3 apontou para as referências bíblicas editadas na tela de TV e fez uso da dactilologia para soletrar as referências. Por exemplo, a soletração dactilológica de Revelação 3: 15, foi transcrita da seguinte maneira: R-E-V-E-L-A-Ç-Ã-O 3: 15, em I3, no Anexo III. O I4 chamou a atenção dos congressistas surdos para o título do cântico 88, na tela de TV, e incentivou os surdos a imitarem o intérprete da vídeo-tradução em LIBRAS desse cântico, exibida logo em seguida.

Ao invés de interpretar os cânticos, os intérpretes fizeram uso das vídeo-traduições em LIBRAS desses cânticos (Figura 9). Essa medida contribuiu para elevar a qualidade da interpretação dos cânticos, visto que as vídeo-traduições foram preparadas meticulosamente em estúdio de gravação por uma equipe de intérpretes e tradutores qualificados, de modo a traduzir com acuidade não só as idéias, mas, também, toda a emotividade presente na melodia e na poesia dos cânticos. Além de, por si mesmas, serem recursos visuais, as vídeo-traduições, por sua vez, utilizam recursos visuais, na forma de paisagens e gravuras relacionadas aos temas dos cânticos, que contribuem para reforçar a compreensão da mensagem desses cânticos.

3.2.2.5. O uso de perguntas retóricas para destacar idéias importantes, para prender a atenção e para estimular o raciocínio

Embora as perguntas retóricas não exijam respostas audíveis ou visíveis, são um recurso eficaz em manter as assistências concentradas nas argumentações desenvolvidas por conferencistas, devido ao poder que as perguntas têm de provocar respostas mentais e de suscitar a expectativa de respostas.

Essa estratégia foi usada com mais freqüência nos textos argumentativos, como recurso didático, e em anúncios de conferências e de entrevistas, a fim de criar expectativa quanto aos temas que seriam discutidos. Somente três intérpretes não fizeram uso da estratégia: o I4, que anunciou um cântico, a I6 e a I7, que interpretaram duas entrevistadas. É possível que a razão disso resida no fato de que os textos interpretados por esses intérpretes não tinham por função o ensino, a argumentação ou a necessidade de criar expectativa do que seria dito em seguida. Foi também a estratégia mais recorrente entre os intérpretes, ocorrendo oito vezes apenas no texto do I1. Vejamos agora, alguns exemplos da ocorrência dessa estratégia.

A fim de destacar a idéia de que a sabedoria de Deus é superior à humana, o I1 fez a seguinte pergunta: “1. SABEDORIA JEOVÁ 2. SABEDORIA MUNDO, SUPERIOR, QUAL?” Antes de afirmar que é necessário esforçar-se para adquirir a sabedoria de Deus, fez as perguntas: “JEOVÁ SABEDORIA EXCELENTE,

SEGREDO, QUIET@ ?; EU PEDIR: JEOVÁ, ENSINAR ME, ENSINAR ME, PRONTO?”

As palavras do anúncio introdutório da programação da manhã do segundo dia de congresso, ou a FP2, foram as seguintes: “O programa de ontem enfatizou a importância da sabedoria de cima em nossas vidas. No entanto, o que precisamos fazer para obtê-la?” O I2 utilizou a mesma estratégia da FP2, ou seja, o uso de uma pergunta retórica para criar expectativa da resposta, e manter a assistência concentrada no programa daquela manhã de congresso. Ele fez a seguinte pergunta: “ONTEM SÁBADO HONRAR JEOVÁ CADA UM. SABEDORIA DELE PEDIR, COMO?”

O palestrante da FP3 afirmou que “nós somos exortados a copiar Jeová (Deus) nesta qualidade também: adquirirmos sabedoria.” Ao invés de traduzir explicitamente essa afirmação, o I3, fazendo uso de uma série de perguntas retóricas, lançou o seguinte problema diante do seu público: se Deus é a própria personificação da sabedoria (“JEOVÁ SINAL SABEDORIA”), será que eu, vocês, nós, por mais que estudemos, que leiamos a Bíblia, poderemos nos igualar a Ele em sabedoria? (“JEOVÁ SABEDORIA VOCÊ BÍBLIA ESTUDAR, LER, ENTENDER NÓS JEOVÁ SABEDORIA NÓS IGUAL?, SABEDORIA JEOVÁ VOCÊ@ IGUAL PODER? EU, VOCÊ@ IGUAL JEOVÁ? DUVIDAR!”) Em seguida, o intérprete explicou o sentido da exortação de copiar a sabedoria de Deus.

O I5, o intérprete do entrevistador, visando criar expectativa com respeito às palavras da primeira entrevistada (FP6) a respeito do proveito que tirou por seguir as sugestões da série de artigos intitulada “Como dirigir estudos bíblicos progressivos” do “Ministério do Reino” (publicação mensal da Associação Torre de Vigia que contém o programa mensal de duas das cinco reuniões semanais das Testemunhas de Jeová) fez estas perguntas: 1ª. “TODO@ CONGREGAÇÃO ENSINAR PRECISAR. MR JULHO 2004 ENSINAR BÍBLIA COMO?” (Todos na congregação precisam ensinar a Bíblia às pessoas. Como somos ajudados pelo Ministério do Reino?) 2ª. “JEOVÁ ABENÇOAR COMO?” (Como somos abençoados por Jeová ?)

O jogo de perguntas e respostas, resultante do uso dessa estratégia, deu às conferências uma feição de diálogo; tornando-as, assim, mais cativantes, o que contribuiu para manter os surdos concentrados na lógica das argumentações.

3.2.2.6. Padronização

Por fim, a última estratégia, a padronização, consistiu em submeter o texto das traduções aos padrões lingüísticos e textuais da LIBRAS e aos valores da cultura surda. Para isso, os intérpretes evitaram o uso do português sinalizado, e a forma de expressão característica do meio oral-auditivo e da cultura ouvinte. A dactilologia não foi empregada para acrescentar elementos estranhos à língua, tais como, artigos, preposições, verbos de ligação e sinais de pontuação do português escrito. Conforme a seção 3.2.2.4., esse recurso foi usado em alguns momentos na soletração de referências bíblicas, de nomes próprios e de palavras-chave dos títulos das conferências que figuravam na tela de TV, que logo em seguida eram traduzidas para a LIBRAS.

Uma das peculiaridades da cultura surda é o costume de identificar pessoas por meio de sinais. No caso das personagens bíblicas, os sinais que as identificam variam de acordo com as diferentes comunidades religiosas. Por isso, sempre que possível, os intérpretes se referiam às personagens bíblicas usando os sinais, ou os “nomes” pelos quais tornaram-se conhecidos na comunidade surda das Testemunhas de Jeová. Um exemplo disso é o uso do sinal de identificação do apóstolo de Cristo, Paulo, o qual aparece na linha 10 da transcrição relativa ao I1 da seguinte maneira: PAULO, ao passo que a soletração dactilológica do seu nome é representada assim: P-A-U-L-O. O I8 utilizou o sinal de Jesus ao invés de soletrar seu nome.

Outro indício do uso da padronização foi a adaptação que o I4 fez do convite para entoar o cântico (FP4), dirigido aos ouvintes, para o meio visual espacial. A FP4 convidou os ouvintes entoarem o cântico nas seguintes palavras: “Os que puderem são convidados para cantarmos..” (trecho 4). O I4, ao invés de convidar os surdos a “CANTAR”, convidou-os a “COPIAR” ou “IMITAR” a sinalização do intérprete de LIBRAS da vídeo-tradução do cântico 88.

Outro exemplo de padronização diz respeito ao uso que todos os intérpretes fizeram da sentença padrão da LIBRAS, a sentença do tipo Tópico-Comentário. Estes são alguns exemplos que corroboram essa afirmação: I1: “TEMPO DIVERSÃO, TRABALHO, ESTUDO, ETC. ORGANIZAR, IMPORTANTE” Nessa sentença o tópico, ou o assunto em pauta, é “TEMPO DIVERSÃO, TRABALHO, ESTUDO, ETC”.. “ORGANIZAR IMPORTANTE” é o comentário, ou o ângulo do assunto em questão, ou o que se diz a respeito do tópico; I2: “SABEDORIA PEDIR, COMO?” Nesta sentença o tópico é “SABEDORIA” e o comentário é “PEDIR, COMO?” Nas sentenças do tipo tópico-comentário, o verbo normalmente ocupa a última posição, exceto quando a pergunta faz uso de pronomes interrogativos, por exemplo: “COMO?” e “O QUE?” (I8) ou do advérbio “JÁ” (I7), conforme transcrição no parágrafo seguinte.

Outros exemplos do uso dessa estratégia são:

I3: SABEDORIA JEOVÁ VOCÊ IGUAL PODER? I4: AGORA, CONGRESSO COMEÇAR. I5: BÍBLIA ENSINAR. I6: ESTUDANTE 2 [eu] ENSINAR. I7: ORAÇÃO IMPORTANTE EU ORAR JÁ. I8: FÉ NOSS@ COMPARAR O QUE?

O uso das estratégias de interpretação, cuja descrição e exemplificação concluímos aqui, evidenciou que os intérpretes tinham conhecimento do mecanismo de aprendizado e de memorização visual do surdo e da estrutura da LIBRAS. Evidenciou, ainda, que os intérpretes levaram em consideração fatores como escolaridade, grau de fluência na LIBRAS e de entendimento acerca dos assuntos explanados no evento e outras peculiaridades daquele grupo específico de surdos.

Todas essas estratégias poderiam ser resumidas em uma única estratégia, a domesticação (Venuti, 1995), que consiste em o tradutor produzir um texto fluente na língua de chegada, que não parece ser uma tradução, mas um texto produzido diretamente nessa língua. Portanto, os surdos presentes àquele congresso receberam a tradução como se fora produzida em LIBRAS. Toury (1995) chamaria essa estratégia de “naturalização”.

Concluimos, com isso, que existe uma tendência de os intérpretes estudados adotarem a norma de “naturalização”. Será que essa seria uma tendência

dos intérpretes de Fortaleza? Do Ceará? Do Brasil? Serão necessários ainda outros estudos para responder a essas perguntas.

3.2.3. Análise da Entrevista – O papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová

Esta seção iniciará com a paráfrase das respostas fornecidas à entrevista pelo representante da Associação Torre de Vigia e coordenador da atividade de interpretação em LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová em Fortaleza no período de outubro de 2004 a janeiro de 2005. E será concluída com a discussão da entrevista e a apresentação da conclusão a que chegamos quanto ao papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová.

3.2.3.1. A Entrevista

1. Qual o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová?

O papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová está ligado à atribuição da Associação Torre de Vigia (órgão jurídico representativo das Testemunhas de Jeová no Brasil) de traduzir publicações bíblicas, reuniões e congressos para as línguas nativas de comunidades de imigrantes que não dominam o português, e para a língua oficial das comunidades surdas brasileiras, a LIBRAS.

Por isso, os intérpretes de LIBRAS que atuam no âmbito dessa organização participam, voluntariamente, na tradução de publicações bíblicas do português para a LIBRAS, na interpretação simultânea de congressos, de reuniões e na tradução de reuniões. Porém, o trabalho desse grupo de intérpretes não se restringe a essas ocasiões. Seu trabalho tem também um lado social que envolve colocarem-se à disposição para mediar a comunicação entre os surdos e suas famílias; ajudarem os surdos a se desenvolverem no domínio da LIBRAS e no entendimento de diversos assuntos relativos à moral e a vida prática.

As vídeo-traduições (produzidas no estúdio de gravação de propriedade das Testemunhas de Jeová, localizado em Cesário Lange, Tatuí, SP) desempenham um papel vital em capacitar os intérpretes que atuam em Fortaleza e nas diversas cidades brasileiras a se expressarem fluentemente em LIBRAS sobre diversos assuntos, e, assim, contribuírem para o desenvolvimento cognitivo e lingüístico do surdo.

Durante as visitas aos lares dos surdos, os intérpretes assistem, junto com eles e suas famílias, trechos das vídeo-traduições e trocam idéias sobre os assuntos abordados. Essas ocasiões, além de proporcionarem momentos de comunicação entre o surdo e sua família, fazem com que os membros ouvintes dessas famílias percebam que o surdo não é deficiente, mas é alguém inteligente e capaz de se expressar sobre diversos assuntos, contanto que lhe seja permitido fazer isso na sua própria língua materna de sinais.

2. Que tipo de treinamento é ministrado aos intérpretes, a fim de habilitá-los a exercer seu papel?

O treinamento dos intérpretes é provido pela Associação Torre de Vigia por meio de visitas periódicas de seus representantes versados em LIBRAS e em cultura surda. O treinamento consiste na reciclagem dos conhecimentos dos intérpretes acerca da LIBRAS e da cultura surda, junto com a prática da interpretação em reuniões e na mediação da comunicação entre os surdos e suas famílias. As vídeo-traduições em LIBRAS complementam o treinamento, ajudando os intérpretes a ampliar o conhecimento da língua e de seu uso, equipando-os, assim, para melhor assistir os surdos.

3. Qual a sistemática de trabalho da equipe?

O trabalho é feito de maneira sistemática, em equipe. Os intérpretes disponibilizam-se a usar seu tempo, a fim de tornar informações importantes acessíveis ao surdo, visando seu desenvolvimento, sua integração na família e na sociedade, de um modo geral. No entanto, para que essa meta seja atingida, a

cooperação do surdo e de sua família é indispensável: o surdo dispondo-se a desenvolver a fluência na LIBRAS e o entendimento de diversos assuntos; e sua família, por permitir que o surdo se exponha à LIBRAS e às informações das vídeo-traduições produzidas pela Associação Torre de Vigia.

3.2.3.2. Discussão da entrevista

De acordo com as palavras do entrevistado, o papel dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová é multifacetado, uma vez que compreende diversas atribuições. Uma dessas atribuições é a de tradutores e intérpretes de publicações em língua portuguesa (livros, revistas, a Bíblia, brochuras, etc.) para a LIBRAS. Para esse fim, a Associação Torre de Vigia dispõe de uma equipe de tradutores e intérpretes voluntários que trabalham diariamente no seu estúdio de gravação, em Cesário Lange, Tatuí, SP. Graças ao trabalho desses voluntários, foram traduzidas brochuras, livros, trechos da Bíblia, artigos da revista “A Sentinela”, dramas bíblicos e cânticos.

A Associação Torre de Vigia também treina voluntários para exercer a função de intérpretes de LIBRAS no âmbito das congregações das Testemunhas de Jeová em todo o Brasil. Alguns voluntários se dispõem a serem enviados a cidades onde há necessidade de intérpretes para atuarem em reuniões semanais e em congressos. Visando a reciclagem de conhecimentos e o aperfeiçoamento contínuo do trabalho dos voluntários, a Associação Torre de Vigia envia, semestralmente, às capitais e outras cidades brasileiras, representantes versados em LIBRAS e em cultura surda.

Porém, alguns talvez questionem a necessidade de traduzir publicações escritas do português para a LIBRAS, baseados no pressuposto de que, contanto que o surdo não tenha impedimentos visuais, sua competência leitora pode equiparar-se à dos ouvintes, falantes nativos da língua portuguesa. Os que pensam assim, desapercebem o fato de que a palavra, o signo das línguas orais, é composta de duas partes indissociáveis: significado, ou conceito, e significante, ou imagem acústica (Dubois et alli, 1997-1998: 546). Por isso, não é possível chegar-se ao significado de uma palavra sem antes perceber sua imagem acústica ou fonológica.

No caso dos falantes nativos das línguas orais, durante os anos que antecedem o aprendizado da leitura, ocorre a exposição dos mesmos aos sons de sua língua materna, mediante a interação com outros falantes nativos dessa língua; e assim, gradualmente, é formada a memória auditiva desses indivíduos. Na leitura, é essa memória que é evocada, a fim de que os sons e os significados das palavras escritas sejam lembrados e compreendidos. De sorte que muito do que lêem é entendido, porque já o ouviram antes (Desperta! 8/9/1998).

O surdo congênito e os acometidos de surdez antes da aquisição de uma língua oral como língua materna não conseguem formar a memória auditiva, por isso, não dispõem dos subsídios necessários à compreensão da língua escrita. Por esse motivo, a língua oral, ainda que na modalidade escrita, sempre lhe será estranha. Então, a fim de que a integração do surdo à sociedade ouvinte não se restrinja ao âmbito de algumas instituições, e para que possa participar ativamente da vida cultural dessa sociedade, o trabalho dos intérpretes, na qualidade de tradutores de publicações escritas, é vital.

Quanto ao aspecto da mediação da comunicação entre o surdo e sua família, a necessidade é premente, em vista do fato de que a maioria dos ouvintes dessas famílias não domina a LIBRAS, e os surdos, tampouco, dominam o português. Nessas famílias, a comunicação por meio de mímicas, português escrito, leitura labial e outros meios, quando muito, presta-se à expressão de idéias concretas. Essa espécie de código, porém, não dá conta da expressão de idéias abstratas, tais como, raciocínios e sentimentos. O resultado é um sério bloqueio na comunicação familiar.

A iniciativa da Associação Torre de Vigia em prover treinamento, mesmo para intérpretes que trabalham voluntariamente, é indicativo da conscientização de que a atividade de interpretação é muito complexa para ser desempenhada à base de mera intuição. E, embora o nível desse treinamento não seja acadêmico, tem suprido os intérpretes com noções básicas sobre a estrutura e usos da LIBRAS, sobre retórica, cultura surda; as quais são necessárias à atuação não só no âmbito daquela Organização, mas em todos os âmbitos.

O treinamento supervisionado que enfatiza a própria prática da interpretação é realizado em simulações durante as sessões de instrução e em situações reais (em congressos e reuniões). As visitas periódicas de pessoas versadas em LIBRAS e em cultura surda fazem parte do programa de treinamento e têm a função de avaliar o desempenho dos intérpretes e atualizar seus conhecimentos.

Os intérpretes contam, também, com a ajuda de um farto material visual, na forma de vídeo-traduições em LIBRAS, que são de muita valia nas pesquisas em preparação antecipada para o cumprimento de suas designações, na ampliação do seu conhecimento sobre a língua e como coadjuvantes durante as atuações. Segundo Isham (1998), os vídeos de sinalizadores surdos e de interações entre ouvintes e surdos são indispensáveis nos programas de treinamento dos intérpretes de línguas de sinais.

O trabalho em equipe, outra característica da sistemática de trabalho desses intérpretes, proporciona-lhes o apoio de seus colegas durante as atuações, o intercâmbio de experiências, e o revezamento durante as atuações de longa duração. Especialistas recomendam o trabalho em equipe, ou pelo menos em dupla, quando as designações excederem uma ou duas horas, ou quando exigirem esforço físico e mental estrênuo (Nilsson, 1997).

Portanto, ao interpretar conferências, traduzir matéria impressa e mediar a comunicação entre o surdo e sua família, os intérpretes que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová contribuem para que os surdos tenham acesso a informações em língua oral e escrita vitais para o seu desenvolvimento pessoal e intelectual, além de proporcionar-lhes a oportunidade de integração àquela Organização, às suas famílias e à sociedade ouvinte de um modo geral.

Considerações Finais

O presente estudo proporcionou-nos uma visão geral da atual situação da interpretação em LIBRAS aqui em Fortaleza, com base no perfil dos intérpretes que atuam nesta capital. Forneceu-nos também uma noção dos aspectos práticos dessa atividade, tais como, as mudanças feitas pelos profissionais, a fim de adaptar sua produção à estrutura e ao meio da LIBRAS, bem como à cultura surda. Permitiu-nos, ainda, conhecer algumas facetas do papel desses intérpretes e o tipo de treinamento recebido para as exercerem.

Quanto ao perfil dos intérpretes de LIBRAS que atuam em Fortaleza, concluímos que esse grupo de profissionais compõe-se, predominantemente, de pessoas jovens que exercem a atividade de interpretação, quase que exclusivamente no âmbito educacional, ou em escolas de ensino especial e em escolas e universidades de ensino inclusivo; e no âmbito religioso, ou nas atividades promovidas por diferentes religiões. O trabalho no âmbito educacional é remunerado, ao passo que, no âmbito religioso, é voluntário.

O nível de escolaridade desses profissionais varia de secundário a universitário, porém, o treinamento recebido para o exercício da profissão não provém de cursos técnicos, seqüenciais ou de graduação em interpretação LIBRAS/português, uma vez que não há quaisquer desses cursos em Fortaleza. Até o momento, o treinamento para o exercício da interpretação em LIBRAS que se encontra disponível na cidade tem sido ministrado por instituições filantrópicas em parceria com secretarias municipais e por instituições religiosas.

Além da carência de cursos de interpretação LIBRAS/português de nível técnico e acadêmico, os intérpretes ainda têm convivido com a falta de regulamentação da profissão de intérprete de LIBRAS, resultante da falta de reconhecimento da profissão em nível federal, estadual e municipal. Em consequência disso, têm trabalhado sob condições bastante precárias, as quais incluem os baixos salários.

A fim de fazer face ao desafio de interpretar de uma língua oral-auditiva para uma visual-espacial, e da cultura ouvinte para a cultura surda, os intérpretes de LIBRAS que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová lançaram mão das seguintes estratégias: omissão, simplificação; repetição; uso de recursos visuais; uso de perguntas retóricas para prender a atenção, para estimular o raciocínio e para destacar idéias importantes e padronização. O resultado do uso dessas estratégias foi a adequação do texto de chegada aos padrões lingüísticos e culturais da LIBRAS e ao meio visual-espacial dessa língua, ou seja, os intérpretes adotaram a norma de naturalização nas suas traduções.

O fato de fazerem uso da LIBRAS e não do Português Sinalizado, como acontecia até o fim da década de noventa e início dos anos dois mil, indica que os intérpretes assimilaram as idéias da mais recente abordagem educacional para surdos, o Bilingüismo. Isso, por sua vez, confirma a asserção de Toury (1995) de que a tradução/interpretação é um processo influenciado pelos desenvolvimentos histórico-culturais. Evidencia, também, que os intérpretes tiveram seus conceitos e práticas tradutórias atualizados por meio de um tipo de formação teórica e prática; o que reflete a conscientização, por parte da Organização que faz uso dos serviços desses intérpretes, da complexidade dessa atividade e da necessidade de capacitação para exercê-la.

Quanto ao papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová, uma de suas atribuições, a de traduzir publicações escritas para vídeos e DVDs em LIBRAS, é vital no sentido de que esta tem sido a maneira mais eficaz de possibilitar o acesso do surdo a uma ampla variedade de informações. A julgar pelo sucesso alcançado por essas traduções em tornar compreensíveis aos surdos assuntos variados, dos mais corriqueiros (*e.g.* noções de higiene) aos mais complexos (*e.g.* princípios bíblicos), caso os livros didáticos e outras publicações escritas, utilizadas no ensino aos surdos, fossem substituídas por vídeo-traduções ou DVDs em LIBRAS, até mesmo as informações mais profundas dos currículos escolar e acadêmico poderiam ser assimiladas por eles. Logo, a substituição de livros didáticos em português por vídeos e DVDs didáticos em LIBRAS é uma das medidas indispensáveis à adaptação de escolas e universidades de ensino inclusivo para atender às necessidades especiais dos educandos surdos.

O fato de que os intérpretes conseguiram expressar-se em LIBRAS sobre conteúdos profundos e eruditos, como é o caso da linguagem e dos ensinamentos da Bíblia, indica que a LIBRAS se equipara em complexidade e expressividade ao português e a qualquer língua oral. É esse potencial expressivo da LIBRAS que torna possível a expressão de idéias abstratas e complexas, incluindo sentimentos e raciocínios lógicos, possibilitando aos usuários da língua discutir qualquer assunto. Por isso, com a ajuda dos intérpretes de LIBRAS, os surdos podem participar, junto com ouvintes, de fóruns sobre assuntos variados, de aulas no ambiente acadêmico, de congressos, de eventos esportivos, etc. A participação ativa na vida cultural da sociedade ouvinte majoritária e a resultante integração a essa sociedade são vitais aos surdos, visto que sua sobrevivência, realização pessoal e a elevação do seu *status* dependem disso.

Outra faceta do papel dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová, que também é vital, é a mediação da comunicação entre os surdos e os membros ouvintes de suas famílias. Nessas famílias biculturais, é comum o bloqueio na comunicação, uma vez que seus membros ouvintes não dominam a LIBRAS, e o surdo não domina o português, via de regra. Os intérpretes não só contribuem para proporcionar alguma medida de entendimento entre o surdo e seus parentes ouvintes, mas também para elevar a imagem do surdo aos olhos dessas pessoas, fazendo-os ver o enorme potencial que há nele.

Após analisarmos esses três aspectos do papel multifacetado dos intérpretes de LIBRAS das Testemunhas de Jeová, concluímos que uma atividade profissional tão complexa, com tão ampla esfera de atuação, não poderia continuar a ser desempenhada sem, pelo menos, o mínimo de formação profissional, empiricamente ou á base de intuição pessoal, como acontecia no passado. Essa conscientização também é crescente entre diversas instituições que fazem uso de intérpretes para os surdos, inclusive entre as instituições educacionais. É, portanto, por esse motivo, que, mesmo não havendo cursos universitários de interpretação em LIBRAS na cidade, a Associação Torre de Vigia oferece um programa de treinamento para os intérpretes que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová em Fortaleza e em outras cidades brasileiras.

Esperamos que, em breve, o sistema educacional, a exemplo do que está sendo feito no âmbito das Testemunhas de Jeová, em matéria de treinamento de intérpretes de LIBRAS, possa criar cursos de interpretação português/LIBRAS que forneçam treinamento abalizado para o exercício competente dessa atividade profissional. Já existe pelo menos um desses cursos no país, o curso de graduação em Interpretação português/LIBRAS, aberto este ano (2004), na Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro.

A oficialização da LIBRAS em nível federal trouxe consigo a conscientização da necessidade de treinar intérpretes de LIBRAS. Abriu as portas do vasto campo de pesquisa que compreende tudo o que circunda essa língua, incluindo a interpretação LIBRAS/português e as outras variedades de interpretação para os surdos, tais como, a gestual-táctil, para os surdo-cegos, e a em escrita codificada. Porém, aqui em Fortaleza, esse campo de pesquisa ainda é pouco explorado. Portanto, desejamos que este trabalho possa contribuir de forma relevante para os estudos sobre a interpretação em língua de sinais, e que possa estimular o interesse de outros pesquisadores locais nesse e em outros temas relacionados.

Bibliografia

ANN, Jean. Bilingualism and language contact. In LUCAS, Ceil (ed.) **The sociolinguistics of sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 33 – 60.

ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Linguagem de sinais**. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblías e Tratados, 1991. 8.

_____ **A sociedade do novo mundo em ação** (vídeo do filme exibido nos EUA pela primeira vez em 1954). Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblías e Tratados, 1996.

_____ **Cantemos louvores a Jeová**. Volume 1. Edição em Língua Brasileira de Sinais. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblías e Tratados, 2001.

BOUVET, D. **La parole de l'enfant**. Paris: Le Fil Rouge, Puf., 1989.

CAPOVILIA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe Língua Brasileira de Sinais**. Volumes I e II. São Paulo: Edusp, 2001.

DELANGHE, Oliver. La place de l'interprétation dans l'itinéraire scolaire, professionnel et universitaire d'un sourd. **Meta**, Montreal, v. 42, n. 3, p. 555 – 559. 1997.

DESPERTAI! A linguagem silenciosa dos surdos. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblías e Tratados, 22 de janeiro de 1961. 20 – 23.

_____ Um idioma que se vê! Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblías e Tratados, 8 de setembro de 1998. 19 - 23 .

DUBOIS, Jean *et alli*. **Dicionário de Lingüística**. Ed. 6-7-8-9-10. Tradução de: Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferreti, Dr. John Robert Schmitz, Dra. Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi. São Paulo: Cultrix, 1997 – 1998.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Ed. 1ª Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GAMAL, Muhammad. Court interpreting. In BAKER, Mona (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London and New York. 1998. 53 – 56.

GILE, Daniel. Mirror mirror on the wall: An introduction. **Target** 7:1, Amsterdam: John Benjamins, p. 1- 6, 1995.

_____ Conference and simultaneous interpreting. In BAKER, Mona (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London and New York. 1998. 40 – 45.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. São Paulo: Plexus, 2001

HORTÊNCIO, Germana F. H. **O perfil dos intérpretes de Fortaleza e o mercado local da interpretação**. Fortaleza: 2001. Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará.

HUMPHREY, Janice H. Chopping down and reconstructing a tree. **Meta**, Montreal, v.42, n. 3, p. 515 – 520. 1997.

INES. **A língua brasileira de sinais** [online] [cited 31/ 12/ 2001] <http://www.ines.org.br>.

_____ **O sinal e seus parâmetros** [online] [cited 18.03.2003] <http://www.ines.org.br>

_____ **O surdo e a história de sua educação** [online] [cited 18.03.2003] <http://www.ines.org.br>.

ISHAM, William P. Sign language interpreting. In BAKER, Mona (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London and New York. 1998. 231 – 235.

KOZLOWSKY, Lorena. **A Educação bilíngüe-bicultural do surdo**. In: LACERDA, Cristina B. F.; NAKAMURA, Helenice; LIMA, Maria Cecília. (org.) *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus, 2000. 84 – 102.

LACERDA, Cristina B. F.; MONTELATTO, Sueli A. C. **As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica**. In: LACERDA, Cristina B. F.; NAKAMURA, Helenice; LIMA, Maria Cecília. (org) *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus, 2000. 23 – 43.

LIDDELL, Scott k. **Grammar, gesture, and meaning in american sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NILSSON, Anna-Lena. Sign language interpreting in Sweden. **Meta**, Montreal, v. 42, n. 3, p. 550 - 554, set. 1997.

NOVAIS, Lourival. **O intérprete de tribunal, um mero intérprete?**: um estudo descritivo sobre o papel do intérprete nos Fóruns de Boa Vista, RR e Fortaleza, CE. Fortaleza, 2002. 180 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará.

O POVO. Inclusão: Encontro discute formas de educação para surdos (reportagem). 19 de março de 2004. 7.

PEREIRA, Maria Cristina C. **A língua de sinais na educação de surdos**. In: LACERDA, Cristina B. F.; NAKAMURA, Helenice; LIMA, MARIA C. (org.) *Fonoaudiologia: Surdez e abordagem Bilíngüe*. São Paulo: Plexus, 2000. 15 – 22.

PEREIRA, Maria Cristina P. Profissionalização e formação de intérpretes de LIBRAS. **Revista da FENEIS**, Rio de Janeiro, ANO III n. 18, p. 26 – 28.

PÖCHHACKER, Franz. "Those who do...": a profile of research(ers) in interpreting. **Target** 7:1, Amsterdam: John Benjamins, p. 47 – 64. 1995

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. São Paulo: Artmed, 2004.

REIS, V.P.F. **A criança surda e seu mundo**: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias. Dissertação de Mestrado. UFES, 1992.

REVISTA DA FENEIS. Sucesso no III Encontro Nordestino de Intérpretes (notícias regionais). Ano V, nº 17, janeiro – março. 19.

_____ II Encontro Carioca de Intérpretes: mais um passo para a legalização (reportagem) Ano V, nº 19, julho/setembro de 2003. 16 – 18.

ROCHA – COUTINHO, M. L. Algumas considerações a respeito do uso da língua de sinais pelos deficientes auditivos. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 8. Campinas, 1986.

SCHOLJOLDAGER, Anne. Interpreting research and the 'Manipulation School' of Translation Studies. **Target** 7:1, Amsterdam: John Benjamins, p. 29 – 45. 1995

SCHULZ, Andrea. Sign language interpreting in Germany on the way towards professionalism. **Meta**, Montreal, v. 42, nº 3, p. 546 – 549. 1997.

SELESKOVITCH, Danica, LEDERER, Monica. **Interpréter pour traduire**. Paris: La Sorbone, 1993

STOKOE, W. **Sign Language Structure**. Silver Springs, Maryland: Linstok Press, 1960.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1995.

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, Watch Tower Bible and Tract Society, Brooklyn, revisão de 1986, distribuída pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, Cesário Lange, SP, Brasil.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility. A history of translation**. London and New York: Routledge, 1995.

WADENSJÖ, Cecilia. An explanatory study of translation norms in simultaneous interpreting: methodological reflections. *In* JANSEN, P. **Translation and the manipulation of the discourse** (Selected papers of the CERA Research Seminars in Translation Studies, 1992 – 1993). Leuven. CETRA, 227 – 243, 1995.

_____ Community interpreting. *In* BAKER, Mona (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London and New York. 1998. 33 – 37.

ANEXOS

Anexo I

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
FAÇO SABER QUE O CONGRES-
SO NACIONAL DECRETA E EU
SANCIONO A SEGUINTE LEI:**

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

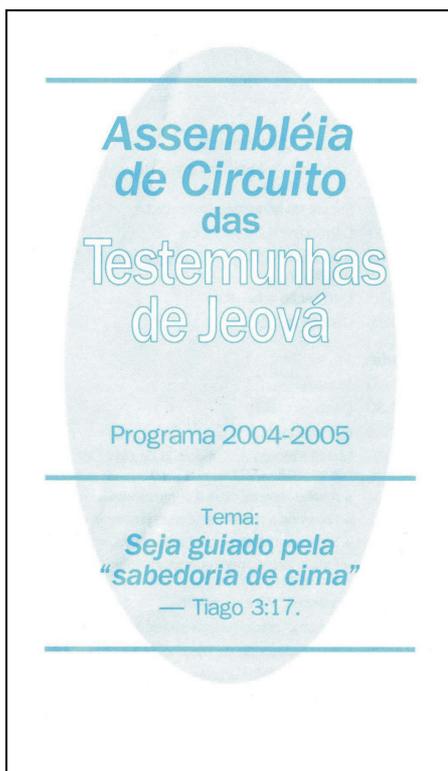
Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Dis-

trito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Paulo Renato Souza

Anexo II



SÁBADO	DOMINGO
<p>Manhã</p> <p>9h40 Música</p> <p>9h50 Cântico n.º 41 e oração</p> <p>10h00 "O temor de Jeová é o princípio da sabedoria"</p> <p>10h15 Escola do Ministério Teocrático</p> <p>11h00 Cântico n.º 42 e anúncios</p> <p>11h10 A verdadeira sabedoria está emitindo a sua voz</p> <p>11h35 Dedicção e batismo</p> <p>12h05 Cântico n.º 202</p> <p>Tarde</p> <p>13h20 Música</p> <p>13h30 Cântico n.º 88</p> <p>13h35 Experiências</p> <p>13h45 Manifestemos a "sabedoria de cima" na nossa vida</p> <ul style="list-style-type: none"> ● A sabedoria de cima é primeiramente casta ● Façamos a nossa parte para promover a paz ● Sejamos razoáveis ao tomar decisões ● Esteja "pronto para obedecer" às orientações da organização <p>14h45 Cântico n.º 73 e anúncios</p> <p>14h55 Aspectos adicionais da sabedoria de cima</p> <p>15h25 Fale a sabedoria de Deus assim como Paulo</p> <p>15h55 Cântico n.º 34 e oração</p>	<p>Manhã</p> <p>9h40 Música</p> <p>9h50 Cântico n.º 38 e oração</p> <p>10h00 Adquirir verdadeira sabedoria por examinar as Escrituras diariamente</p> <p>10h15 Empenhe-se pelas coisas que edificam</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Nem todas as coisas edificam ● Nas reuniões congregacionais ● No ministério ● No círculo familiar <p>11h00 Cântico n.º 65 e anúncios</p> <p>11h10 Resumo de <i>A Sentinela</i></p> <p>11h40 Demos atenção às necessidades do circuito</p> <p>12h05 Cântico n.º 25</p> <p>Tarde</p> <p>13h20 Música</p> <p>13h30 Cântico n.º 100 e oração</p> <p>Discurso público:</p> <p>"Como somos beneficiados pela sabedoria divina"</p> <p>14h25 Cântico n.º 97 e anúncios</p> <p>14h35 'Não se torne sábio aos seus próprios olhos'</p> <p>15h05 Agirmos com sabedoria divina nos protegerá</p> <p>15h35 Cântico n.º 45 e oração</p>

Anexo III

FP1: Tiago, na carta que leva seu nome, na Bíblia, contrasta a sabedoria de cima com a sabedoria humana, terrena. Por exemplo, talvez queira abrir a sua Bíblia na carta de Tiago, capítulo 3, versículo 5. Depois de mencionar certas atitudes de pessoas do mundo, ele disse assim: “Esta não é a sabedoria que desce de cima, mas é a terrena, animalésca, demoníaca.” Certamente, todos nós, irmãos, estudantes, concordamos que a sabedoria de cima é muito superior à sabedoria e filosofias humanas. Esta fonte da sabedoria de cima é Jeová e foi com bons motivos que o apóstolo Paulo, falando sobre Jeová, quando escreveu aos Romanos, no capítulo 16, versículo 27, ele disse assim: que Jeová é o “único sábio” e é dele que procede esta sabedoria sobre a qual estamos falando. Jeová, bondosamente, está disposto a compartilhar conosco sua sabedoria, mas isto, irmãos, não é automático. Não significa que todas as pessoas no mundo terão esta sabedoria sem fazer empenho por ela. É preciso que cada um de nós possa tomar atitudes, dar certos passos, para conseguir tal sabedoria. Vamos aqui mencionar algumas das coisas que são necessárias. Uma coisa necessária é nós tomarmos a iniciativa. E isto se torna bem evidente nas palavras aqui do livro de Provérbios capítulo 4, e notem aí no versículo 5 e depois no versículo 7, repetindo a expressão assim: “Adquire sabedoria, e com tudo que adquirires, adquire compreensão.” Então, esta expressão da Bíblia indicando que devemos adquirir a sabedoria mostra que precisamos tomar uma iniciativa. Pois do contrário, Jeová não dará ela a nós. Tem uma coisa que se faz necessária para nós adquirirmos a sabedoria, a ter que tomar esta iniciativa: é nós dedicarmos tempo para o estudo diligente da Bíblia. E aí, vai requerer, certamente, um esforço da nossa parte. Cada um de nós só vai conseguir ter o entendimento, ter a compreensão, pois a palavra sabedoria subentende “amplitude de conhecimento”, “profundeza de entendimento e compreensão”. E nós não vamos conseguir isto a menos que façamos um estudo diligente, regular da Bíblia Sagrada. Indicando a importância do empenho, do esforço da nossa parte, o capítulo 2 de Provérbios, novamente, note algumas das expressões neste sentido, por exemplo, no capítulo 2, no versículo 2 só a primeira parte, diz assim: “de modo a prestar atenção à sabedoria”, no versículo 4 diz: “se persistires em procurar isso como a prata, e continuares a buscar isso como a tesouros escondidos”, então, veja aí, expressões indicando o esforço necessário. Bem, aí o resultado, continua a leitura: “neste caso, entenderás

o temor de Jeová e acharás o próprio conhecimento de Deus”. E aí no versículo 6: “pois o próprio Jeová dá sabedoria”. Os irmãos perceberam algumas expressões indicando que é preciso fazermos algo para também conseguirmos a sabedoria de cima. Bem, tomar a iniciativa, um estudo diligente da Bíblia, com muito esforço, se faz necessário.

I1: BÍBLIA ABRIR EXPLICAR (aponta para a referência bíblica Tiago3:15, base da conferência, digitada, filmada da tela do notebook e projetada na tela da TV) T-I-A-G-O 3: 15 (usa a dactilologia para soletrar a referência bíblica, abre a Bíblia e acompanha em silêncio a leitura de Tiago 3:15 pelo conferencista) SABEDORIA-2 (introduz tema da conferência: a comparação entre dois tipos de sabedorias) 1. SABEDORIA JEOVÁ 2. SABEDORIA MUNDO (especifica as sabedorias, comparando-as em seguida) SUPERIOR, QUAL? SABEDORIA JEOVÁ SUPERIOR SABEDORIA MUNDO. HOMEM NOME P-A-U-L-O (usa dactilologia para soletrar “Paulo”) SINAL (equivalente do nome na cultura surda) PAULO ESCREVER: SABEDORIA JEOVÁ SUPREM@ JEOVÁ ENSINAR. JEOVÁ SABEDORIA EXCELENTE SEGREDO QUIET@? NÃO! ENSINAR, ENSINAR, ESPALHAR [sabedoria]. (apontando para a TV) VÍDEO CÂNTICO JEOVÁ ENSINAR ESPALHAR [sabedoria] SABEDORIA MUNDO (faz gesto como se estivesse empurrando algo à sua esquerda para fora do espaço de sinalização, indicando, que, daquele ponto da conferência em diante, aquela entidade, a “sabedoria do mundo” não será mais aludida) BÍBLIA, P-R-O-V-É-R-B-I-O-S 2:6 (dactilologia) FRASE (aponta para a referência bíblica na TV, abre a Bíblia, lê em silêncio o conteúdo da referência; aponta, novamente, para a TV, ouve o conferencista) JEOVÁ SABEDORIA DAR, ENSINAR, ENSINAR, ENSINAR...FÁCIL, JEOVÁ ENSINAR, ENSINAR, TODO@ FOLGAD@ PEDIR: JEOVÁ, ENSINAR ME, ENSINAR ME...PRONTO? NÃO, ESFORÇO. JEOVÁ ENSINAR. EU ESFORÇAR APRENDER, IMPORTANTE. COMO? 1º EXPLICAR, O QUE? 1. ESFORÇO SABEDORIA PERTENCER JEOVÁ CADA UM APRENDER. PARECER MENTE ABSORVER, ABSORVER [sabedoria] ELE DAR VOCÊ FOLGAD@ PEDIR, PEDIR: DAR, DAR, DAR [sabedoria] ELE ENSINAR? NÃO! 1. ESFORÇO APRENDER IMPORTANTE. TEMPO DIVERSÃO TRABALHO, ESTUDO ETC. ETC ORGANIZAR IMPORTANTE ESPERE! DIVERSÃO, TRABALHO ESTUDO, ISTO? (com as duas mãos em frente ao tórax, palmas voltadas uma para a outra, simula a distribuir as três atividades ao longo de uma linha imaginária do tempo da esquerda para a direita; em seguida, aponta para o que seria uma quarta atividade, faz a pergunta acima) TEMPO BÍBLIA ESTUDAR IMPORTANTE (o “ISTO” referia-se a

esta atividade). BÍBLIA, ABRIR, FECHAR, GUARDAR. FITAS VÍDEO (traduções de publicações bíblicas) ASSISTIR-NÃO CAPACITAÇÃO, SABEDORIA PODER? NÃO! TEMPO ORGANIZAR BÍBLIA ESTUDAR IMPORTANTE.

FP2: O programa ontem enfatizou a importância da sabedoria de cima em nossa vida. No entanto o que precisamos fazer para obtê-la? A primeira parte do programa desta manhã responderá esta pergunta. Intitula-se: “Adquira na vida sabedoria por examinar as Escrituras”.

I2: “ONTEM SÁBADO HONRAR JEOVÁ CADA UM. SABEDORIA DELE PEDIR, COMO? AGORA EXPLICAR ENTENDER. TÍTULO (aparece na tela de TV)

FP3: Sabedoria é uma das várias qualidades do nosso Deus Jeová. E nós somos exortados a copiar Jeová nesta qualidade também: adquirirmos sabedoria. Mas, como isso é possível? No dia de ontem nós consideramos algumas facetas da sabedoria como sendo razoável, pacífica e assim sucessivamente, como os irmãos anotaram e possivelmente relembrou ao voltar para suas casas. Mas como podemos adquirir a sabedoria? Vamos consultar a Bíblia, no livro de Provérbios capítulo 23. Esse texto de Provérbios nos dá algumas dicas de como adquirir a sabedoria. Provérbios capítulo 23, iremos ler o versículo 23. Se a maioria dos irmãos acharem... O texto diz: “Compra a própria verdade, e não a vendas; sabedoria, disciplina e compreensão”. Vamos tentar entender um pouco este texto. O proverbista menciona que é pra nós comprarmos a verdade. Entre as facetas da verdade está a sabedoria, disciplina e compreensão. Ao longo deste dia iremos dar destaque a comprar sabedoria. Mas a sabedoria é uma qualidade abstrata. Como nós podemos comprar a sabedoria? Bem, a palavra “comprar” significa “sacrificar ou renunciar a algo de valor por outra coisa de valor”. Ou seja, como “trocar”. O nosso tempo é muito valioso e pode ser usado para adquirir sabedoria de Jeová e colocá-la em prática em nossa vida. É como se nós estivéssemos trocando algo de valor que é o nosso tempo, as nossas energias, por outra coisa de valor que é comprar ou trocar pela sabedoria de cima. Assim nossa mente não se voltará para coisas gananciosas, coisas egoístas, imorais ou prejudiciais. Iremos trocar todas essas coisas prejudiciais por algo de grande valor que é a sabedoria. E diariamente, nós podemos fazer isso consultando informações importantes contidas em artigos de “A Sentinela” de um ano ou de anos anteriores como nós fazemos consultando o folheto “Examine as Escrituras”

I3: JEOVÁ SINAL SABEDORIA. PERGUNTA: JEOVÁ SABEDORIA VOCÊ@ BÍBLIA ESTUDAR, LER, ENTENDER NÓS JEOVÁ SABEDORIA NÓS IGUAL? SABEDORIA JEOVÁ, VOCÊ@ IGUAL, PODER? EU, VOCÊ@ IGUAL JEOVÁ? DUVIDAR! JEOVÁ SABEDORIA SUPREM@ TODO@ CONGRESSO ESTE ENSINAR SABEDORIA JEOVÁ CONSEGUIR. BÍBLIA EXPLICAR. OLHAR LÁ (aponta para a referência bíblica Provérbios 23:23 na TV) ESPERAR. BÍBLIA, ESTUDAR, LER BÍBLIA LER, APRENDER. CORAGEM BÍBLIA AJUDAR PENSAR: SABEDORIA CONSEGUIR, COMO? TODO@ BÍBLIA ESTUDAR, LER, APRENDER SABEDORIA NÓS, EU CONSEGUIR COMO? EXEMPLO: SABEDORIA AGORA APLICAR COMO? TRABALHAR SEGUNDA, TERÇA, QUARTA, QUINTA, SEXTA, SÁBADO. DOMINGO, REUNIÃO IMPORTANTE. HOMEM CHEFE MANDAR: “VOCÊ IR DOMINGO TRABALHAR”. EU ADMIRAR.(pensando visivelmente, sinaliza:) “DOMINGO EU TRABALHAR (sinaliza com o torso voltado parcialmente, para a esquerda, para o local pré estabelecido do “trabalho”) REUNIÃO (agora, o torso volta-se, parcialmente, para a direita, desta feita, para o local pré-estabelecido da “reunião”) DOMINGO IGUAL EU, QUAL? TRABALHAR REUNIÃO, QUAL? AH! IDÉIA! COMO? SABEDORIA TRABALHAR REUNIÃO MAIS IMPORTANTE QUAL? EU SABEDORIA BÍBLIA AJUDAR REUNIÃO IR. DIFERENTE REUNIÃO AQUI TER-NÃO DESPREZAR HOMEM CHEFE EU PEDIR: DOMINGO TRABALHAR PODER-NÃO REUNIÃO IR IMPORTANTE CHEFE PEDIR CONVERSAR, DISPENSAR TRABALHO (no domingo) REUNIÃO IR BOM (referência bíblica na TV: Revelação 3: 15) R-E-V-E-L-A-Ç-Ã-O 3:15(dactilologia)

FP4: Os que puderem são convidados a se porem de pé para cantarmos juntos o cântico de número 88, intitulado: “A Oração do Servo de Deus”, baseado em Tiago 3: 17. Cântico de número 88.

I4: AGORA CONGRESSO COMEÇAR. TODO@ (aponta para o título do cântico na TV) COPIAR PRECISAR 1º EM PÉ HONRAR JEOVÁ. TÍTULO: ADORAR JEOVÁ TUDO AGRADECER JEOVÁ

FP5: (Entrevistador) Atualmente, cerca de 6.000.000 de estudos bíblicos são dirigidos pelos servos de Deus. Através de bons métodos de ensino é possível ajudar estes estudantes da Bíblia até a dedicação e o batismo bem como a se tornarem adequadamente habilitados para ensinar outros. Para nos ajudar o Escravo tem fornecido em Nosso Ministério do Reino desde

julho de 2004, uma série de como dirigir estudos bíblicos progressivos. Que proveito e que resultados temos tirado de aderirmos de perto a estas sugestões? Neste sentido, nós convidamos aqui três irmãos para nos contar as suas experiências

I5: AGORA TERRA PESSOA@ ENSINAR BÍBLIA ENSINAR CONGREGAÇÃO@ ENSINAR ...TER PESSOA@ ENSINAR PESSOA ESFORÇO PREGAR AJUDAR PESSOA@ PROGREDIR BATIZAR PODER TODO@ CONGREGAÇÃO ENSINAR PRECISAR M-R JULHO 2004 ENSINAR BÍBLIA COMO? EXPLICAR JEOVÁ ABENÇOAR COMO? EXPLICAR. AGORA TESTEMUNHA DE JEOVÁ CONVIDAR.

FP6: (1ª entrevistada) Tenho percebido que nestes últimos dias Jeová tem nos fornecido muito alimento no tempo apropriado usando seu Escravo para isso. E um desses alimentos é os Ministérios de julho e agosto que vêm trazendo instruções em como a gente ter estudos progressivos, estudos que a gente pode se alegrar com eles. E o Ministério dá muitos exemplos. Ele fala da oração, de orarmos pelo estudante. Então, a oração é de grande importância para que o estudante possa conhecer plenamente a Jeová. E o outro método que o Ministério também fala, é de podermos nos preparar antecipadamente para poder dirigir estes estudos e o estudante vir a ter realmente amor a Jeová e pelas coisas Dele. Eu tenho obtido grandes resultados e grandes alegrias. Os resultados recentes que eu tenho são dois exemplos bem vistos na nossa congregação. Duas estudantes, elas estão fazendo progresso bem visto a todos. A primeira estudante, ela tem mais ou menos 1 ano e seis meses que estuda a Bíblia. Ela, recentemente, se matriculou na Escola. Ela já fez a primeira parte dela, e se saiu muito bem. A segunda estudante, essa 16 além de freqüentar todas as reuniões como a primeira, ela também tem feito muito progresso. Não só se matriculou na Escola, mas, recentemente, ela saiu como publicadora. Já tem dois meses que ela é publicadora. Isso é de grande alegria pra gente pois não só pra gente mas para Jeová, porque está glorificando a Jeová. Então, o Ministério, ele nos ajuda a ter estes estudos progressivos. Nos ajuda até a nos preparar para que nós possamos até ajudar esses estudantes.

I6: JEOVÁ AJUDAR MR MÊS JULHO/AGOSTO ENSINAR ALEGRAR BOM APRENDER BOM EXPLICAR ORAR BOM ENSINAR ESTUDANTE JEOVÁ CONHECER APRENDER ELE MR EXPLICAR EU TREINAR PRECISAR ENSINAR ALEGRAR BOM JEOVÁ ABENÇOAR EU FELIZ EXEMPLO-2

CONGREGAÇÃO ESTUDANTE-2 ENSINAR PROGRESSO 1.ESTUDANTE
 1 ANO MEIO BÍBLIA ESTUDAR MATRICULAR ESCOLA TEOCRÁTICA
 PEDIR EU AJUDAR PARTE EU ASSISTIR ADMIRAR BOM EU FELIZ EL@
 MULHER PROGREDIR AGORA PUBLICADOR@ MÊS-2 EU FELIZ BOM
 JEOVÁ FELIZ GLORIFICAR JEOVÁ PREGAR AJUDAR ME TODO@
 ENSINAR PROGREDIR MR AJUDAR TODO@

FP7: (2ª entrevistada) Bem, a gente sabe que a gente pode plantar, a gente pode regar, mas é Jeová que faz crescer. Então, em primeiro lugar nós precisamos da ajuda Dele para sermos bem sucedidos com os nossos estudantes. E, conforme já salientado, é fator essencial. Então, eu procuro sempre orar pra que Ele possa me ajudar a ajudar os estudantes. E outra coisa é dirigir o estudo visando atender às necessidades especiais de cada estudante. Por que nós sabemos que cada estudante tem as suas próprias provações. Então, nós temos que saber quais são essas provações e tentar ajudar....

I7: TODO@ NÓS PREGAR AJUDAR JEOVÁ ABENÇOAR JEOVÁ AJUDAR ABENÇOAR MINHA MÃO NÃO! JEOVÁ ABENÇOAR AJUDAR ESTUDANTE PROGREDIR ORAÇÃO IMPORTANTE EU ORAR JÁ JEOVÁ AJUDAR EU ENSINAR ORAR CONTINUAR...

FP8: (3º entrevistado) Eu faço parte da congregação Ellery, circuito CE-1, parte A. Sim, havia muitos presentes. E havia um rapaz que já havia estudado a Bíblia alguns anos anteriores, e nessa ocasião, aconteceu uma coisa bem interessante. Eu usei uma ilustração que tocou muito o coração dele. Eu disse que a fé dele, a nossa fé, seria semelhante a uma planta, que precisava ser regada, e ele tinha essa responsabilidade de regar isso. E aquilo parece que ficou...marcante. No final da reunião ele me procurou e disse que gostaria de voltar a estudar. Foi quando, então, eu me comprometi a fazer o estudo dele...

I8: PESSOA@ MUIT@. CONHECER HOMEM JOVEM ANO@ PASSADO JUNTO@ BÍBLIA ESTUDAR. REUNIÃO COMEMORAÇÃO MORTE CRISTO EU EXPLICAR, EXEMPLO: FÉ NOSS@ COMPARAR O QUE? PLANTA PRECISAR ÁGUA REGAR. ELE RESPONSÁVEL REGAR. ELE COLOCAR MENTE. COMEMORAÇÃO MORTE CRISTO PRONTO. EL@ HOMEM JOVEM CHAMAR ME: - EU BÍBLIA ESTUDAR ...